



SIRIARÁ



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Siriará e a Grande Árvore do Universo

Adriano Souto de Albuquerque

Fortaleza - Ceará
2019



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**

Secretaria da Educação

Camilo Sobreira de Santana
Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho
Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação

Jussara Luna Batista
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

Márcio Pereira de Brito
Secretário Executivo de Cooperação com os Municípios

Rita de Cássia Tavares Colares
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

Rogers Vasconcelos Mendes
Secretário Executivo de Ensino Médio e da Educação Profissional

Julianna da Silva Sampaio
Assessora de Comunicação

Ideigiane Terceiro Nobre
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Wilson Rocha Rodrigues
Orientador da Célula de Desenvolvimento Curricular, Educação
Científica, Ambiental e Competências Socioemocionais

Hylô Leal Pereira
Articulador da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Conselho Editorial

Prof. PhD. Rosendo de Freitas Amorim
Profa. PhD. Karine Pinheiro de Souza
Profa. PhD. Francisca Aparecida Prado Pinto
Profa. PhD. Fernanda Maria Diniz da Silva
Profa. Dra. Mirna Gurgel Carlos Heger
Profa. Dra. Betania Maria Gomes Raquel
Prof. Dr. Genivaldo Macário Castro
Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Profa. Ma. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Profa. Ma. Paula de Carvalho Ferreira
Profa. Ma. Ideigiane Terceiro Nobre
Prof. Me. Hylo Leal Pereira
Prof. Me. Jefrei Almeida Rocha
Profa. Ma. Lindalva Costa da Cruz
Profa. Ma. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Prof. Esp. Wilson Rocha Rodrigues
Profa. Esp. Anna Cecília Cavalcante Freitas
Profa. Esp. Maria da Conceição Alexandre Souza

Edição

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Revisão

Profa. Dra. Mirna Gurgel Carlos Heger
Profa. Ma. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Profa. Ma. Paula de Carvalho Ferreira

Projeto Gráfico
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

Normalização Bibliográfica
Elizabete de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A345s Albuquerque, Adriano Souto de.
 Siriará e a grande árvore do universo / Adriano Souto de
 Albuquerque. - Fortaleza: SEDUC, 2019.

149 p.

ISBN: 978-85-8171-247-5

1. Romance. I. Título.

CDD 869.93

www.seduc.ce.gov.br



www.facebook.com/EducacaoCeara

PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um processo de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino, está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance, Poema, Cordel, Novela, Crônica ou Conto). São produções de professores da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autores ou coautores das obras. Na seleção das produções acadêmicas, o Conselho Editorial adota os seguintes critérios: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observam-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos, em língua portuguesa, em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, mais uma vez, faz história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, em um processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Agradecimentos

Dedico esta obra a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que, não só ela, mas eu próprio existíssemos. A toda minha família, aos amigos verdadeiros, aos meus alunos e, em especial, a Skarlett Holanda Imperiano, minha musa inspiradora, e a meus filhos Arthur, Cauã, Geovana e Letícia, razão pela qual vivo.

Agradeço a Deus e aos ensinamentos de meus antepassados, desde os mais longínquos até os mais recentes, em especial in memoriam:

Mário Areal Souto
Helena Monteiro
Raimundo Areal Souto (Tição)
Agliberto Areal Souto (Jarrão)
Adriana Moura Souto de Albuquerque

Sumário

Tomo I - À procura de Tânatos 15

I - O Elemental e a Diáspora 18

II - Um Elemental do Tempo 22

III - O Elemental entre homens 31

IV - O Elemental e o elo perdido 38

V - O Elemental e El Capitán 48

VI - O Elemental, o homem e a amizade 55

VII - O Elemental e a liberdade 60

VIII - O Elemental e A lei do retorno 69

IX - O Elemental, o desbravador e a recompensa 73

Tomo II - O Encontro 83

I - O Elemental se encontra no meio do caminho 87

II - O Elemental se encontra no meio do caminho 93

III - O homem 96

IV - O Homem e a vida 100

V - A vida 102

VI - O homem e a descoberta da malícia 110

VII - A Malícia 116

VIII - A Redenção 124

IX - Tânatos 135

Epílogo 144

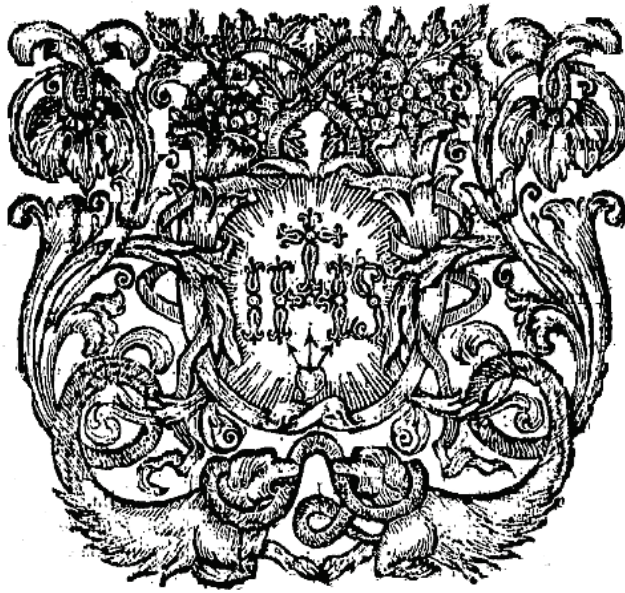
Os parceiros 149

Apresentação

Siriará e a Grande Árvore do Universo é um romance que, com o apoio de uma narrativa histórico-cultural, inicia com a criação do mundo, atravessa todo um processo histórico de nascimento de um povo e, através de uma miscigenação de gêneros e temáticas, que lembra o Antropofagismo pregado por Oswald de Andrade e toda a trupe de artistas dessa primeira fase do Modernismo iniciada pela grande Anita Malfati. Trata da relação do homem com o mundo que o rodeia, questiona as premissas do Humanismo e até onde elas levaram a humanidade dita moderna.

Tomada como metáfora da sabedoria, é a Grande Árvore do Universo o sábio que conduz Siriará no caminho que terá de percorrer para acontecer a evolução tão desejada. Caminho esse que todos os seres, um dia, terão de trilhar, pois quem tenta fugir de seu destino, nada mais faz do que somente adia-lo.

Por meio de um processo metonímico, um ser representa toda uma nação; contudo um desejo pessoal o move: o encontro com Deus. Mas isso só será possível depois de encontrar Tânatos; seu desejo pela morte não é nada mais que sua verdadeira busca pela redenção. Afinal, o fim é igual ao começo.



A Grande Árvore do Universo

Iluminura¹

Num velho manuscrito medieval,
Recoberto de pó, de muito tempo,
Inda rebrilha, em verde sem igual,
O Santo Graal com uma história dentro.

(Virgílio Maia; in “Palimpsesto & outros sonetos” Imprensa Universitária; Fortaleza 2004, p.60)

1. Tipo de pintura que em livros manuscritos da Idade Média representava cores, figurinhas, flores e ornatos miniaturais.

*“Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras!
Todas as coisas fizeste com sabedoria;
cheia está a terra das tuas riquezas.”*

Salmo 104 vs 24

Prelúdio

Depois do Universo, criou Deus o Planeta Azul, mínimo, um grão no deserto cósmico do Equilíbrio, contudo essencial para o porvir, só depois criou o Juazeiro. Dos ramos dessa árvore floresceu um povo de identidade forte e caráter definido.

Lá para trasmente, quando ao homem ainda não havia sido dada a permissão de no elemento terra morar; as noites e tudo o que existe vivia e interagia. O vento, o trovão e tudo o que existe era gente; as árvores, os animais, os insetos, os astros, tudo era gente e se entendia, pois a origem de toda comunicação foi uma só: o sopro Divino.

Tudo fora criado por Ngoamã, tudo fora criado de um grito Seu. Ngoamã abriu a boca e pronto! O mundo nasceu. As gentes nasceram. O tempo não era contado, era encantado, mesmo porque as gentes eram eternas em relação a ele. Os relógios eram outros, captados pelos sentidos mais primários.

O tempo fora a segunda gente a ser criada, a primeira fora o movimento, pai do vento, criado que foi pela voz do Criador.

Durante o início se ocupou Ngoamã somente em criar. E tudo fora criado conforme a necessidade, assim como acontece até hoje.

Ngoamã fez criar também uma perfeita cidade para abrigar todas as gentes, essa cidade ficava no centro do planeta em uma época, onde só havia um único continente cercado de água por todos os lados. Todos se socializavam em perfeita harmonia e viviam em comum, exatamente, por causa do primeiro presente da mãe Natureza a um ser criado: a humildade.

A cidade antiga, não obstante reformas do Criador, permaneceu no centro da terra e poucos são os que sabem dela, só os que lá moram ou já moraram podem saber sua localização. Nem mesmo a separação dos continentes abalou suas estruturas, esculpidas pelo vento e forjadas pelo calor da terra, seu posicionamento privilegiado em um sólido pedaço de continente garante uma perfeita harmonia no caminho que irá percorrer.

O lugar é paradisíaco, homens e animais sempre viveram em perfeita socialização, mesmo porque nessa polis há, ainda, o cheiro da presença de Deus, tanto que aquele que não respeitar a lei natural das coisas, imediatamente pagará o preço devido e ninguém precisa intervir. A lei, nesse lugar, são os elementos naturais a mando Dele.

Nada do que existe tem maior ou menor importância no Equilíbrio o qual move tudo que há. Desde o momento, no qual o centro motor da evolução fora acionado através do hálito Dele, tudo correrá conforme a vontade universal até que a Natureza, através da ordem Divina, gerou o homem e o colocou assim no seio de todas as outras gentes.

A gente homem, o ser mais perfeito criado por Deus, quando cresceu um pouquinho e acordou da humildade, que é a primeira característica dada a um ser criado, achou que era único no amor Divino.

Alguma coisa acontece exatamente na gente homem, talvez seja o livre-arbítrio. Mas quem somos nós para questionar o Criador? Eles, de várias formas, conseguem mudar o espaço ao seu redor, ao contrário da maioria das outras gentes, que têm que se adaptar ao mundo em que vivem. Por isso, acham-se únicos e privilegiados no amor de Deus, acham que só existe um ponto de vista: o deles.

É impossível uma formiga que chega ao seu formigueiro com informação de alimento ou de perigo estar mentindo. Qualquer outra gente pode dar informações seguras a respeito de qualquer assunto. As estrelas até hoje orientam jangadeiros na costa cearense. Contudo, a gente homem costuma mentir até para si própria.

Esquecem que, se eles são privilegiados, por adaptarem o mundo em que vivem e por serem capazes de criar, também o seria o vento, que modifica tudo e até seu próprio caminho se assim lhe aprouver, também, o seria o

tempo que modifica tudo e todos. Sem falar que os dois são grandes artistas: o vento faz lindas esculturas em rochas e outros ambientes e o tempo transforma a alma das gentes. Que outra coisa senão a arte poderia ter o poder de transformar? E nem por isso, acham-se únicos no amor de Deus, a gente homem, um dia, ainda irá aprender, que na vida, a colaboração é mais válida que a competição.

Mas se existe algo que nunca se pode fazer é generalizar. Homens houve e sempre haverá que nunca perderam a humildade inata da criação. Entre esses, conheceremos um grande sábio: Siriará, ícone de um povo.

Tomo I

À procura de Tânatos



Mapa de Fortaleza desenhado em 1726 pelos padres jesuitas

“Não existe maior inimigo da natureza do que aquele que se julga mais inteligente que ela, sem perceber que ela é a nossa melhor escola².”

“Se tua Alma sorri quando se banha à luz do sol de tua vida; se tua Alma canta dentro de sua crisálida de carne e matéria; se tua Alma chora dentro de seu castelo de ilusão; se tua Alma luta para romper o fio de prata que a cinge ao Mestre; fica sabendo, ó Discípulo, que tua Alma é da Terra.

Quando ao tumulto do mundo tua Alma que brota dá ouvidos; quando ao brado da grande ilusão tua Alma responde; quando se sobressalta diante das lágrimas quentes da dor, quando a ensurdece o clamor da angústia, quando a Alma se retira tal qual a tímida tartaruga para o interior da carapaça da individualidade, aprende, Discípulo, que do ‘Deus’ silencioso dela, tua Alma é um sacrário indigno³.”

2. Dr. Felipe Teofrasto de Hohenheim – Paracelso

3. Helena P.B. in A voz do silêncio. Ed.Martin Claret. 2009. p.34 e 35

A saga do cavaleiro alumiado

Quando o cinza destas terras vermelhas
Despertar o verde inocente
De suas veredas,
O cavaleiro alumiado surgirá
Pra varrer este sertão
De mato adentro e mato afora.

Serão noites tortuosas
Serão tempos passados
Serão dias vindouros
De sonho em pó
E lua crescente

Só a Morte sobreviverá.
Além do Juazeiro!



(1613 – Forte de São Sebastião - Nirez)

I - O Elemental e a Diáspora

*“Aprender o homem no chão
é aguçar o fio das palavras,
faca ferindo certa o espanto⁴.”*

Certa vez, um grupo de homens discutiu com a Grande Árvore do Universo, queriam ir embora da cidade, nunca mais voltar; o pai de Siriará, Tótis, tentou remover da mente dos revoltosos tal atitude, argumentando que já tinha ficado fora dos campos da cidade antiga e que nada teria dado certo para o grupo, o qual o ferreiro⁵ havia acompanhado. Mas foi em vão. Podiam ver a intimidade entre Tótis e o imenso Juazeiro que vivia no centro da pólis e não acreditavam que as palavras do homem fossem realmente verdadeiras. Achavam que ele estava querendo protegê-lo e não criam nas palavras do experiente metalúrgico. Já que ele, ao lado do filho e da mulher, teria sido um dos poucos que voltaram daquele primeiro grupo, que se aventurou fora dos imensos jardins, suas palavras e histórias foram em vão.

Os que se insurgiram contra a “lei-de-todas-as-gentes” disseram que por serem superiores deveriam ser servidos e somente servidos, afinal eram o ser mais perfeito criado por Ngoamã.

A Grande Árvore, um dos primeiros seres da cidade, retrucou que parâmetros haviam sido utilizados para que a gente homem fosse escolhida como superior, já que nenhuma das outras gentes tinha notícia de que tal fato fosse verídico.

Eles disseram que tinham o cérebro maior, andavam eretos, eram fortes e possuíam membros superiores e inferiores altamente capacitados para o domínio desta vasta terra.

4. Adriano Espinola; in Beira-Sol/João; TOPBOOKS; p.75

5. ou Carvoeiros, como eram denominados os antigos Alquimistas.

Disse, ainda, um deles que havia tido um sonho e que nesse sonho o próprio Ngoamân Ihe havia revelado que eles eram os seres supremos, ou seja, os seres para quem Ele havia criado tudo e todas as gentes. Seus pares aplaudiram - no.

A Grande Árvore esperou que se aquietassem e, logo em seguida, deu uma gargalhada que inundou toda aquela região, onde, hoje, o monte tem a forma de caveira, lá pros lados das furnas de Aracoiaba, local de muitas onças. Logo depois, o Sábio Vegetal argumentou tranquilamente, ao sabor do seu primo vento, que realmente seria impossível que o Grande Criador houvesse dito tal iniquidade. Já que ele mesmo, ciclos atrás, quando fizera a viagem de sua terra natal, local que hoje chamamos de Baturité, até àquelas paragens, já sabia da futura serra (ela, sim, chegou a ouvir a voz Dele) que todas as gentes deveriam socializar-se, pois o mundo se reduz a uma única palavra: Equilíbrio.

“Um dia todas as gentes voltarão à forma primitiva de ser um só, enquanto isso não acontece, todos devemos nos respeitar e nos ajudar para que aconteça o Equilíbrio necessário para que as gentes estejam preparadas para voltar ao Criador.”

Foi assim que a futura serra havia convencido uma semente, receosa de deixar sua família, de que ela deveria fazer sua parte para que a Harmonia gerasse seus filhos. A semente tinha medo de ser engolida pelo pássaro e perder seu recheio. Contudo, muitas vezes para se ganhar é preciso perder.

E, dessa forma, se fez. A semente viajou na barriga de um pássaro, que muitos rios depois pousou aqui. E hoje essa pequena semente, que tinha medo de aceitar o Equilíbrio, tornou-se a Grande Árvore do Universo.

Isso tudo aconteceu antes do pai, do pai, do pai, do pai, do pai ... do homem vir até estas paragens, pois a ele ainda não era dado o direito de caminhar sobre a terra. E, durante todo esse tempo, o Sábio Vegetal tinha visto todas as gentes vivendo em perfeita harmonia.

Os homens demandaram que não poderiam mais acreditar na sabedoria da Grande Árvore, pois viviam mal, dormiam mal e comiam mal. As outras gentes eram grosseiras e estavam adaptadas perfeitamente àquela vida grosseira, sem regalias. Já os homens tinham a evolução a seu favor, eram o ser mais perfeito já criado por Deus. Pediam licença, iriam se retirar.

A Grande Árvore dá de ombros, conhece a lei do livre-arbítrio. Só não entende o que eles querem dizer com “vida grosseira” e “regalias”. Na verdade nunca havia ouvido aquela comunicação antes. Porém, sabe, por experiência, que a gente homem adora inventar comunicação diferente da do receptor para confundi-lo. E dessa forma, tirar algum proveito da situação, um dia os gregos chamarão isso de Retórica e os romanos, de Política. Sabia que o homem poderia até ser a criatura mais perfeita já feita por Deus, entretanto isso não a classificaria como superior às outras.

Contudo é Tótis quem fala mais uma vez:

“Vocês dominam a linguagem da terra, mas não a do fogo. Seus ferreiros ainda são aprendizes na minha oficina. O uso errado de determinados conhecimentos pode gerar grandes decepções para os que invocarem tal força. Sem falar que as linguagens da água e do ar são tão maleáveis quanto eles próprios. E fora desta cidade têm mais poder do que podemos imaginar.”

O líder da gente homem deu risadas e disse que, se Tótis havia fracassado um dia, isso não significava que todos iriam fracassar, tinha de ir, pois caso contrário, não haveria o Equilíbrio necessário para que a gente homem estivesse preparada para voltar ao Criador. Quanto aos elementos, ele os conhecia bem, não os temia já que ele próprio era o quinto.

E foi assim que a maioria dos homens saiu do paraíso e se afastou pouco a pouco das outras gentes. Diziam-se os bem-feitores escolhidos por Ngoamã e que, dessa forma, todas as outras gentes deveriam servi-los. Muitos acreditaram na nova comunicação criada pelos líderes; outros, não. Contudo muito homem é onda.

O vento e as nuvens, ainda hoje, brigam com os homens de vez em quando, chegando às vezes ao extremo, é que o vento é muito temperamental. A Grande Árvore ainda disse para o vento que ele “deixasse isso de mão”, que o homem, um dia, iria perceber que será preciso a união de todas as gentes para que a harmonia gere seus filhos, que a revolta não gera harmonia. Mas o vento é realmente temperamental.

Com a retirada da maioria dos homens da cidade antiga, a Grande Árvore ainda indagou ao vento: “Tu, que és bem mais antigo que eu, Tu que ainda és resquício do bafo de Deus, dize-me: poderiam eles estar certos?”

Respondeu-lhe: “O que sei, por outros antigos, é que as células de tudo que existe, um dia já foram uma só. Nos primórdios da existência, havia somente a Unidade e então a Unidade se dividiu.

Durante eras, Ela formou fogo, terra, água, fauna e flora. Todos no universo, de alguma forma, estão ligados, os seres animados e os inanimados. Não ligue para o homem. Ele transformou a palavra em sua arma natural. Talvez por sua imaturidade e soberba, não perceba que Ngoamãñ lhe deu dois ouvidos e apenas uma boca para que ouça mais e fale menos. Vamos rezar para que ele um dia descubra coisas óbvias como essa.



II - Um Elemental do Tempo

A flor diz: “Olho sempre para cima, a fim de ver a luz e não a minha própria sombra.” Esse é um aspecto da sabedoria que o homem ainda não aprendeu.⁶

Gibran Khalil Gibran

No começo do Tudo, as gentes falavam a mesma língua, pois a origem de toda comunicação foi o sopro Divino. Os homens, que se retiraram da cidade antiga, organizaram um novo tipo de comunicação e construíram civilizações. Assim, segundo eles, ficavam provados a superioridade e o grau de evolução da gente homem. Havia ainda naquela polis poucos homens, alguns que ainda acreditavam na sabedoria da Grande Árvore.

Entre esses remanescentes, estava Siriará, nome dado devido à refeição de sua mãe momentos antes do parto ter sido um crustáceo grande e branco, a que eles davam o nome de siri “correr pra trás” e Ará “branco,” muito abundante na barra que se formava alguns quilômetros antes do encontro de um rio com um imenso vale, local onde desembocava no mar. Rio esse inicialmente, conhecido como Itarema e, depois, como Ceará, na época muito caudaloso, em uma região, a qual um dia as condições geológico-estruturais formaram nossos planaltos sedimentares: Ibiapaba, Araripe, Apodi. Formaram ainda, após a separação da placa tectônica-mor, a planície litorânea e os Glacis pré-litorâneos até as depressões sertanejas; passando, é claro, pelos maciços residuais como as serras de Baturité, Maranguape, Meruoca e Machado.

Siriará é conhecedor dos caminhos dessa terra. Ele já estava aqui quando os continentes se apartaram, cumprindo sua missão de se dividir para um dia se unir novamente. Muitas vezes é perdendo que a natureza ganha.

Foi ele próprio que decidiu ficar deste lado do grande continente, não porque estaria aqui a cidade antiga, mas porque se socializava melhor com as

gentes daqui. Conhecia todo tipo de comunicação, pois ainda havia nele o sopro Divino. Bastava escutar os primeiros fonemas para logo em seguida comunicar-se com quem pudesse criar comunicação. Percorria todos os caminhos e era chamado por todas as gentes de Piguara - senhor dos caminhos.

E assim, por conhecer todos os caminhos e, inclusive, a nova comunicação, criada pelos seus, é que a Grande Árvore o nomeou interlocutor, entre eles, os homens e as outras gentes, a fim de tentar uma reconciliação.

Deveria convencer a gente homem de que a vida só é plena quando repartimos. “A vida, na realidade, é cooperação e não competição com seus equiparáveis,” disse-lhe a Grande Árvore. Se quisessem poderiam os homens voltar para a Cidade de Antanho, afinal de contas lá ainda havia o cheiro da presença de Deus.

A Árvore sabia que, com a saída da maioria da gente homem da cidade, os poucos que ficaram iriam sofrer evolução diferenciada daqueles. Estava sendo criada mais uma gente: a dos elementais. Sabia também que todos os elementais deveriam, um dia, voltar ao estágio humano, pois é assim que age o Equilíbrio: o fim sempre é o início. Mesmo porque eles perderam seu livre-arbítrio, quando se escolhe seguir o caminho do bem. Não se deve possuir alternativas, só há um caminho por onde ir. É como uma cobra a engolir o próprio rabo, deitada, formando um oito.

Siriará jamais conseguiu, todavia, remover da mente humana a ideia de superioridade e a de que os homens deveriam ser servidos e somente servidos. Terminou ele mesmo desistindo de tal proeza, principalmente quando viu as gerações do homem afastaram, cada vez mais da humildade, que é a primeira característica dada a um ser criado.

E depois que os continentes se separaram, a harmonia, entre todas as gentes e a maioria dos homens separou-se com eles, quem sabe quando um dia tudo voltar ao Uno, eles percebiam o óbvio. Pensou o sábio.

O Piguara detinha todos os conhecimentos que às gentes foram concebidos desde a criação. Havia sido gerado à sombra da Grande Árvore e à sombra dela sua mãe o dera à luz.

Ele resolvera se abster de sexo, sabia que os prazeres carnavais prendiam o ser ao seu corpo e à força terrena que um dia seria chamada de gravidade, um dos grandes inimigos do homem. Absteve-se também de tudo o que o prenderia à nova ordem criada pela quebra de harmonia entre as gentes, desencadeada pelos homens, como cobiça por bens materiais, consumo de carne, entre muitos outros.

Todas as gentes percebiam a mudança da antiga ordem universal, menos eles, alguns deveriam estar percebendo, mas não tiveram forças nem argumentos para convencer a maioria. É que muitos homens são ondas.

Quando as terras se apartaram, seguindo seu curso normal, eles disseram que era hora de se dividir e a partir daí tudo só é divisão entre os homens. Nada, ou muito pouco, de união entre os irmãos é o que vemos até hoje.

O Piguara vivia entre o dia e a noite, no sertão, nas serras, no litoral e nunca abandonara de vez a cidade antiga nem os preceitos de Equilíbrio que sempre nortearam sua vida desde que fora dado por sua mãe à luz. Formara-se nele um amor incondicional a todas as gentes, ou como dizia a nova comunicação humana: a todos os seres vivos, do animal ao vegetal, do graúdo ao miúdo. Alimentava-se de mel, leite, vegetais e frutas, mas não antes de agradecer a Deus pelo alimento e de agradecer a terra pelo santo excremento que o alimentava, pela vida que nutria outra vida, tornando-se, não finda, mas uma continuação dentro de um plano maior e mais evoluído.

Não comia carne, alimento tão apreciado pelos homens. Seria com bastante pesar que conseguiria transformar os seres, por quem criara um amor fraternal, em alimento. A não ser aqueles que tinham plena consciência de sua função transformadora de energia, como as frutas ou no caso de pura necessidade vital.

Um dia sentado à sombra da Grande Árvore, indagara por que seus irmãos não conseguiam compreender o óbvio e por que o tempo não agia da mesma forma com os homens e as outras gentes. Disse que os filhos dos filhos deles já não entendiam mais a comunicação universal e se afastavam cada vez mais da busca pela Harmonia.

O vegetal disse-lhe que os homens, ao sair da cidade antiga, tiveram que desenvolver um instinto de sobrevivência, diferente do que possuíam ali.

Dizia que os bebês humanos são muito vulneráveis, pois nascem antes da hora: “o cérebro humano ainda não está totalmente formado no momento do nascimento, caso contrário o parto seria uma aventura incerta.”

O Sábio Vegetal disse-lhe ainda que de alguma forma, alguns homens desenvolveram uma eterna insatisfação. De modo que sempre estavam em busca de algo e sempre de algo a mais de sua própria necessidade.

Siriará então perguntou se era errado isso de se querer sempre mais. A Grande Árvore disse-lhe que não, desde que a busca pelo Equilíbrio não fosse perturbada. “Ademais Deus criou tudo e tudo é das gentes.”

Perguntou o grande Piguara: “Mas se somente alguns desenvolveram essa eterna insatisfação, como há tão poucos na cidade antiga e tantos espalhados fora dela?” no que lhe respondeu o Sábio Vegetal:

“Eu não tenho as respostas de todas as perguntas, querido Piguara, porém, pelo demorado convívio que tive com os de tua origem, percebi que a maioria nasceu com vocação para ser dirigida e poucos com a de dirigir. É incrível a necessidade que o homem tem de ter alguém para direcioná-lo no caminho o qual deve tomar, mais incrível ainda a necessidade que ele tem de querer saber as respostas de todas as perguntas. Enquanto eu respondia as perguntas, demandadas por eles, respeitavam-me. A partir do momento que perceberam que não tenho todas as respostas, então me consideraram inferior. Foi aí que alguns tomaram a frente e começaram a dar respostas que os outros acharam convincentes. Eu tentei explicar-lhes que somente Ngoamã tem as respostas, já que Ele próprio é ao mesmo tempo perguntas e respostas, tentei explicar-lhes que um dia todos teremos a chance de indagar-Lhe pessoalmente, mas não criam mais em mim. Temo que um dia algum ou alguns homens cheguem a pensar que são o próprio Ngoamã.”

Nisso Siriará que calado estava, calado ficou e lamentou a atitude da maioria dos homens. Sabia que um dia todos terão a chance de falar pessoalmente com Ngoamã. Esperava, ansiosamente, seu dia.

Sabia ainda o Sábio que alguma coisa lhe faltava, sabia que era resquício de sua origem homem e que não poderia, assim como qualquer outro ser, fugir de seu destino. Esse era o preço pago pelo livre-arbítrio, que ele, não sabia por que, possuía. Era o único ser que mesmo não sendo mais propriamente um homem tinha livre-arbítrio. Qual a razão?

Nem a Grande Árvore sabia.

Pensou ele: “o homem constrói seu próprio destino e quando ele chega não tem volta. Todo fruto depende da forma como a semente foi semeada e cuidada.”

Mas o que tinha construído até então? Sobrevivia, apenas isso, até seus pais já haviam tido o privilégio de ter com Ngoamãn. Olhava à sua volta, não havia ali, na cidade antiga, mais tantos elementais. Era ele um dos poucos que restaram daqueles que resolveram permanecer. Todos os outros já haviam tido o privilégio de novamente tornarem-se homens e ter com Ele. Mas o tempo não agia com ele da mesma forma que agia com as outras gentes, tudo passava, principalmente as coisas da natureza.

Indagava à Grande Árvore o porquê de sua sorte ser assim. Queria ter com Deus, contudo o máximo que conseguia era senti-Lo e sentia que não era chegado seu momento.

O sábio vegetal lhe dizia que Ngoamãn tem um plano especial para cada uma de suas criações, que bastaria cada qual ficar em seu cada qual, observando o princípio básico do Equilíbrio: o respeito a todas as gentes.

Disse ainda que esse plano teria uma relação direta com o restabelecimento do Equilíbrio. Caberia a Siriará descobrir qual seria seu papel na retomada da Unidade. Contudo, uma coisa era certa: não estava ali, na cidade antiga, sua verdadeira missão.

Foi assim que Siriará partiu mais uma vez daquele lugar que tanto o deleitava e buscou em outras paragens conhecer a si mesmo e a gente homem que o originara, de alguma forma sabia que sua missão tinha relação com essa gente, dessa gente eram os pais dele. Contudo, ele próprio não se julgava gente homem, tinha todos os aspectos físicos deles, mas não se alimentava como eles. Tinha se absterido de sexo, de determinados alimentos, tinha plena consciência do Equilíbrio, coisa que a maioria dos homens já havia perdido. Apesar disso, sentia intimamente, era com essa gente que estava seu verdadeiro destino.

Siriará lembrou a primeira vez que saíra da cidade antiga, um grupo de homens havia percebido que existia um mundo fora dos longos jardins da cidade, perguntaram à Grande Árvore, como saíam do vale que guardava a

polis de antanho. Ela os ensinou, mas não sem antes alertá-los sobre os perigos do mundo lá fora. Não falaram a verdade em relação à sua viagem, disseram que só queriam explorar, mas em colóquio comum decidiram que eram superiores e que deveriam ser servidos e somente servidos. Portanto formariam uma nova civilização, onde a gente homem seria a principal no amor divino.

Tinham tudo para ser o principal ser, possuíam o cérebro maior, andavam eretos, eram fortes e possuíam membros superiores e inferiores altamente capacitados para o domínio desta vasta terra que sumia perante os olhos.

Entre os homens que partiram com o intuito de construir um novo mundo, estavam os pais de Siriará, seu pai havia lhe dito: “Os homens, meu filho, são ondas de um mesmo mar e por isso devem ser solidários”.

Pena que nem todos pensassem assim. Só depois perceberia a figura paterna.

Caminharam ao encontro do norte: “Lá nascerá uma civilização que iniciará uma nova fase do Equilíbrio, meu filho”. Disse-lhe, ainda, o pai que deveriam desligar-se para sempre da cidade antiga a fim de que o Destino seguisse seu rumo. Com isso, nosso jovem sábio iria aprender que uma das coisas que acelera a evolução é quando exercemos o direito divino de mudar nosso ponto de vista, nosso modo de ver e interpretar o mundo. Seu pai também iria aprender tal princípio.

Tótis era um homem maduro. Vivera desde então na cidade antiga e era profundo conhecedor da linguagem do fogo: a metalurgia, considerada ciência sagrada pelos seus pareceres. Ao contrário de outros que se foram da cidade porque se achavam o único objetivo do cuidado de Deus, ele ia porque no íntimo sabia que para se ganhar, muitas vezes, é preciso perder.

Toda aquela situação não era, naquele momento, entendida de forma clara para o quase adolescente Siriará, recém-iniciado na linguagem do fogo por seu pai. Para ele, estavam apenas saindo do paraíso, em que poderiam viver para sempre, em busca de algo utópico e em um mundo extremamente perigoso e em constante mutação.

Tótis terminou por dizer, batendo no ombro do filho: “Chega um

momento na vida de um ser que ou ele segue em frente e morre tentando ou morre parado.”

Um dia o Sábio entenderia melhor essas palavras. Sempre fora assim, seu pai o ensinou a fazer; sua mãe, Flora, a sonhar.

Passaram por vários pastos e florestas, alimentavam-se principalmente de frutas. Contudo alguns homens perceberam que a carne da caça e principalmente sua gordura garantia uma fonte mais durável de energia, e passaram a incluir a carne de alguns animais em sua dieta. Hábito não usado pela família do ferreiro, já que ele conhecia bem como achar raízes, frutas e sementes para preparar uma sopa bastante energética. Sabia ser a carne um alimento que cobra muito mais do que dá.

A manipulação do Fogo e dos minerais em geral foi sempre considerada um artifício sagrado pelas civilizações mais arcaicas, pois essas civilizações não distinguiam as atividades espirituais das práticas. Era sagrado tanto a prática da caça, quanto a feitura de um manto de couro de animal.

Desde tempos imemoriais na concepção humana, o homem da cidade antiga já tinha contato com o ouro e a prata. Tais metais não possuíam valor pecuniário, seu valor material era secundário. A magia de tais metais deriva de sua essência sagrada, da sua perfeição qualitativa. O ouro possui a mesma essência que o sol e a prata possui a mesma essência que a lua. Ora, pela natureza sagrada de tais metais é que a obtenção deles deveria ser prática de um sacerdote, talvez por isso é que a cunhagem de moedas desses metais começaram a ser feitas pelas primeiras teocracias. Na tradição metalúrgica, o fundidor era considerado partícipe de uma casta sacerdotal que, acreditavam, possuía poderes divinos.

Tótis não tinha exatamente essa concepção, não cria que tinha poderes divinos, mas apoio divino, dominava alguns elementos da natureza, mas isso não seria poder divino, senão conhecimento do mundo. No entanto via sua prática como aproximação do Ser Supremo, como sua parte no caminho do Equilíbrio. E portanto sempre seguiu os preceitos que a Grande Árvore lhe havia ensinado: respeito a todas as gentes.

Desde os primeiros anos, Siriará já presenciara dissensões entre os homens, os grupos se separaram em várias direções. Nessa época os

continentes ainda não haviam se distanciando tanto, de modo que para todas as direções a gente homem povoou a Terra.

E como se reproduz essa gente.

O grupo que o ferreiro acompanhou seguiu em direção ao Norte, contornou elevações, passou por intermináveis prados, atravessou desertos e por fim, descobriu um delta formado por dois grandiosos rios que o conselho de idosos disse ser a dádiva daquele povo.

Uma grande nação iniciaria ali de fato.

Em uma sociedade bem organizada a posição do fundidor era de destaque e não demorou para que o pai de Siriará recebesse propostas para apoiar determinados líderes em detrimento de outros. Uma verdadeira falcatrua da qual o ferreiro recusou participar e, por isso, conseguiu os primeiros inimigos.

E como em todo grupo existe politicagem, os líderes que possuíam inimizade com ele chegaram rapidamente ao poder. Temendo pela sua segurança e da família, Tótis preparou sua bagagem de coisas e decepções e fugiu na calada da noite de volta para a cidade antiga. No caminho, encontrou alguns grupos vivendo em petição de miséria e todos os que quiseram acompanhá-lo foram bem recebidos pela Grande Árvore.

Na opinião do ferreiro o homem ainda não estava preparado para o mundo e, depois da experiência que teve, chegou a achar que nunca estaria. Havia aprendido que basta um pouco de poder para não se ter mais o mesmo homem.

E assim, feliz, Siriará voltou ao local que tanto aprendera a amar. Só nunca pensou que poderia viver toda aquela situação novamente, dessa vez consciente do que estava acontecendo, mas viu quando pela segunda e definitiva vez, a gente homem marchou para fora da cidade antiga. Agora, era ele quem se retirava.

Naquela época em que a maioria dos homens saiu da cidade antiga, seus pais ainda estavam em sua companhia e juntos a ele lamentaram tal atitude.

Seu pai ainda disse: “Lembra, filho, quando eu te falei que na natureza, muitas vezes, é preciso perder para poder ganhar? Um dia os descendentes deles irão sonhar com este lugar, porém só o terão guardado no coração, no entanto lá fora terão a majestade que tanto procuram, embora tal majestade não possa ser um bem comum.

Alguém tem que pagá-la.

O Sábio, naquele momento, ficou na cidade antiga e, com os ensinamentos de seu pai, somados aos ensinamentos da Grande Árvore, se tornou o Elemental do Tempo e Piguara: senhor de todos os caminhos da Terra. Contudo, chegada era a hora de novamente partir.

III - O Elemental entre homens

O trovão e o paricá presidiam, no fundo, aos movimentos da Onça Invisível do Universo. Como as drogas e a fissão nuclear constituem, hoje, as mais graves ameaças dos tempos modernos. Não há dúvida, portanto, quanto às suspeitas e aos receios dos mestres dessanas. Boléka foi mesmo sequestrado pelos brancos. Boléka é sabença.⁶

Há mais ou menos 150 milhões de anos na contagem dos homens, o Ceará era parte do que é hoje a cidade de Lagos, na Nigéria. Naquele tempo, Siriará lembrava: o maciço de Baturité não passava de uma pequena elevação. Passados 50 milhões de anos, o Atlântico sobrepujou o continente e, cortando-o, elevou o maciço e rebaixou a zona litorânea, fazendo assim sua parte na busca do Equilíbrio.

Separar, muitas vezes, é a única maneira de juntar. A mãe natureza é muito sábia.

Mais 40 milhões de anos se passaram e o vento, uma das primeiras gentes a ser criada, metamorfoseia, a mando do Divino, seu caminho.

Mudada radicalmente a direção de todas as coisas, muitas gentes tiveram que repensar seu mundo depois disso.

Cascalhos e argilas fugiram do sertão, passaram pela serra de Baturité, depois pela praia e se fixaram na baixa zona litorânea da futura Fortaleza a terra teve de deixar de ser rocha e se transformou em sedimento. Os sedimentos proporcionaram a vinda de lençóis d'água subterrâneos que deram à luz rios e riachos.

Dunas nasceram dali e criaram-se lagoas litorâneas e costeiras, toda uma vegetação floresceu e nichos ecológicos se formaram.

O oceano e as terras ainda não haviam terminado seu serviço

6. Jorge Tufic-Quando as noites voavam; Editora Valer; p.13

primário e, por isso, aceleraram determinados processos: o nível do mar, durante milênios, ora subia, ora descia, erodindo e sedimentando o terreno que ele alçava. Depois o mar desceu e se estabilizou em verdes mares bravios, formando um desnível entre a praia e planícies litorâneas.

Entre esse desnível, uma nova geração de lagoas foi se formando, rios cresceram e, instintivamente, buscaram o mar. Não há dúvida de que eles estão intrinsecamente ligados.

Siriará vislumbrou o horizonte por cima das dunas, que, um dia, foram deserto. Naqueles dias eram os “lençóis cearenses”, quase na altura de onde iriam erguer um forte que daria início a uma grande cidade.

O Sábio viu bem próximo à costa algumas naves. Eram as embarcações do espanhol Vicente Yanez Pinzón que, por primeiro, singravam mares tupiniquins.

Percebeu que faziam manobras dando a entender que parariam lá na enseada do Mocoriba.

Quando em meados de janeiro do último ano do século XV, aqui chegou o Homem de Palos. Encontrou imensos lençóis de brancas dunas, por muitos quilômetros, desde o que, hoje, conhecemos como a Barra do Ceará, passando pelo Pirambu, Leste-Oeste, Praia de Iracema, Beira-Mar, até o Caça-e-Pesca, Sabiaguaba e mundo a fora. Várias lagoas iriam resistir bravamente durante os tempos.

O Sábio tinha visto nascer e morrer muitas gentes, principalmente lagoas, que são muito inofensivas, dizia: “São águas que do céu caem e preenchem espaços vazios. E isso é uma grande ação perante o Equilíbrio. Só que, estanques, não têm autonomia em relação a sua sobrevivência, ficam à mercê de todas as intempéries; mas, dentre elas, seu maior inimigo é sem dúvida o vento.”

Mudaria de opinião quando começasse a entender o sintagma: especulação imobiliária.

O Piguara chegou à praia no momento em que os espanhóis levantavam uma cruz simbolizando a posse física e ideológica da terra que, por motivo político e histórico, nunca se daria.

Os marinheiros avistaram a imagem do Sábio de longe. Espantaram-se com aquela bela figura. O corpo, moldado pelo empirismo das caminhadas e por uma boa alimentação, contrastava com o da maioria da tripulação esquelética, desdentada pelo escorbuto e mal alimentada principalmente com bolacha e carne-seca. Os cabelos longos e brancos, a pele morena e lisa, sorriso branco e sadio, uma estatura ereta e imponente descia as dunas mais altas em direção ao local daquela crucificação simbólica.

Os homens ficaram nervosos, haviam sido atacados algumas léguas, antes pelos pitiguaras quando desembarcaram na praia. Apesar de já dominarem o conhecimento da pólvora e das armas forjadas em metal, tiveram que bater em retirada em virtude da diferença numérica. Foram perdas significativas para pelo menos uma das naus.

Contudo, o semblante da figura indígena transmitia serenidade, ele sempre muito calmo, cruzou os braços a frente do peito e curvou o corpo, sem retirar os olhos da tripulação a sua frente, em sinal de paz. O homem, que dava ordens, tentou comunicação com ele, o Piguara o escutou atentamente por alguns minutos, tentando decodificar aquela linguagem, um dos passatempos prediletos dele era aprender novas comunicações.

Dizia o que comandava que eram pessoas de paz querendo fazer negociações comerciais, escambos, troca de informações...

Siriará lhe respondeu que nada do que eles possuíam interessava a ele, mas que poderia servi-los no que precisassem, pois eram gente homem e mereciam toda sua consideração. O homem estranhou e indagou-lhe como conhecia a língua de seu povo.

O Sábio disse-lhe que toda comunicação havia tido uma única origem, que seus pais o haviam instruído na língua mãe e através dela ele se comunicava em todas as línguas.

O imediato entendeu pouco e sacando de um pequeno punhal na cintura, apontou para o cabo da arma e perguntou se ele já havia visto por aquelas paragens metal como aquele. O Piguara logo reconheceu o metal, como sendo a prata, seu pai o havia iniciado na arte alquímica, ele conhecia todos os elementos que formam as coisas. Disse que naquele estado, pronto já, naquelas paragens, a prata não se encontrava ainda. Teriam de esperar um

tempo maior que suas vidas e as vidas de várias de suas gerações para encontrá-lo naquele estado. Mas se ele tivesse tempo e paciência, Siriará poderia transformar metais que já estão no caminho da evolução daquele metal e, assim, eles poderiam carregar uma embarcação como aquela, cheia desse metal, diz apontando para uma das naus.

O homem encheu os olhos e só entendeu aquilo o qual ele queria. Falou entusiasmado com os colegas e gesticulando muito, dizendo a todos que estavam mais afastados que o nativo havia dito que existia tanto daquele metal ali que daria para encher todas as suas naus e ainda sobraria muito.

Siriará achou que estava se comunicando de maneira incorreta. Mas como? Ele conseguia entender tudo que o marinheiro falava. A tripulação ficou tão feliz que o sábio não quis destruir aquele momento harmônico com, o que parecia a ele, detalhes. Calou-se e festejou com todos. Esquecia aquilo que seu pai lhe falara certa vez:

“O homem, fora da cidade antiga, perdeu-se em pensamentos de riqueza e poder, e é exatamente isso que fecha os olhos do homem à riqueza maior que ele pode obter, o bem comum.”

O Sol estava no final de seu ciclo diário e o sábio foi convidado para ir a bordo ter com o capitão. Aceitou embevecido pelo reconhecimento de sua pessoa. Chegando à nau, o homem disse ao capitão que aquele nativo falava o idioma do rei e que havia informado a existência de prata naquele lugar.

O experiente navegador, que esteve com Colombo no achamento do continente (embora sem este o saber), perguntou como o nativo havia aprendido a fala dos seus.

O Piguara respondeu a mesma coisa que havia dito ao marinheiro.

Pinzon, meio confuso, mudou o assunto para o relacionado à possível prata. Siriará falou exatamente o que havia dito ao imediato e o comandante também só entendeu o que lhe interessava.

O navegador mostrou uma medalha de ouro que ele trazia pendurada por uma corrente e presa ao pescoço. Mostrou ao sábio e perguntou se ele já havia visto aquele metal. A resposta foi que sim. O comandante perguntou-lhe se poderia mostrar a alguns de seus homens o local exato da localização

daquele metal e que em troca poderia lhe presentear com facas, facões, pólvora... Siriará respondeu que conseguiria o ouro por intermédio da prata, mas que também precisaria de enxofre e mercúrio, porém não seria um processo imediato.

Quis se despedir, mas o capitão ordenou que lhe dessem de beber e de comer e que ele dormisse aquela noite na embarcação para, no dia seguinte, serem conduzidos por ele ao local, onde se encontrava o ouro e a prata. O sábio percebeu nos olhos de todos que não poderia recusar, também não calhava naquele momento, nenhum tipo de violência, era um momento de hospitalidade, embora imposta. Porém, não queria fazer mal algum àqueles homens, pois toda ação gera outra de igual ou maior força. Afinal tinha ido por conta própria, e todos somos responsáveis pelas atitudes que tomamos, recusou a comida.

Trancaram-no em uma pequena cabine, onde havia fardos de carne-seca e uma bela comunidade de ratos. Esperou tudo se acalmar, socializou-se com os ratos. Ficou sabendo que, na contagem de tempo deles, estavam no ano de 1500 e que aqueles homens eram espanhóis à procura de riquezas, que são o que move o mundo dito moderno. É incrível a relação íntima existente entre alguns tipos de homens e ratos. Os roedores, mais que nenhuma outra gente, conhecem os humanos e seus sussurros pelos cantos; aprendeu e ensinou. Depois, com ajuda dos novos amigos fugiu silenciosamente e nadou até à praia. Voltou para a cidade antiga. A Grande Árvore o esperava.

O Sábio Vegetal lhe recebeu dizendo:

“Eu sou a Grande Árvore meus frutos são macios e saborosos, e minhas raízes chegam a alcançar o centro do planeta. Meu corpo possui quatro ramos, altos o bastante para que todos que, de mim queiram se servir, tenham alguma dificuldade e esforço e, abaixo desses ramos, mais dois, cujos frutos são mais ásperos e murchos.

As flores que brotam dos ramos de cima são azuis e vermelhas; as dos outros, brancas e negras. Eu vivo na superfície do baixo interior das serras nordestinas, tal como outras plantas crescem na superfície da terra. Minhas raízes estão interligadas às raízes de todo vegetal do planeta, pois eu sou uma das grandes bases que sustentam e equilibram o planeta. Eu vi o sertão virar neve e a neve virar mar e o mar virar sertão. Estarei aqui quando o Equilíbrio unir o que foi separado, pelo lado contrário do qual se separou.

Todo aquele que comer de meus frutos terá o discernimento dos gênios. Eu sou a árvore cujo fruto foi proibido a Adão, pelo que, quando de mim ousou comer, perdeu a sua figura de anjo para adquirir a de homem. E eu posso adotar a forma de qualquer ser vivo. As primeiras cobras que surgiram no mundo brotaram de meus galhos. É de mim que provém tanto conhecimento ao alcance do homem, eu sou a culpada de tudo.”

Então, pela primeira vez, viu o Sábio o vegetal chorar.

Siriará estava decepcionado com os que ficaram do outro lado do oceano. Com certeza, não seriam todos eles daquela forma, com tanta usura, sem respeito pela vontade de outrem; mas e se a maioria fosse assim, tão obstinada na ideia de acumular matéria e esquecidos da lei primordial que é a busca pelo bem comum? Como o homem havia chegado a tal ponto de se afastar tanto assim das gentes e se achar único e superior no amor de Deus?

“No início de tudo, o homem procurou conhecer e entender melhor o mundo em que nasceu. Muitos sábios se formaram com os tempos que passaram, a mãe natureza é pródiga com quem a percebe. Porém, outros homens houve que, ao contrário da sabedoria, procuraram somente o prazer terreno, esquecendo-se de que não há prazer terreno se ele não vier ou estiver ligado ao plano espiritual; as leis herméticas que falam da dualidade e seu elemento neutro não foram entendidas por aqueles que privilegiaram a matéria ao espírito e, como já se sabe, o homem condena tudo o que ele não entende ou tudo que parece estranho a ele.

O prazer individual é transitório, o coletivo, eterno.

A sabedoria é a arma de um sábio; a força bruta, a do bruto. E assim se passou o tempo e o homem não conseguiu inverter a imensa força que o imprime para baixo em relação à força que o imprime para cima. Pois está hoje intrinsecamente ligado à matéria.”

Foi a fala da Grande Árvore. Disse-lhe ainda que o caminho do Piguara não havia sido percorrido satisfatoriamente e que ele teria que retornar ao convívio com os homens, pois era com eles que estava o destino do sábio. Seria através deles que Siriará chegaria a Tânatos, portal obrigatório no caminho de Ngoamã.

Siriará pediu-lhe alguns dias na cidade antiga para recompor suas convicções espirituais. A árvore disse-lhe que ele era livre até para nunca mais dali sair, o Equilíbrio poderia ser atrasado, mas jamais evitado. Ficasse à vontade, ele não era um lírio no campo, só ele poderia responder por suas próprias atitudes, a não ser que alguém roubasse suas obrigações aqui nesta vida, matando-o.

Pediu, ainda, para que Siriará sempre olhasse ao seu redor, toda resposta possível nos ronda a todo momento.

IV - O Elemental e o elo perdido

*“Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;”*⁷

“O homem é o projeto mais evoluído de Deus, um dos principais atributos dessa evolução, sem dúvida nenhuma, é o livre arbítrio. O homem pode até negar a Deus, se assim lhe aprouver, diferente dos outros seres que jamais podem fazê-lo. Deus é tão perfeito que só aceita o amor do homem se este o der de coração, nunca por imposição. Daí o motivo do livre-arbítrio: fazer com que o futuro do indivíduo dependa de suas atitudes no presente, ou seja, todos somos responsáveis por nossa felicidade ou por nosso padecimento.

Acontece que o tempo divino é inconcebível ao raciocínio mundano, por isso nem sempre dá tempo de vermos o resultado de nossos atos impuros em uma mesma geração; talvez por isso seja o homem o ser mais egoísta dentre todas as gentes, ele crê que tudo foi feito para ele e só para ele. Então, do alto de sua soberba, modifica tudo o que lhe pareça ser de seu direito e, por se achar o primeiro na escala do amor Dele, não lhe interessam os desastres que poderiam ocorrer algumas gerações depois da sua, tanto desastres naturais como individuais e coletivos.

E muito pequeno é o homem para perceber aquilo que está além de seus olhos: que ninguém é totalmente subordinado, nem é totalmente livre da ação do Equilíbrio. Só que, por aqueles velhos caprichos da mãe natureza, os elementos precisam do homem para se manifestar e serem postos em prática no caminho do bem comum. Por isso Ngoamãn criou a gente homem, infelizmente a maioria dos que sabem se utilizar desse conhecimento, quando o usam, não o faz de maneira coerente.

7. José de Alencar - Tracema

A maioria deles não se lembra mais de que está neles a essência do quinto elemento: a sensibilidade. Quanto mais o tempo passa, mais essa gente se atrai a tudo que o materializa, que seja palpável, visível; e cada vez mais se afasta dos elementos naturais. Seria isso sabedoria? Se for: O que será de nós, meu Pai!

Desde que as terras se separaram, os homens cada vez mais se dividiram e hoje se encontram totalmente indiferentes uns aos outros.

Tudo começou quando os irmãos começaram a chamarem-se primos; e as tias, sogras.

Primeiro eles se dividiram no que chamavam de raça, depois em castas, quando puderam perceber já não se conheciam, já não se amavam, respeito já não havia; só a discórdia, a posse das coisas, a matéria”.

Siriará calou seu pensamento. Há muito tempo não se socializava com aquela gente, contudo sentia um conforto interior quando estava no meio deles, mesmo não se identificando ideologicamente com eles. Sabia que agora não eram uma raça que unida saiu da cidade antiga, eram várias tribos que, embora socializassem entre si de maneira ordeira e equilibrada, não tinham a mesma complacência com os outros irmãos de tribos vizinhas, queriam sempre mostrar quem era o mais forte e corajoso, o que tinha mais penas, cores, sabedoria.

Proíbiam todos os que não fossem da tribo de caçar no que eles diziam que era seus domínios. Não lembravam que Ngoamã criou tudo e tudo é das gentes.

Por mais que Siriará reunisse todos ao seu redor em cada aldeia por que passava e lhes falasse sobre os preceitos Divinos e sobre a vingança de Deus contra todos aqueles, os quais não percebem a necessidade de união entre as gentes. Parecia que aquilo, o qual ele dizia, entrava por um ouvido e saía por outro, ou, ainda, que naquele momento alguns até balançavam a cabeça em sinal afirmativo, e, talvez seguissem durante algum tempo. Só que a gente homem tem a memória curta; logo voltavam a cometer a mesma iniquidade de esquecer a primeira característica dada a um ser criado: a humildade.

E por isso andavam se digladiando em nome do que eles chamam de

honra. Ninguém se lembra mais a causa do começo de tudo, mas já não importa; quando uma energia é descarregada, nada podemos fazer para trazê-la de volta, quando muito conseguimos redirecionar o caminho. Foi o que tentou fazer o sábio, em vão.

Todas as grandes tribos conheciam e respeitavam o grande sábio, aprenderam com os avós de seus avós que aquele, embora parecesse homem, tinha a sabedoria da natureza. Ele próprio sabia, falava com ela. Todos o que por essa região viviam, desde os Carajás e os Caucaias, na foz do rio Itarema, futura Barra do Ceará, mais para frente os Anacés, na atual Leste-Oeste, os Tremembés, a Oeste do litoral, os Paiacus ao Leste, os Tabajaras mais para o sertão verde, próximos às serras, os Pitiguaras próximos à enseada do Mucuriba, todos lhe rendiam respeito. Contudo, uma tal de honra havia sido ferida e “flecha lançada não tem retorno.” Foi a resposta da maioria dos sábios deles. E assim se fez guerra entre os homens dessa terra.

Comiam a carne dos vencidos, pois assim, acreditavam obter a energia do guerreiro comido, e dessa forma também humilhavam o seu oponente até depois da morte. Siriará sabia que aquilo não tinha função alguma, sabia que a energia, adquirida com a carne dos vencidos, daria a mesma energia que qualquer outra carne. Nem havia precisão de tal ato.

A caça era abundante assim como as frutas. Os Tremembés, os Paiacus e os Pitiguaras eram exímios pescadores, manejavam com perícia, embora artesanalmente, arpões, setas e anzóis, construíam canoas para navegar nos rios e até em alto mar. Também praticavam, como os Tabajaras, a agricultura, plantavam roçados de mandioca e milho. Na época do caju, guardavam uma castanha, que serviria mais tarde como calendário para mensurar a passagem do tempo, as mudanças da lua, marcar a data de nascimento e a de morte dos familiares. Havia, inclusive, violentas guerras para decidir que tribo ficaria com as melhores terras, ou seja, as que possuíam a maior quantidade e a melhor qualidade de cajus.

Foi na época do caju que o Piguara encontrou-se com Araquém, da tribo Tabajara, o pajé o esperava, era a boca da noite e ao chegar à cabana o visitante disse-lhe: “Eu vim”. No que o sacerdote de Tupã respondeu: “Veio bem”.

Sentaram-se, comeram carimã e acenderam o cigarro de Tupã para

afastar os mosquitos.

Foi Araquém quem quebrou o silêncio:

"Desejo que o Sol ilumine teus olhos e que a cobra venenosa não alcance teus pés, muito menos te fira a seta inimiga. Que tuas castanhas sejam incontáveis e que tua sabedoria ilumine todas as gentes por inúmeros ciclos lunares."

"Desejo o dobro a você." Foi a resposta do Piguara que, em seguida, indagou-lhe sobre o Torém, época em que várias tribos se encontravam. Bebiam mocororó, uma aguardente extraída do caju fermentado e cozido em processo semelhante ao fabrico do cauim, obtido do milho ou da mandioca. Todos se enfeitavam e os parentes se reviam. Os homens faziam machados de pedra polida e raspadeiras feitas das conchas de moluscos. A partir da palha da carnaúba, de vários tipos de cipó e do tucum faziam esteiras, urupembas e caçuás.

As mulheres se ocupavam com a cerâmica e a tecelagem, eram elas quem fabricava as igaçabas, potes de barro com a boca larga, para armazenar água, farinha entre outras coisas; na época do Torém cada indivíduo colocava uma castanha de caju dentro de sua igaçaba que, um dia, serviria também de urna mortuária, contava-se o número de castanhas que havia dentro do pote e assim tinha-se o número de ciclos que aquela pessoa tinha vivido entre nós.

O pajé disse que, em época de guerra, o Torém ficava suspenso. Seu interlocutor quis saber por que a guerra dessa vez. O velho pajé disse-lhe que Irapuã (o Mel-Redondo, chefe dos Tabajaras) havia decretado guerra aos irmãos do litoral, os Pitiguaras (só por pirraça eram chamados Potiguaras: "comedores de camarão") por saber que eles firmaram contrato de socialização com os portugueses, inimigos daquela tribo, desde que os forçaram a fugir do Rio Grande do Norte e embrenhar-se mata a dentro. Disse ainda que Irapuã conhecera homens franceses, vindos do lado oposto do litoral e fizera amizade em troca de alguns utensílios e informações. Contudo, todos estão à procura da mesma coisa: prata.

Não sabia como os homens do outro lado do oceano obtiveram a informação, mas há gente que jura que aqui este metal abunda, concluiu.

Siriará só sorriu ironizando a ganância humana.

Tomaram a bebida de Tupã preparada pelas mãos da vestal Iracema, filha de Araquém. Despediram-se e foram meditar nos conhecimentos de Tupã. O Sábio tomou o rumo da floresta.

Siriará teve muitas visões naquela noite, viu que os homens têm o poder para mudar seu destino, mas não têm sabedoria para fazê-lo conscientemente. Viu que a pior droga foi inventada pelo homem: o poder. E que esse é o vício que estão vendendo aos mais jovens. Alguns criam histórias cheias de moral e boas intenções, com finais felizes. Contudo na vida real, o mal dificilmente perde e governa frequentemente os homens.

Viu a maldição de Ngoamã unindo aquele povo, tão único e tão separado, no mesmo trágico e miserável destino: mão-de-obra barata.

Siriará ainda se achava sob efeito da bebida sagrada, por isso não deu muita atenção a uns gritos vindos da mata. Em certo momento, não pôde mais ignorá-los, estavam a alguns passos, seguiu o som da gritaria e deparou-se com uma grande taba, situada próxima ao rio Marajaitiba, também conhecido como “rio do pajé” ou pajeú, um jovem guerreiro estava amarrado e hostilizado pelos demais como era comum entre os inimigos, porém o sábio logo percebeu que o jovem amarrado pertencia à mesma tribo que o hostilizava.

Quando os guerreiros o viram, tudo ficou silêncio. Os mais jovens olhavam para os mais velhos à espera da ordem de ataque àquela figura tão parecida com eles e ao mesmo tempo tão estranha. Os mais velhos logo o reconheceram e o pajé Maracanaú o saudou dizendo estas palavras: “Salve, ó grande Piguara, senhor dos caminhos e esposo da natureza, que bons fluidos o trazem aqui, neste momento de grande pesar para todos nós?”.

O Sábio perguntou-lhe o motivo de tanto pesar. Maracanaú relatou-lhe que um grupo de jovens da tribo estava reunido em torno de uma fogueira, inclusive Itaú, seu filho. Celebravam uma caçada feliz. Comiam, bebiam e conversavam alegremente. Em certo momento, surgiu uma discussão entre dois jovens guerreiros da tribo: Guaraúba, que possuía um colar com mais de cem dentes de gentes que ele havia enfrentado e vencido e Itaú, filho do pajé, bravo guerreiro, forte como as pedras das quais tinha o nome, porém mais jovem e com menos experiência em combate direto. A discussão entre os guerreiros tornou-se cada vez mais calorosa e descambou em violência.

Guaraúba sentindo-se insultado por Itaú, desferiu rapidamente um terrível golpe de tacape em sua cabeça, matando-o. Logo, o agressor foi dominado pelos outros guerreiros e amarrado ao poste de torturas.

De acordo com as leis da tribo, os parentes do morto tinham o direito de tirar a vida do assassino.

O velho pajé disse que a presença do Piguara, naquele momento, deveria ser algum aviso de Tupã e pediu para que Siriará decretasse o fim de Guaraúba.

Siriará ficou calado e pensativo durante alguns minutos, uma vida estava em suas mãos, uma vida assassina; mas uma vida. Por fim disse: “Já que todos querem que eu decida o futuro desse homem, escutem bem o que tenho para dizer: não há mal maior que tirar uma vida, quanto mais sem propósito algum. Contudo, não fora Guaraúba o verdadeiro assassino de Itaú, fora Anhangá, o espírito mau, que os fizera abusar do cauim e entrar em conflito.” Para o Piguara, Guaraúba já havia recebido seu castigo, estava amaldiçoado com o peso da vida que havia tirado, todas as expiações que haviam sido geradas pelo ato agora eram dele por natureza, que não fosse morto, pois sua pena individual seria distribuída entre todos os responsáveis pela sua morte direta e indiretamente. Em lugar disso, teria que abandonar a tribo e vagar sozinho em lugares o mais distantes possível.

O pai do filho morto aceitou a decisão do sábio. Guaraúba foi desamarrado e recebendo suas armas foi obrigado a deixar a tribo.

Maracanaú disse-lhe as últimas palavras: “Não desejo teu sangue, bravo guerreiro, contudo tua vida hoje foi salva pelo grande Piguara que, por motivos celestes, aqui esteve irás partir são, mas se nos virmos novamente só um de nós sobreviverá ao encontro.” Guaraúba partiu sozinho e calado, apesar de sua experiência em batalhas, sabia que o velho pajé o superava, seria melhor não abusar de tamanha sorte. O banimento, naquele tempo, era a maior desmoralização a que um nativo poderia ser submetido, depois da morte seguida de antropofagismo. Significava eterna solidão, quem iria confiar em um homem que foi negado pelos seus? Só que há momentos em que até os paradigmas convergem e têm que ser revistos.

Aquele era um tempo desse. Era um momento de desconstrução,

estava perto uma nova era, estava-se a construir uma nova ordem, a ordem da subjugação, chegara o momento do castigo divino. Portanto, quis Deus puni-los, assim permitiu todo mal acontecer, permitiu ao homem ir além do que deveria ir: usar os próprios irmãos como capachos para seus sonhos mais mesquinhos e efêmeros. O Senhor, no momento de mais indignação em relação ao homem permitiu criar a política. São as leis o algos do homem, leis criadas pelos donos do poder legitimam a exploração do homem comum. Contudo poucos percebem.

Siriará socializou com a tribo, enquanto preparavam o funeral do guerreiro morto que deveria acontecer logo ao amanhecer. Estavam contando as castanhas de sua igaçaba e a preparando para receber o corpo de seu dono conforme a tradição, dezoito castanhas tinha o jovem morto. O pai tristemente relatava, aos mais próximos, a sinistra experiência que era enterrar um filho, quando o normal seria ser enterrado por ele.

Enquanto isso, um jovem da tribo a mando da mãe veio presentear Siriará com um pedaço grande de tecido, isso era prova de que tinham grande estima por ele.

Siriará há muito dominava a arte da tecelagem e sempre andou com o corpo coberto por peças de algodão fabricadas por ele próprio. Possuía calçados de um tipo de borracha forjada no atanor, forno dos que detêm o conhecimento alquímico da cidade antiga. Tais sandálias não se gastam jamais e permitem um andar firme e veloz, características próprias do senhor dos caminhos.

Os índios, nessa época, já dominavam o uso do algodão, não para vestuário, mas para o fabrico de cordas, mantas, redes e outros utensílios do dia-a-dia. E como nada nesse mundo vem de graça, Siriará resolveu deixar essa gentileza paga. Perguntou ao jovem se ele já conhecia a história da peça que lhe fora apresentada. O jovem respondeu que não. O Sábio pediu para que o jovem reunisse outros irmãos de sua idade que ele iria contar a lenda de Sacaibu, um grande sábio que auxiliou os homens nessa empreitada de correr mundo afora. Em pouco tempo, não só a criançada estava reunida, como todos os habitantes da tribo, ficaram na grande taba, local de reunião de todos.

O Sábio então principiou a história que alguns ali, com mais idade, já haviam escutado antes. Todos os anciãos, inclusive o pajé, deveriam ter no

máximo dez castanhas na igaçaba quando ouviram pela primeira vez aquela história. O tempo é muito grande em relação ao homem. Pena que a maioria deles não perceba isso.

Ele conta que há muito tempo, os índios não sabiam cultivar a terra nem domesticar os animais. Nunca tinham visto alguém tecer ou fiar. Não moravam em malocas, viviam em cavernas ou no alto das árvores como os outros animais selvagens. Nessa época, existiu uma tribo que tinha como chefe um homem prudente e sábio, cujo nome era Sacaibu. Certa vez, ele resolveu mudar sua tribo para uma localização bastante elevada, uma serra que azulava no horizonte, onde havia boas florestas e muita caça. Só havia um problema com o local: fazia certo frio. Sacaibu lá construiu as primeiras malocas da tribo e após ter bebido da bebida sagrada de Tupã, teve uma epifania, encontrou uma semente abençoada, plantou-a e esperou que ela germinasse...

Em determinado ponto da serra, havia um abismo. Os índios passavam horas e horas, olhando para o fundo desse grotão, no desejo de conhecer o vale misterioso que ali devia existir, mas que não se podia ver por causa da floresta espessa que o recobria. Foi depois que a semente de Sacaibu se desenvolveu e se transformou numa bela árvore que os índios viram que as flores dessa árvore se abriam, mostrando lindos tufos brancos. Era o algodão.

A conselho do chefe, os indígenas colheram os tufos brancos, desfiaram-nos, teceram os seus fios e fizeram com os mesmos cordas longas e fortes.

Com essas cordas puderam descer ao abismo. Enorme foi sua surpresa quando viram que o vale era habitado por um povo adiantado, forte e bem organizado, que vivia numa cidade sagrada. Os moradores dessa cidade antiga eram também generosos e prestativos. E, atendendo ao pedido de Sacaibu, ensinaram técnicas de cultivo da terra e de utilização do algodão. Assim nasceram os primeiros algodoads naquela terra.

As crianças exultaram com a história.

Depois da lenda o chefe Maracanaú reuniu os mais sábios em sua oca, em torno de Siriará os anciãos prepararam o chá de Tupã, beberam e fumaram olé-ó. Após alguns instantes de meditação o mais velho do grupo, intrigado

com o fato de ter visto aquela figura lendária quando ainda era o ancião um curumim, perguntou pausada e tranquilamente:

“Sábio, onde está o segredo da longevidade?”

Pausa mais longa ainda.

Quando todos pensavam que o Piguara estava em concílio direto com Ngoamã e não responderia naquele momento o questionamento, Siriará se pronunciou dizendo:

“O grande segredo da longevidade do corpo e da mente está, sem dúvida, naquilo que o ser come e naquilo que o ser é; a felicidade, o bem-estar pessoal, que muitos sábios dizem ser algo efêmero, paradoxalmente seriam o impulso para uma longa vida neste plano.

Contudo, caberia nesse momento um questionamento maior: o que seria longevidade? Todos os valores existentes no mundo são relativos, não existe uma verdade absoluta e, se um dia existir, não será criação de Deus, Ele não é um criador em série, mas um criador de individualidades, senão para que o livre-arbítrio? O que pode ser um longo período de tempo para mim, não o é para outros. Se passarmos uma lua com um ser amado, certamente a mesma lua não terá a mesma duração se estivermos encarcerados em uma prisão.

Então como vivermos mais?

Aproveitando cada momento com as gentes de que mais gostamos, praticando bons atos para que esqueçamos o quanto somos maus por natureza, o quanto somos egoístas, o quanto somos infelizes por estarmos tão preocupados com um momento eterno e feliz que esquecemos as pequenas felicidades do cotidiano. E essas sim nos tornarão eternos através do nosso grande irmão, o tempo.”

“E o que é o tempo? Ó, homem que jamais envelhece?”

Pergunta Maracanaú por sua vez.

“O Tempo, nobre irmão, é o agora, é o que está sendo feito hoje, O passado não existe, porque já passou. Não existe futuro, pois ainda não chegou. O tempo é o homem presente, a vida presente.

E o que é o presente?

Uma contradição, uma concreta abstração, uma linha cronológica que passa, constantemente, por entre o passado e o futuro.

O que falo, agora, já se tornou passado aqui, e lá está o futuro olhando eternamente.

Esquecemos de viver a felicidade aqui e agora e fugindo da realidade palpável nós colocamos em nosso futuro uma possível felicidade, para um futuro que não existe, e que nunca sabemos ao certo se existirá, ou então a colocamos em nosso passado dizendo: 'se eu tivesse feito isso...'; 'se eu tivesse feito aquilo...'

Assim esquecemos de viver o agora, momento básico de referência para nossas atitudes. Quem age assim não conhece meu irmão, o tempo, antes sofre por sua ação.

Trabalhem suas mentes para que percebam a alma universal que habita no homem. A mente é contaminada a cada momento pelo mundo que nos rodeia. Mas uma mente equilibrada é a melhor serva que um homem pode ter. A mente é uma ótima funcionária, mas é uma péssima patroa.

A vida não é uma insubordinação, nem tampouco é subordinação. A vida é harmonia.

Se hoje vivemos um período negro em nossa história é porque vivemos em competição, quando o certo seria vivermos em cooperação.

Toda semente guarda dentro de si uma árvore, imaginem o que não guarda um ser. Todos nós somos uma semente de paz. Precisamos substituir essa cultura de guerra e construir uma cultura de paz."

O sábio silenciou, todos permaneceram meditativos, não havia mais nada naquela noite a ser perguntado ou respondido. Os anciãos exultaram com o pronunciamento do Piguara.

V - O Elemental e El Capitán

*“ El Capitán seguiu rio acima
O jaguar azul tinha listras
Barrentas e caldalosas
Grande era a dor do filho morto
O vento trazia o arrepio
E o uivo das raposas⁸”*

No ano de 1603, um açoriano, radicado na então Paraíba, Pero Coelho de Sousa esteve na enseada do mcuripe. Lá se encontrou com os Pitiguaras, trocou informações e mercadorias, voltou à Paraíba com 200 índios pitiguaras para se armar melhor. Seu objetivo era acabar com o fraco movimento impetrado no Maranhão o qual ficou conhecido como França Equinocial e tentar achar as minas de prata que tanto falavam existir naquela região. Atravessou o planalto da Borborema, após a serra de Pereiro, ele, com 65 soldados e 200 índios pitiguaras, atravessou o rio Jaguaribe, matou Inhamuns e Calabaças que tentaram atacá-lo pelo vale do Jaguaribe e rio Salgado. Seguiu rumo a Camocim e depois à Serra da Ibiapaba, lá combateu ferozmente contra piratas franceses e os índios comandados pelo tabajara Irapuãñ (Mel-Redondo) e alguns Fuxauas, comandados por Diabo-Grande, rendeu esses chefes indígenas enquanto os franceses fugiam mato a dentro numa trilha banhada em sangue.

Os índios aprisionados não esperavam a morte. Sabiam que a maioria dos brancos os queriam para escravos e isso, para eles, de certa forma, era melhor que morrer, pois significava alguns meses de cativeiro; só uma questão de tempo para serem livres novamente. Já que ninguém mais do que eles conhecia aqueles caminhos, com exceção do grande Piguara, é claro; e a fuga era coisa iminente para qualquer nativo desse lado do continente. Por essa e outras, mais tarde iriam preferir o escravo negro, que além de vir do outro lado do continente, não conhecia um palmo de terra daqui; não que os nativos cearenses tivessem medo de morrer, se a morte fosse o caso, que fosse gloriosa como merecia todo grande guerreiro, contudo a gente homem já estava muito

8. Guaracy Rodrigues, In: A desplanura e o leme, “Pero Coelho”, p.15; Edições Poetas Pela Paz, 2005, Fortaleza-Ce

presa à materialidade e viver para ela era mais prazeroso nesta dimensão.

Os silvícolas se renderam e se aliaram a ele, um dos soldados, Martim, explicou aos chefes que não lhes queriam mal, estavam em paz e só queriam trocar mercadorias e informações. Mel-Redondo, embora contrariado, socializou com os portugueses, então todos voltaram à margem do rio Itarema e batizaram a “Nova Lusitânia”, e sua capital “Nova Lisboa”. Os pitiguaras retornaram ao litoral.

Pero Coelho para efetivar seu domínio, ergueu o frágil forte de São Tiago e o deixou sob a orientação de Simão Nunes, já que teria que voltar à Paraíba em busca de mais munição e de sua família, D.Tomásia e cinco filhos. Levou consigo o jovem soldado Martim Soares Moreno, que falava fluentemente a língua dos índios cearenses e já havia conquistado a amizade de vários deles por possuir um coração bom e destituído de determinados preconceitos da época.

Seguiram rumo à Paraíba o capitão-mor Pero Coelho, o jovem Martim Soares, mais três soldados e os chefes Mel- Redondo e Diabo-Grande com cerca de 25 nativos, deixaram no pequeno forte 35 homens cansados e mal armados. Seguiram o caminho do sertão.

Pero Coelho não disse a ninguém, contudo seu objetivo naquele momento era aproveitar aqueles índios como guia e, depois que estivesse em condições mais propícias, escravizá-los.; Afinal com 25 fortes escravos daria para angariar algum dinheiro.

Ao sopé da serra de Pereiro, Pero Coelho começou a perceber que não mais que 10 nativos os acompanhavam, comentou tal fato com Martim. Este já havia percebido, tentou falar com os chefes; Mel-Redondo e Diabo-Grande adiantaram a caminhada e se distanciaram do pequeno grupo de portugueses, ao todo cinco homens, contando o capitão.

Logo, os indígenas sumiram na mata. Os soldados ficaram se entreolhando sem entender nada e sem saber o que fazer ou para onde ir. O comandante disse que deveriam achar o Jaguaribe, de lá ele conheceria o caminho. Martim retrucou, que deveriam estar longe do rio, que não conhecia aquele lado da serra, achava até que haviam subido alguns quilômetros.

Viram um pequeno córrego, pararam para beber água e se nortear. Não tinham a menor ideia de para onde ir, um soldado acorcorou-se e pôs as duas mãos no córrego apanhando um punhado d'água. Mas não chegou a levá-lo à boca, como era de sua intenção, uma flecha atravessou-lhe a garganta entrando pela nuca, obrigando-o a cair de joelhos e depois de face no pequeno córrego que começou a descer vermelho em plena mata selvagem.

O capitão gritou para que todos se protegessem, mas como? Não tiveram tempo nem de sacar suas armas. Gíngios surgiam de todos os pontos da selva, gritando e gesticulando bastante, dizendo ao brados que eles eram seus donos agora. Martim conversou com os homens pintados a sua frente dizendo que eram amigos, no que respondiam que há muito aprenderam a não ser amigos de homens brancos, queriam sua energia vital agora e nada poderia salvá-los, só restavam a eles quatro morrerem dignamente dizendo seus feitos de guerra diante do conselho de seus anciãos, Mel-Redondo apareceu e deu a ordem para que levassem os prisioneiros. Os soldados portugueses murcharam ao vê-lo.

Depois de alguns dias de caminhada, chegaram a um conjunto de choças cobertas de palha de carnaúba, num espaço aberto há pouco tempo por aquele grupo de silvícolas, não se tratava de uma tribo homogênea, era formada por elementos de várias nações: dos Cariris aos Jenipapos e Canindés, de Tabajaras até Potiguaras; Irapuã e Diabo-Grande juntaram a grande maioria dos homens que estavam insatisfeitos com a raça que vinha do outro lado do oceano, geralmente homens que haviam perdido filhos, mães, pais, irmãos ou que sofreram algum tipo de agrura provocada por esse povo conhecido por sua crueldade.

Havia poucas mulheres e quase nenhuma criança, com exceção de umas poucas de colo; sorte dos reféns, tradicionalmente, somente as crianças e as mulheres poderiam zoar com os prisioneiros antes do sacrifício, elas circulavam em torno dos que estavam para morrer e lhes dirigiam vários insultos como: “Teu irmão matou meu filho e agora eu irei te comer.” E faziam gestos com o próprio braço na boca mostrando, aos que não entendiam, sua intenção. “Teus irmãos privaram meus irmãos da vida, por isso nós os privaremos das suas.” Um dos homens de Pero Coelho, aparentando no máximo uns dezoito anos, chorava copiosamente e rogava a Deus que não queria morrer. Diabo-Grande chegou perto dos pelourinhos armados para prender os portugueses, disse ao que estava a seu lado, era Guaraúba, que

desse a carne do covarde para as mulheres, não seria boa ideia guerreiros se alimentarem de energia tão vil. Separasse boas postas do guerreiro chefe e do que falava várias línguas para ele e Irapuán.

Martim disse-lhe que lucrariam bem mais com eles vivos, poderia conseguir para eles armas de fogo e deixá-los bastante poderosos contra qualquer inimigo. Diabo-Grande deu uma gargalhada estridente e foi seguido pelo jovem guerreiro a seu lado. Não queria arma de fogo, sabia que aquele tipo de arma era amaldiçoada, já tinha visto irmãos morrerem tentando acioná-la. O que Diabo-Grande queria, nenhum homem nessa dimensão poderia dar, era o amor de uma mulher, uma princesa, que um dia fora retirada de seus braços, estuprada, maltratada e depois espancada até a morte, por um grupo de jovens portugueses embriagados de cauim e armados por essas armas amaldiçoadas que ora oferecia a ele.

Para o silvícola a vingança era um prato que se comia quente.

O sacrifício seria ao amanhecer, determinou ao guerreiro que lhes desse água.

A noite transcorreu macia e trôpega, regada a mocororó e cauim, feitos pelos especialistas de cada área. Estavam na taba destinada aos líderes, reunidos se encontravam os principais guerreiros daquela inusitada tribo, quando ali chegou Siriará e sua figura imponente de sábio Piguara.

Todos regozijaram com a presença do destemido guerreiro e o saudaram dizendo quase em coro:

“Desejo que o sol ilumine teus olhos e que a cobra venenosa não alcance teus pés, muito menos te fira a seta inimiga. Que tuas castanhas sejam incontáveis e tua sabedoria ilumine todas as gentes por vários e vários ciclos lunares.”

“Desejo o mesmo a todos.” Foi a resposta do sábio.

Sentou e socializou com eles, tomando cauim e a todo o momento tendo que espantar Anhangá, o espírito do mal, que ataca todos os que se servem de tal bebida destilada da mandioca, Ele mora na essência do álcool.

Os outros guerreiros, principalmente os mais jovens, não tiveram a

mesma sorte, cedo caíram pelo chão da grande taba derrubados por Ele. Sobraram ainda sóbrios além de Siriará, pelo menos aparentemente, Irapuã, Diabo-Grande e mais uns quatro homens.

Os silvícolas haviam aberto uma clareira razoável o bastante para que três grandes cabanas fossem dispostas em triângulo, numa das regiões de pior acesso possível, pelo menos para desconhecidos, na Serra Grande; campos verdes, pequenos bosques, água fresca e pura, lagoas, riachos...

A serra da Ibiapaba, também conhecida como Serra Grande, é um oásis de clima temperado encravado em pleno sertão, podemos com um pouco de sensibilidade perceber ali todas as estações criadas por Deus.

Era a época das flores e das frutas, Siriará sentia o cheiro de vida, mas também sentia cheiro de morte, por isso tinha ido até ali. Siriará pediu a palavra e foi atendido prontamente.

Há muito tempo, Siriará queria intervir naquela matança de homens por homens sem motivo algum. Contudo não poderia, caso não o estivessem prejudicando diretamente, senão feriria o princípio do livre-arbítrio. Mas aquela gotinha serviu para completar o caldeirão, já que a natureza estava em seu limite de aceitação e a energia que pesava por sobre aqueles ares já conseguia ferir diretamente o sábio por via de sua alimentação.

“Acho louvável essa união entre irmãos com o intuito do bem comum, contudo não são só os que moram desse lado do continente que são irmãos. Mas todas as gentes e isso vocês ainda não perceberam, por isso sua união agora de nada vale perante a indignação Divina, pois a energia que foi gerada pela ira de Deus já tomou seu rumo e não terá mais retorno, a não ser pelo lado contrário do qual ela partiu.

Não permitirei a morte desses homens, nem amanhã, nem nestas próximas semanas, se quiserem matá-los, terão que esperar pelo menos um ciclo da Lua.”

Disse o Piguara, com voz de Trovão, que fez os menos trôpegos acordarem assustados à procura, nos céus, de tal som grosso e firme.

Irapuã olhou arregalado para o sábio e para Diabo-Grande que, de pronto, levantou-se e, claramente dominado pelo demônio que vive na essência de cada bebida alcoólica, apontou o dedo em riste na direção do sábio e gritou com todas suas forças:

“Não é certo que o Piguara chegue aqui e queira libertar homens que nos matam e nos fazem escravos; com que autoridade Siriará age de tal modo? Com autoridade de Tupã? Não pode ser verdade já que é do conhecimento de todos que Ele está do nosso lado. Não posso permitir tal fato, morrerei, mesmo que seja pelas mãos e vontade do grande sábio.”

O vento, repentinamente, começou a se agitar, a floresta ao redor da aldeota parecia falar, o céu ficou repleto de nuvens negras e rajadas de raios e trovões se insurgiram no momento em que tranquila e pela sua altura parecia eternamente, Siriará se levantou e com os olhos brilhando como pedras de fogo disse bastante plácido, porém enérgico:

“Não é de meu feitio roubar a vida de ninguém, porém farei o que for preciso para o restabelecimento do Equilíbrio quebrado por vocês desde que aqui chegaram.

Não percebem o cheiro de morte instalado nesse local sublime, transformado por vocês em covil de tocaia e sacrifícios? Não quero que esse cheiro seja absorvido pela mata que é na essência meu alimento.

Você, guerreiro, fala do que é certo e do que é errado, fala de Tupã. Pois eu lhe digo: nada é absolutamente certo ou errado. Tal noção varia de acordo com referenciais diferentes. Minha sobrevivência depende de tal ato. O forte odor de morte e sexo que daqui exala faz-me mal e já começa a refletir em meu ser. Há tempos não consigo alimentar-me. Todos os frutos, e flores dessa floresta, acusam vocês de total quebra da harmonia vigente. Falam-me de autoridade, pois antes de sua mais antiga ancestralidade pôr os pés nessa terra em que você chegou ontem, eu já conhecia todas as gentes que aqui habitam pelo nome. Vocês, inclusive, são responsáveis pela morte de velhos amigos, mas não estou aqui para discutir o destino de ninguém, senão o meu.

Por isso, digo-lhes que os prisioneiros devem ser soltos ou cuidados até que os novos frutos e flores apareçam para fazer sua parte no movimento que tudo rege. Não tenho a intenção de libertar ninguém e sei da total covardia desse povo que vem do outro lado do oceano. Sei também que eles têm pagado seu quinhão em todo esse processo que vivemos. Por isso, esse não é um bom momento para tal ritual de sangue e morte.”

Assim dizendo e com os olhos que na escuridão brilhavam como pedras de fogo. Todos que ali estavam ficaram assustados com as palavras do Sábio; os bêbados, sóbrios; os sonolentos, acordados; os encolerados, mansos. Foi Irapuã quem deu a ordem para libertar, naquele exato momento, todos os prisioneiros. E assim foi feito.

Em meio à chuva forte que caía, desarmados e entendendo muito pouco o que acontecia, os portugueses sobreviventes foram obrigados a embrenhar-se mata a dentro à própria sorte. El Capitán determinou que, apesar das péssimas condições físicas e psicológicas, além do péssimo estado do terreno enlameado em que caminhavam, deveriam seguir em frente, “no rumo da venta”.

Ao amanhecer, os quatro homens estavam no limite da exaustão e nada havia mudado ao seu redor, só havia árvores para todos os lados, sentaram-se então para descansar embaixo de uma, perceberam o quanto estavam desnorteados e desacreditaram mais uma vez na vida. Enquanto os dois mais jovens praticamente desmaiavam, o comandante e o soldado Martim procuravam uma solução para sua situação.

Martim subiu em uma árvore para tentar se situar. Pero Coelho procurou frutas com as quais poderiam se alimentar.

Nenhum obteve êxito. Sentaram-se e tentaram descansar juntos aos outros dois portugueses.

VI - O Elemental, o homem e a amizade

“O homem nobre olvida, ante um favor recebido, mil faltas que se tenham cometido contra ele, ao passo que o homem abjeto olvida mil favores recebidos ante uma só falta que se cometa contra ele”⁹

Quando a imagem imponente do Piguara surgiu de dentro da mata, Pero Coelho achou que os nativos haviam mudado de ideia e voltavam para pegá-los; Antônio, o mais jovem dentre eles, quando acordado de sobressalto pelo alarido feito pelo capitão, urinou-se todo, ajoelhou e esperou a morte conformado e exausto. Contudo, mal ouviram a voz do homem que chegava, logo se confortaram com o tom de voz e Martim com a mensagem trazida por ela.

Dizia o Piguara:

“Não se desesperem, estou aqui para trazer-lhes conforto.” Falava em Tupi exatamente para obrigar Martim a conversar com ele, já que do grupo era este soldado o único a dominar tal idioma.

“Como te chamas, que tipo de conforto nos oferece e o que queres em troca?” Perguntou Martim.

A resposta foi imediata. “Meu nome é Siriará, vocês nada possuem que me interessa, minha recompensa não será dada por vocês, mas através de vocês eu obterei a energia positiva de meu ato. É o que os moradores da cidade antiga chamam de ‘Lei do retorno’, ou seja, toda ação que se pratica, seja boa, seja má, gera uma causa que, mais tarde, voltará para quem a emitiu inicialmente. Trago frutas de minha própria refeição, reparto-a com vocês e lhes indico o caminho que procuram, para que cheguem a seu destino sãos.”

9. Ibn Al-Mukafa, Calila e Dimna

“Nós agradecemos tua boa ação e esperamos um dia poder retribuí-la materialmente, já que a retribuição espiritual é coisa certa, como bem o disseste.” Respondeu o jovem soldado.

Siriará constatou o que outras gentes já haviam dito, ali estava um bom homem, com todos os defeitos do homem, mas com um coração universal. Era o único branco com quem conversou que entendera exatamente o que dissera. Em seguida dirigiu-se ao mais jovem deles que ainda em prantos estacava ao pé de uma árvore e disse-lhe em português: “Não teme, jovem rapaz, tens pavor à Morte, mas não será aqui nem agora que ela te abraçará, terás uma prole extensa e uma vida também, tanto que quando Ela se apresentar a ti, tu não mais a temerás; não vencerás empunhando armas, mas serás um artífice das palavras; pois quem pouco fala, muito escuta e, por isso, tem muito a ensinar, serás sábio e irás envelhecer, pois esse é o único caminho da verdadeira sabedoria.” Ditas tais palavras, o jovem sentiu a tranquilidade da voz que as falava e serenou.

“Como conheces tão bem nosso idioma? Tu não te pareces com os teus, embora não negues sê-los.” Indagou Martin.

“Aprendi com outros irmãos teus e gentes que sabem que somos todos um só, pois toda linguagem tem uma só origem, assim como tudo o que existe.”

O capitão, que atento a tudo ouvia, não pode conter-se em risos. Antônio olhava crédulo e extático. Joaquim não sabia mais em que acreditar.

Pero Coelho começou a desconfiar do índio.

Terminada a refeição, Siriará apontou para uma clareira aberta no meio da floresta, incredivelmente não percebida por ninguém antes e disse, dirigindo-se a Martin, que descessem aquela trilha e quando chegassem a um terreno mais plano, um Iuára¹⁰ iria guiá-los até o rio que leva seu nome; não temessem, ele era gente amiga e deveras confiável, não lhe fizessem mal de modo algum, para que a “Lei do Retorno” não desabasse sobre todos. Pero Coelho deu de ombros, homem de seu tempo, só poderia acreditar nos desígnios de Deus e de sua santa Igreja Apostólica Romana, nada mais valia, nada mais havia.

10. Como os nativos mais antigos chamavam o jaguar.

Martim Soares também tinha suas crenças religiosas, mas reconhecia naquele homem a tranquilidade da alma e isso também tranquilizava a sua. Retirou do bolso um cavalo-marinho seco e o deu ao Sábio, aquilo era um presente bastante valioso para alguns indígenas que achavam que aquele animal tinha poderes mágicos, contudo o Sábio disse-lhe que não carregava consigo nenhuma gente morta, que ele respeitava todas elas.

Martim entendeu, então tirou do dedo o anel em maciço ouro que trazia gravado o brasão de sua família e disse: “Espero que aceites de mim este valioso presente, não pelo material de que é feito, posto que neste mundo nada é páreo para a ação do tempo que tudo muda, mas pelo que vale para mim e para minha família: honra, respeito e ética. Tu salvaste minha vida e a ti eu a devo, tu és parte de minha família agora.” Dito isso o jovem pegou a mão fria do Piguara e pôs o anel no seu dedo mínimo, apertou-a, trocaram energia e se despediram.

Os quatro portugueses desceram a serra por algumas horas, ao chegarem ao sopé da elevação, foi Joaquim quem primeiro viu um enorme iuára. O comandante, incrédulo, disse para terem cuidado, pois cansados e em farrapos como estavam seriam presa fácil.

O jaguar, como se já os esperasse, sentado estava. Levantou-se tão logo percebeu que o perceberam, virou-se e seguiu o caminho. Martim pôs a mão direita no ombro de Pero Coelho e disse-lhe: “Meu capitão, podes não acreditar no índio, mas é tudo que temos, caminemos o mais rápido; por essas paragens podemos nos encontrar com nativos hostis novamente e poderemos não ter a mesma sorte”. Seguiram o felino.

Era meio da tarde quando Martim percebeu um comportamento estranho do animal que saía da trilha e se escondia no mato que a margeava. Levantou o braço, em sinal de parada, e chamou os companheiros para que o acompanhassem para dentro do mato também. Em alguns minutos, todos escutavam o barulho de um grupo de pessoas e pelo barulho da marcha Pero Coelho percebeu que eram militares. Esticou o pescoço e descobriu que se tratava de um grupo de 50 soldados portugueses acompanhados de 200 índios mansos, oriundos de várias etnias da Paraíba. Os homens que estavam na mata folgaram em ver tão sublime visão, socializaram-se, apresentaram-se.

Os portugueses eram chefiados por um sargento conhecido por Pedro, estavam a caminho do Jaguaribe para encontrar-se com outro grupo e juntos irem à Paraíba, era exatamente o que Pero Coelho queria, assumiu o comando por ser o mais graduado, armaram acampamento ali mesmo, pois o capitão e seus homens necessitavam de descanso e alimento, pela manhã seguiriam viagem. Foi o que aconteceu.

Pela manhã levantaram acampamento e seguiram caminho diverso do que o jaguar estava mostrando, aparados que estavam por um mapa e pela opinião de um indígena, mal sabiam que por aquele caminho aumentariam a viagem em vários quilômetros.

Quando já seguiam caminho, desta vez foi Antônio quem viu o Jaguar e comentou com todos a presença do felino. Sem que Martim visse, Pero Coelho apontou uma arma de fogo na direção do animal e disparou, ouviram-se um miado de dor e sons de galhos quebrando mato a dentro.

“Esse vai morrer longe.” Foi o comentário do capitão.

Martim olhava indignado para a ação de seu capitão, mas não podia se indispor com seu superior por causa de um ser irracional, mas, de alguma forma, sabia que aquele tiro iria custar muito caro a Pero Coelho de Sousa. Ao chegar ao rio Jaguaribe, mandou o capitão que, para reaver perdas pecuniárias, quando chegassem à Paraíba, deveriam os soldados prender os índios que com eles estavam e vendê-los como escravos.

E assim foi feito para constrangimento de metade da tropa; o lucro foi dividido com Diogo Botelho, primeiro capitão-general mandado para o Brasil por Felipe III.

A ganância de um homem é capaz de cegá-lo, fazendo com que despreze detalhes que na verdade terminam fazendo uma grande diferença no desenrolar de nossa narrativa vital. O chefe dos índios que ajudaram os portugueses e que por Pero Coelho foram vendidos como escravos chamava-se Mandiocapuba, o chefe era grande amigo de Jerônimo de Albuquerque, português com inúmeros serviços prestados à coroa e respeitado fidalgo da capitania da Paraíba; numa bela tarde de domingo, em pleno sol tropical, um grupo de indígenas sedentos e famintos “assam” ao sabor do astro-rei em uma praça, quando passa em uma bela cocheira o fidalgo, o chefe nativo o

reconhece e grita seu nome. Ele volta o rosto e reconhece o amigo. Pede para que o condutor pare o veículo, e caminha ao encontro da liberdade.

Libertou todos os cativos e pagou com prata sua. Logo depois tomou as devidas providências.

Enquanto isso, o Capitão, de carona, a bordo de uma caravela, com a mulher D.Thomásia e os filhos, voltava ao povoado por ele criado à margem do rio Ceará, era o ano de 1605, Simão Nunes Correia folgou em ver o Capitão-mor que vinha acompanhado de uma tropa de 45 homens. Os poucos habitantes do forte São Tiago, na Barra do Ceará, os mesmos 35 homens e mais umas mulheres indígenas, algumas já grávidas, pareciam sobreviventes de um naufrágio, inadaptados visivelmente ao lugar. O próprio forte não passava de mais que um acomodamento de varas caído com umas cabanas de palha e chão batido.

Desde o momento em que Pero Coelho pôs os pés no Ceará, inacreditavelmente, não caiu uma gota d'água sequer do céu, a foz do rio Itarema afinou de fazerem racionamento de água.

Seis meses depois, teve que fugir com seus companheiros de infortúnio de volta à Paraíba, seguiu a estrada aberta por ele próprio rumo ao Jaguaribe. Ali, no mesmo lugar, onde ele atirou no jaguar, um filho seu tombou morto, chegou ele e sua tropa esquelética ao Rio Grande do Norte e de lá partiu para a Paraíba onde foi preso por ordem do governo português e remetido aos cárceres de Limoeiro, Portugal.

Sua sorte jamais se estabeleceu, morreria pobre em Lisboa, depois de passar longos anos a requerer, inutilmente, da Coroa espanhola, que foi quem o nomeou capitão-mor, a paga pelos seus serviços.

VII - O Elemental e a liberdade

*“Dizem-me: ‘Se encontrares um escravo adormecido, não o acordes: talvez esteja sonhando com a liberdade.’
Respondo: ‘Se encontrar um escravo adormecido, acordo-o e falo-lhe de liberdade’¹¹.”*

No dia 20 de janeiro de 1607, os jesuítas Luiz Figueira e Francisco Pinto embarcaram no Recife em direção ao Siri Ará Grande, pegavam carona em um barco que iria abastecer nas salinas de Mossoró. Sua função era catequizar os índios cearenses, 40 índios mansos entre pitiguaras, tabajaras e tupinambás os acompanharam. Seguiram o rumo do Pontal de Maceió, local onde o Jaguaribe desemboca no mar, e por lá entraram nas terras do Siri Ará Grande, como já era chamado esse lugar pela maioria dos indígenas, para não confundir com uma localização onde outrora viviam os pitiguaras do Rio Grande do Norte chamada Siri Ará Mirin. Local também de abundância de tal crustáceo só que de um tamanho bem menor que os encontrados na barra do rio Itarema, futuro rio Ceará.

Desembarcaram no porto do Jaguaribe, encontraram-se com o chefe Pitiguar desta região, Amanary, lá fundaram uma pequena aldeia, seguiram rumo ao litoral e, mais tarde, fundaram duas outras com os nomes de Porangaba e Paupina e muito posteriormente a de Soure. Depois seguem a pé em demanda da serra da Ibiapaba, lá ergueriam o primeiro aldeamento da região, local de abrigo de inúmeras almas.

Logo no início da colonização no Brasil, os portugueses, nas pessoas do jesuítas, perceberam que se não fosse à força, não conseguiriam catequizar os índios. Formaram-se, então, os Aldeamentos. Ainda hoje encontramos escritos dos primeiros jesuítas que no Brasil estiveram no sentido de que os habitantes desse lugar são muito ligados à figura do pajé da aldeia: era ele que abençoava uma união, curava feridas e doenças, dava conselhos; tais

11. Gibran Khalil Gibran, Curiosidades e Belezas

habitantes não conheciam a ideia de pecado, o bem e o mal para eles eram valores relativos e não absolutos como os tem a Bíblia Sagrada e o pior de tudo para os religiosos - além da nudez sem constrangimentos - era a maloca coletiva, que eles costumavam construir e nelas conviver.

Uma verdadeira afronta aos olhares puritanos de alguns e maliciosos de outros, principalmente para os que não possuíam muita vocação clerical e buscavam na religião uma oportunidade de ascensão social.

O próprio padre José de Anchieta, religioso sem mácula e direcionado pelo pensamento de seu tempo, no momento em que empregava tal método de catequese, em São Paulo no ano de 1563, escreveu: “Parece-nos agora que as portas estão abertas para a conversão do gentio, porque para este gênero de gente não há melhor pregação que espada e vara de ferro, na qual mais que em nenhuma outra é necessário que se cumpra o ‘compelle os entrare’ (‘Forçai-os a entrar’)¹²”

E foi assim que se efetivou a colonização desse lugar, com a aplicação do método de aldeamento. Os aldeamentos tinham visível caráter militar e de desagregação da cultura e da família do elemento indígena. A catequese era aplicada com disciplina férrea, como queriam os líderes que comandavam tal ordem religiosa. Assim foi na Ibiapaba.

Era o sino da igreja matriz que marcava os afazeres: inicialmente as mulheres recebiam instrução ainda de madrugada e depois eram mandadas para o trabalho, conforme a função de cada uma., Logo após, era a vez dos meninos que recebiam de duas a três horas de leitura, escrita e doutrina religiosa. No fim do dia os homens eram chamados para a missa da noite, em virtude dessas sucessivas e obrigatórias reuniões, é que cada aldeamento possuía um grande paço frente à igreja.

Em torno de Fortaleza três aldeamentos fixados pelos jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira ficaram famosos: Arronches (atual Parangaba), Paupina (atualmente Messejana) e Soure (atual Caucaia). Tais aldeamentos reuniam índios heterogêneos, alguns trazidos do Rio Grande do Norte ou da Paraíba. Os índios mansos serviram de várias formas ao novo colonizador, seja como mão-de-obra gratuita em diversos tipos de função, seja sobretudo como guerreiros contra índios brabos.

12. História do Ceará. Catequese e Aldeamento (Eduardo Hoornaert) p.45; Fundação Demócrito Rocha.

Não coloquemos em dúvida aqui a boa intenção dos jesuítas, mas a verdade é que a cultura europeia foi empurrada “goela abaixo” dos nativos. Os aldeamentos possuíam os mesmos instrumentos de tortura que as casas grandes dos engenhos: o tronco para prender os indisciplinados, o pelourinho para açoites públicos e, inclusive, em erros considerados mais graves, as mutilações físicas ou a morte. Quem executava os castigos, ironicamente, era um índio da confiança dos padres.

Talvez por essas e outras atitudes dos brancos em geral, é que alguns nativos não aceitavam a autoridade religiosa, principalmente os antigos pajés, detentores dos conhecimentos de seus ancestrais e ferozmente combatidos pelos jesuítas.

Depois da visita do Piguara, a aldeia formada por Diabo-Grande e Irapuã se transferiu para o litoral. Com a expulsão dos franceses, aquelas paragens da serra haviam quase perdido o movimento de homens brancos. Agora, eram os nativos desgarrados de várias tribos dizimadas pelas guerras e doenças, as quais assolaram as gentes daqui, que invadiam terras ainda não habitadas da Serra da Ibiapaba, local onde os ditos jesuítas fixaram morada, fugindo dos brancos que vinham cada vez, e mais, numerosos; com exceção dos antigos pajés, considerados inimigos mortais da nova religião por praticarem “ritos satânicos inspirados pelo demônio, imbuídos de ignorância e superstição.”

Esses tornaram-se nômades em sua própria terra e em sua própria consciência, pois tantas vezes obrigados a negar aquilo que sabiam ser verdade. Viviam escondidos por paragens que só eles conheciam, somente encontrando-se com o grande Piguara vez ou outra, pois não havia caminho que Siriará não conhecesse. Até o grande dia, o dia em que teriam com Ngoamã.

Os que ficaram nos aldeamentos, sobretudo as crianças, após longo convívio com os jesuítas nas aldeias, depois transformadas em paróquias, absorveram tais conceitos e passaram a negar tudo o que lembrava sua ancestralidade. Contudo, a miscigenação das gentes não acontece somente de fora para dentro, mas também de dentro para fora. Por isso, se explica um povo tão fervoroso religiosamente, tão crédulo, tão tolerante, mas tão guerreiro, tão mítico e místico.

Irapuã e Diabo-Grande estavam algumas léguas antes do Mocoriba.

Tal enseada foi o primeiro porto seguro para fundearem navios de 400 e 500 toneladas. E lá por perto, se alguma expedição aportasse com menos de 100 homens, era atacada impiedosamente. Os portugueses, por exemplo, mesmo possuindo armas de fogo e de metal, não tinham muito tempo de reação, principalmente se já estivessem dentro da floresta espessa que se formava junto ao litoral. Caso contrário, os nativos se contentavam com um ou dois desavisados que se distanciavam dos outros com intuito fisiológico ou atraído por uma linda e formosa índia: seios rijos ao natural, corpo sinuoso e pernas fortes, lisas e roliças, cabelos longos e negros como os pensamentos de quem a olhava. Some-se tudo isso ao posicionamento geográfico da visão: “Não há pecado abaixo da linha do equador”.

Era a visão do Desejo uma das faces dEla: a Morte.

O grupo de indígenas era agora bem maior, a eles se juntaram grande número de índios Tocarijus, fugidos de um início de aldeamento formado na Ibiapaba pelos missionários jesuítas. Eram agora cerca de 400 guerreiros jovens, principalmente, e experientes em batalha. Era essa a única ocupação daqueles chefes guerreiros nos últimos tempos: perseguir e matar quantos homens brancos conseguissem.

Cegos, por seu ódio, não viam nem percebiam que todo mal que se recebe deve ser retribuído com um bem, pois todo mal gerado por alguém lhe voltará mais cedo ou mais tarde. Melhor que seja mais cedo porque quanto mais tarde a Lei do Retorno acontece, mais dobrado Ela cobra o que lhe é devido. Assim também acontece com quem faz o bem.

Ficaram sabendo do aldeamento, souberam também que esse aldeamento era protegido dos Pitiguaras, cujo líder, o famigerado Poti, filho de Amanary, guerreiro valoroso na guerra e aliado dos portugueses, havia autorizado a estada de portugueses e índios mansos na Serra Grande.

Mandaram índios Tocarijus para o pequeno aldeamento com o intuito de espioná-los, pois seus equipamentos e armas brancas muito os interessavam. Foi assim que ficaram sabendo que os religiosos pioneiros estavam realmente na serra da Ibiapaba.

Na manhã de um dia que jamais será lembrado por ninguém, um grupo de índios, na sua maioria Tocarijus, invadira a missão com a ferocidade de um bando de guarás famintos. Todos estavam desprevenidos; pegaram tecidos, roupas, calçados, ferramentas; luta sangrenta, crânios esfacelados por fortes tacapes, corpos varados por flechas, por ferro, enxada, foice. Mataram tantos quantos tiveram coragem de assumir a luta, entre esses estava o padre Francisco Pinto que honrou seu nome de guerreiro e de posse de uma espada forjada nas entranhas da Espanha, presente de seu pai, um oficial da Marinha portuguesa. Pôs no vale da morte vários guerreiros indígenas, inclusive Guaraúba, valoroso guerreiro o qual possuía um colar com mais de duzentos dentes de gentes que ele havia enfrentado e matado. O líder do grupo ficou enfurecido com a morte de um dos seus melhores guerreiros e investiu com fúria assassina contra o padre, que lutava com outros dois e não o viu chegar por trás com seu tacape e esmagar-lhe o crânio. Os outros fugiram em disparada, a maioria foi alcançada. Seis homens estavam fora, haviam ido caçar, entre eles o padre Luís Figueira, voltavam com um veado. Ao verem a distância aquele alvoroço todo, saíram em disparada pela floresta adentro. Fugiram para o aldeamento da Porangaba.

Dias depois, Luís Figueira - com o apoio de tabajaras e pitiguaras mansos, que de certa forma vingaram o religioso morto, exterminando um grupo de tocarijus que se desgarrou, por algum motivo, do grupo maior que compunham – voltou ao local da tragédia e deu um enterro decente aos corpos ali deixados. O padre Francisco Pinto foi sepultado no sopé da serra da Ibiapaba pelo próprio padre Luís, embora mais tarde Camarão, também chamado Poti, e seus índios houvessem transportado o corpo do jesuíta para o aldeamento da Porangaba.

Contudo, não teria sorte diferente o padre Luís Figueira, em 1643 índios Uruás, da ilha de Marajó, o vitimariam em um atentado canibal.

Estavam livres os missionários de sua cruz em vida, mas ficou a iniciativa dessa dupla de religiosos que corajosamente desbravou serras, sertões e litoral em busca de oficializar o domínio ideológico-cultural do colonizador, tronco a que pertenciam e, por isso, não faziam mais que sua obrigação.

Os nativos também.

Neste ínterim, Irapuã e Diabo-Grande investiam contra um grupo de piratas franceses que aqui aportaram desprevenidos e cheios de volúpia, já que desembarcaram tão logo viram um grupo de nativas adolescentes acenando para eles da praia.

Antes mesmo de desceram dos barcos, elas os chamam e correm para dentro da densa mata. Eram ao todo dez homens, logo que põem os pés na areia da praia, nativos chovem em cima deles.

Gritos, setas, espadas e tiros ecoam na praia. Os sangues índio e europeu mancham de vermelho a areia branca da praia; o sangue, o vermelho; juntos até parecem o mesmo.

Diabo-Grande e seu bando aprisionaram cinco franceses, antes aliados. Hoje os preferidos dos indígenas por serem inimigos considerados fortes, foram presos e levados para aldeia com o objetivo de serem devorados em um rito canibal, conforme a tradição dos mais antigos. Em tal rito, a vítima poderia levar de semanas a meses para ser devorada. Logo na chegada, os inimigos foram levados para uma cabana só com mulheres e crianças.

Elas os agrediam e cantavam canções com palavras de morte e vingança. Depois penas cinzentas foram coladas aos seus corpos e suas sobancelhas foram raspadas. Por fim, foram amarrados no centro da aldeia.

Os prisioneiros tinham à sua volta uma roda com todos os índios da aldeia, que cantavam e dançavam por horas. Assim ficaram por um tempo incontável.

No dia seguinte, eles não entenderam nada, foram desamarrados, deram-lhes água e comida, foi entregue a cada um dos homens uma linda indígena para servi-los. Foram tratados como reis, pensaram até que seus algozes haviam mudado de ideia, já que foram convidados para participar do banquete preparado e a tomar de uma beberagem à base de raiz de mandioca.

Enquanto isso, na cabana do pajé Maranguap, o senhor da guerra, ficava pendurado o tacape que um a um iria abater os brancos moribundos. No dia seguinte foi construída uma cabana só para os prisioneiros que seriam abatidos. Ali, eles passariam a noite bem vigiados até que, de madrugada, seus algozes entraram na cabana cantando e dançando em volta deles, então a cabana foi derrubada, uma fogueira foi montada e acesa a dois passos deles.

Todos os índios estavam pintados com uma tinta cinza, amarraram separadamente cada um dos prisioneiros e um após outro, diante do olhar apavorado dos companheiros de sina, foi derrubado pelo tacape forte e certeiro do pajé Maranguap, uma pancada na nuca e não mais existiam para esta dimensão.

As mulheres pegaram os corpos e os levaram para o fogo, rasparam-lhes toda a pele e taparam-lhes o ânus com um pedaço de pau para que nada escapasse por ali.

Depois da raspagem, Amanuã, o guerreiro responsável por tal serviço, cortou as pernas dos defuntos acima dos joelhos e os braços rentes ao tronco de cada um. Chegaram então vinte mulheres e cada qual pegou um pedaço e saiu correndo em volta da aldeia, gritando e fazendo gestos com a boca de que iriam devorá-los, a tribo toda entrou em êxtase.

Colocaram a carne no moquém, a churrasqueira indígena. Assaram a carne e a repartiram com toda a tribo. Os miúdos, assim como os cérebros, foram dados às mulheres, que preparariam uma sopa servida só a elas e às crianças.

É por essas e outras que os índios cearenses foram considerados “inimigos da civilização” pelos portugueses e europeus em geral. Contudo, a carne humana era bem mais que um alimento. O canibalismo, na cultura desses povos primitivos, envolvia cerimônias que evocavam o sobrenatural. Acreditavam eles que o indivíduo ganhava força pela assimilação de outros, sejam inimigos valentes e poderosos, sejam valorosos parentes mortos, sejam animais predadores e perigosos.

Mas tal cultura bárbara estava com os dias contados, a desunião entre as gentes novamente reinaria, o homem chegou ao ponto extremo de rejeitar até sua própria gente, seu próprio sangue; quando isso acontece, desaparece a ideia de coletivo e vem a de indivíduo. E o indivíduo é mais fácil de ser destruído, de ser corrompido, basta que se inculque em sua mente o pensamento de que a escravidão é seu único caminho para a liberdade.

Na época em que aqui chegaram os primeiros colonizadores, havia no Brasil uma média de 300 nações indígenas todas se digladiando por territórios e glórias individuais. Essa foi a ruína dos povos indígenas no Brasil: sua desunião; pena que quando perceberam isso já era tarde demais.

Inicialmente, os padres jesuítas combateram sem trégua a cultura e a religião ancestral desses povos. Depois, projetaram neles uma mentalidade de repressão sexual e uma aversão mortal a tudo o que os relacionasse com seus ancestrais.

Os portugueses que vieram para cá eram na verdade, em sua grande maioria, cristãos novos, ou seja, recém convertidos. Daí essa tendência religiosa miscigenada que é própria dessa gente.

Tais cristãos trouxeram as novenas e procissões, confrarias e romarias, santuários e fervorosa devoção aos santos. E se por um lado esse povo é muito religioso, por outro é cheio de superstições que se mostram através de costumes e mezinhas populares. Resquílios inconscientes de sua ancestralidade.

A colonização, que geraria os primeiros cearenses como os vemos hoje, era formada, principalmente de brancos: portugueses, holandeses e até franceses piratas, que resolveram por aqui ficar e por nativos de todos os troncos indígenas da região.

Transformaram-se na grande massa do povo cearense que não chegou a ser desenraizada totalmente. Temos, como exemplo vivo, dessa herança, a maioria de nossos topônimos: “Camocim, Aracoiaba, Porangabuçu...” Outro exemplo marcante está em nossa cultura: danças, músicas que lembram o ritmo antigo, ditos e lendas populares, que ainda permeiam o imaginário principalmente da gente do sertão.

No genótipo de nossa gente, principalmente do interior, formada por galeguinhos de rostos redondos e olhos claros, pele bem branquinha. Outros mais morenos, cabelos negros e lisos. Contudo, nenhum esconde a hereditariedade cabloca. Essa é maioria no sertão nordestino.

Esses serão os vaqueiros que trabalharão em sistema de escravidão hereditária. Os romeiros que se flagelarão em procissão, os retirantes que desequilibrarão suas famílias e seus conceitos fugindo para a cidade grande.

Serão também os poetas, os artistas, os intelectuais que evidenciarão esse lugar. É dessa miscigenação que se forma o povo cearense, da união ideológica entre o teocentrismo medieval e o antropocentrismo; da transição

do feudalismo para o chamado pensamento moderno. É esse povo filho de uma jovem, faminta e selvagem ideologia: o capitalismo.

Foi essa nova ideologia que trouxe mais gente para essas terras, principalmente com o intuito de criar gado. Foi esse roteiro das boiadas que abriu novas perspectivas para a real colonização da Capitania do Siri Ará Grande.

As nações nativas... anularam-se umas, dizimaram-se outras, só os fracos e submissos tiveram chance à liberdade proposta, tal como acontece até hoje.

VIII - O Elemental e A lei do retorno

*“Terrível é o oco do mundo por onde escorre o vento.
(por onde se esvai a esperança)
A vida se perde entre dois passos vacilantes
Duas palavras de revolta, dois gestos de ódio.”¹³”*

Siriará, no topo de uma serra, pensava acerca da natureza de todas as coisas:

“O destino não é uma questão de sorte, mas de escolhas. Não devemos esperá-lo, mas persegui-lo.

A vida dá muitas voltas, tantas voltas que às vezes nos deixam tontos. Num dia, respeitamos nosso próximo, em outro somos capazes de decretar sua morte. Num dia, temos bom ganho, posses e bens; em outro, perdemos tudo e não acreditamos em nada nem em ninguém.

A vida é feita de escolhas, sempre haverá caminhos diferentes a seguir, sempre teremos que escolher entre o caminho do amor ou o da ira, a dualidade faz parte da vida, muitas vezes de nós mesmos. Contudo, nenhum caminho é eternamente correto; muitas vezes o amor é o melhor caminho. Porém, infelizmente, não é sempre. O homem é, por natureza, um animal e quando a razão se perde, só resta a emoção.

O homem criou leis para poder explorar e dominar outros homens, como acontece até hoje. São as leis o algoz do homem, leis criadas pelos donos do poder legitimam tal exploração.

Não deveríamos precisar de leis.

O mundo viveria em paz se todos, sem exceção, seguissem apenas dois princípios: Amar a Deus sobre todas as coisas e Amar ao próximo como a

13. José Alcides Pinto, in: Os cantos tristes da morte, Funcet, P.31.

si mesmos. A ganância hereditária de todo ser é fruto da matéria que nos prende ao mundo, por isso, esquecemos o espiritual e cometemos iniquidades que nos serão cobradas futuramente.

A falta de respeito pelo próximo, talvez seja a pior de todas elas e se desenvolveu por essas paragens, principalmente, com a invasão dos que vieram do outro lado do oceano. Antes, um nativo só mataria outro por razões morais. Os silvícolas antropófagos, antes do convívio com os brancos, dificilmente matariam um inimigo que pedisse por sua vida ou mostrasse qualquer tipo de covardia. Para eles, a antropofagia só era válida, caso se alimentassem de uma carne valorosa, para que assim pudessem se apoderar de todos os valores daquele guerreiro, no que eles acreditavam ser uma transferência de energia.

Em grupos étnicos primitivos, o indivíduo só existia em função do grupo, razão pela qual a agressão a qualquer membro do clã refletia ofensa a todos e por isso a reparação deveria ser paga não só pelo indivíduo que agrediu, mas por todo grupo ao qual ele pertencia.

O que diferencia o homem dos outros animais não é a noção do bem e do mal. Todo animal sabe diferenciar essa dualidade, a questão é que o homem tende a generalizar as situações e tudo que rege sua vida, pois assim ele se sente mais seguro. O animal, quando mata, sabe que se ele não fizer aquilo, colocará sua sobrevivência em jogo; se, por acaso, determinado predador não estiver com fome, a presa que poderia ser uma vítima em caso contrário, pode passear à vontade na região próxima ao possível algoz. Ele sabe que agiria mal se atacasse aquela presa só porque estivesse com vontade de matá-la. Se fosse o caso de ele estar faminto, o ataque significaria, para sua sobrevivência, uma ação do bem. Assim como até matar um filhote inimigo que ao crescer poderia tornar-se um adversário poderoso.

Ao observarmos a natureza percebemos que tudo é relativo.

A questão é que o homem só possui a visão de mundo dele, isso porque acredita que o resto das gentes não raciocina, o que não é verdade.

Todas as gentes possuem raciocínio, só que cada uma a seu modo. O ser humano somente voltará ao Equilíbrio no dia em que entender que o começo está no fim, que não existe uma verdade absoluta, um foco absoluto, nada na vida é absoluto, senão relativo”.

No mês de setembro do ano de 1607 o padre missionário Luís Figueira fez no seu diário o primeiro registro da passagem de um cometa por essas terras. Era o Halley, os índios o chamaram de “Tatá-Bebé”, ou seja, “foguoador”. Enquanto isso, Siriará no topo do Pico Alto, na serra de Guaramiranga, observava a formação de uma nova era. Ele não possuía no semblante o sorriso o qual esperava ter naquela ocasião. Aquele astro traria mudanças profundas em todo o Universo. Tudo teria que se adaptar ao novo movimento do Equilíbrio foi o que disse a Grande-Árvore.

Siriará admirava a natureza de todas as coisas: até mesmo o Equilíbrio, para alcançar seu objetivo, tende a desEquilibrar-se. Contudo, sua admiração não passava disso. O ar que exalava, após o espetáculo era de tristeza, morte e guerra. Sabia o sábio que, em breve, haveria grande disputa por todas aquelas terras, e, com tanta maldade, um terço das gentes daquele lugar iria perecer. Os que se salvariam, teriam que mudar radicalmente seu modo de ser.

Cria também o sábio ser o silêncio a arma mais eficaz contra a cólera, silenciou enquanto escutava lamentos oriundos de todos os cantos dessa sua amada terra. Sabia que, assim, como não podia entender, também não podia mudar a lei que rege todas as coisas.

“Interessante: só existe uma coisa que nunca muda; que exatamente tudo no mundo sempre está mudando, inclusive a própria maneira de mudar. Isso é a evolução, isso é o Equilíbrio à procura de seu único objetivo: Unir o que se separou pelo lado contrário do que ocorreu a separação.” Pensou alto o sábio e mais uma vez silenciou. Lembrou o símbolo da cobra alada, engolindo o próprio rabo. Desenhou o símbolo em uma rocha do Pico, sólida e somente acessível a poucas gentes.

Voltou à Cidade Antiga e ficou, mesmo sabendo que não era mais lá o seu lugar. Ignorou durante algum tempo o Equilíbrio. A Grande Árvore disse-lhe que era impossível entendê-Lo, que era impossível em tão pouco corpo caber tão grande conhecimento sobre o próprio universo; que a todas as gentes, às vezes parecia, só restava aceitar sua ação e deixar-se embalar pelas correntes, como num barco a remos, sem remos; mas tentou confortá-lo dizendo que seria exatamente a adversidade a mãe da evolução e que seria Deus o melhor condutor.

Siriará, mais uma vez, aceitou a argumentação da Grande-Árvore, não sabia por quê. Contudo, tinha a impressão de que Ela nunca estava errada, porém sabia que no deserto que representava a verdadeira função do Equilíbrio, era ele apenas um grão, algo tão insignificante, mas ao mesmo tempo tão importante; assim evolui nosso mundo e nossas gentes: através de paradoxos; concluiu.

Aquietou seu coração e esperou a turbulência, que se formava, passar. E por própria vontade do Equilíbrio, os dias se passaram lentos e cada vez mais quentes. As chuvas, que caíam com regularidade de tempos em tempos, fugiram do sertão à medida que muitas gentes também fugiam ou eram dizimadas, como a comunidade de mocó que vivia na enseada, que possui seu nome e que hoje só o rastro de seus algozes perduram em forma de palhoças e avenidas.

IX - O Elemental, o desbravador e a recompensa

*“É mais belo merecer recompensas
sem recebê-las do que recebê-las
sem ser digno delas.”
(Bayard)*

A beira-mar fortalezense era uma praia extensa e monótona, sem grandes promontórios atrapalhando o encontro das ondas com a areia. Era uma boa angra, que serviu de refrigerio às jornadas e aos navios das armadas d’El-Rei, além das de piratas franceses, ingleses ou holandeses.

Quando os marinheiros aqui chegavam e viam o molde, ao fundo da praia em direção ao sertão, que a serrania azul não muito longínqua desenhava no horizonte, povoavam de sonhos seus pensamentos metálicos.

No trecho da orla marítima imprensada entre as fozes dos rios Pacoti e Ceará, com o Cocó e Pajeú de permeio, processou-se a concentração de fatos e acontecimentos que apresentam a proto-história da colonização desse estado até o fim do século XVII.

Foi ali, na barra a qual abriga a foz do rio Ceará, no mesmo lugar, onde outrora fora o forte São Tiago que, no fim do ano de 1611, aportaram duas naus de grande calado. Traziam o ainda jovem e agora sargento, Martim Soares Moreno, seis soldados açorianos, três escravos negros e um padre. Além deles, vinham 60 índios Pitiguaras, entre eles seus grandes amigos Poti(Camarão) e Jacaúna, e como bagagem. As vinte, primeiras cabeças de gado que pisaram o Ceará; além de vários frangos; cabras e porcos.

Vislumbrava o sargento, naquele local, possibilidade de ganhos: sabia que o gado era mercadoria valiosa já naqueles tempos, com venda garantida pelo menos para Pernambuco e Bahia. Ainda poderia comercializar outras criações e a farinha-de-pau, feita da mandioca e muito apreciada nas capitâneas mais prósperas.

O leito daquele rio possuía um solo aluvial areno-argiloso bastante fértil, formando ora várzeas mais ou menos vastas, ora várzeas que concentravam uma flora vigorosa, a qual, rapidamente, fora destruída pelo machado e a foice dos moradores do novo forte, agora nomeado São Sebastião, para abertura de roçados de mandioca, milho e cana-de-açúcar.

Nos tabuleiros secos, menos férteis, cresciam os bosques de unha-de-gato, canela-de-veado, mororó, capa-bode, por meio dos quais copados cajueiros de rugosos e grossos troncos, jenipapeiros e mulungus se alternavam.

Em tais tabuleiros emergiam bancos de areia onde floresciam as moitas de murici, cajueiros bravos com a sua folha de lixa, e cresciam os manipuçás, o araticum, a guabiraba e a ameixa do mato, frutas silvestres de grande sabor e imenso valor medicinal. Foi o Sábio que ensinou às mulheres e aos pajés como e o que usar para qualquer mal, do corpo e/ou da mente, não havia mal que não se curasse com a mãe Natureza.

Nossos nativos não tinham problema com a próstata; a cavalinha e a panacéia eram agentes naturais de proteção; davam como cura para os amigos brancos que sofriam de escorbuto ou que iriam fazer uma viagem transatlântica uma mistura de alho e limão que ajudava a prender a vitamina C no organismo. A folha de louro adicionada a outras ervas era usada nas cólicas menstruais e a salsinha era usada na reposição hormonal, assim como o capim-gordura para dores nas articulações.

Os pajés conheciam cada mal que assolava seu povo e a cura para cada um desses males; com a chegada do homem branco, outros males apareceram, mas o acultramento desse povo, e o afastamento dos pajés do seu meio, fez com que não conseguissem mais identificar quais plantas seriam seu remédio natural. Contudo os mais velhos sempre souberam que no mato está toda e qualquer cura para todas as gentes.

A vegetação naquela região se mantinha constantemente verde, mesmo em longas estiagens; as gramínias, como o capim gengibre, invadiam os pequenos campos. Nas lagoas que se amontoavam ao redor da planície litorânea, ervas forrageiras - como o pega-pinto, a marianinha, a vassourinha, a salsa e outras - cobriam o terreno das águas que evaporavam lentamente às margens de cada lagoa. Isso tornava aquele lugar um excelente campo de engorda e de reprodução para todo tipo de criação.

A pesca era, também, um recurso valioso; tanto no mar quanto nos rios e lagoas, muitas espécies de peixe eram capturados. No mar, encontrávamos em abundância a cavala, o camurupim, a cioba, a serra, o mero, o cangulo. Na água doce, o acará, a curimatã, a traíra, a piranha, a piaba, o muçu e o cascudo. Minhocas, sapinhos, jias e caçotes eram as iscas mais comuns. Landuás e tarrafas, as malhas preferidas.

Razão pela qual Martim Soares Moreno, em sua “Relação do Siará” de 1618, exaltou tão enfaticamente as grandezas dessa terra. Era aqui o verdadeiro paraíso. Os densos mangues agiam contra a erosão fluvial, nas dunas a vegetação herbácea agreste, abundante, estabilizava-as. Era um belo regato a barra do siri ará grande.

O nome do lugar, segundo os mais antigos, teria sido dado por nativos, oriundos do Rio Grande do Norte. Lá os Pitiguaras encontravam pequenos crustáceos achatados e brancos, ao contrário dos grandes que abundavam na tal barra; motivo pelo qual darem ao lugar, que encontraram quando na fuga de suas antigas terras, o nome de siri ará grande para se opor ao siri ará mirim de sua terra natal. O sargento já havia ouvido aquele nome uma vez e jamais o esqueceria, era o nome do índio que o salvara um dia.

Após uma semana que já estavam aquartelados, Martim e alguns de seus homens saíram para conseguir alguma caça, pois os animais que trouxeram, primeiro serviriam para a engorda e a reprodução.

Estavam à margem do rio à espreita de alguma caça que, porventura, viesse saciar a sede. Quando ouviram barulho de gravetos se despedaçando, todos pararam e apontaram suas armas na direção do barulho. Os indígenas se regozijaram ao ver a figura mítica que já pensavam não viver mais entre eles, disseram quase em uníssono: “Desejo que o sol ilumine teus olhos e que a cobra venenosa não alcance teus pés, muito menos te fira a seta inimiga. Que tuas castanhas sejam incontáveis e tua sabedoria ilumine todas as gentes por vários e vários ciclos lunares.”

“Desejo o mesmo a todos” foi a resposta de Siriará.

Poti sabia que a presença do sábio sempre trazia mudanças, boas ou más, dependendo da circunstância. Quis saber do sábio o motivo de sua visita. O sábio simplesmente respondeu que naquele lugar sentia a presença de sua mãe, ali ele havia deixado o corpo dela para que seguisse o Equilíbrio.

Sempre que precisava tomar uma decisão importante ia àquele lugar, exatamente onde a morada derradeira de Flora, sua mãe, encontrava-se. Martim logo o reconheceu, não havia mudado em nada, era o mesmo imponente homem que ele conhecera anos atrás, o Piguara também o reconheceu, cumprimentaram-se.

“Seja bem-vindo sábio senhor.” Disse-lhe o sargento.

“Eu sou” Foi a resposta.

Aquele ambiente era muito querido por Siriará, tinha costume de ir ali com seu pai capturar alguns espécimes de siris para a refeição materna.

O sargento resolveu parar a caçada naquele momento e decretou dia festivo, pois também tinha aquele homem como de grande valia. Voltariam ao forte e matariam uma criação para a refeição daquele dia, outro dia caçariam.

Ao chegarem ao forte; os indígenas que havia, ficaram em estado de êxtase, todos queriam tocar o sábio e pediam a sua bênção como faziam quando ainda eram curumins.

Martim começou então a desconfiar de que sua vida já havia sido salva antes mesmo dele conhecer seu salvador. Quando teve oportunidade o capitão perguntou ao Piguara porque o havia salvado sem mesmo nem saber quem era.

O Piguara respondeu-lhe que já havia lhe dado tal resposta: a Lei do Retorno. E continuou dizendo que nem sempre podemos ajudar o próximo, mas sempre que tivermos oportunidade, deveremos fazê-lo.

“Então foi por causa dessa tal lei do retorno que o filho do capitão Pero Coelho morreu?” perguntou o sargento.

“Não. Ninguém pode pagar por um erro que não é seu. Mesmo porque o iuára não chegou a morrer, eu o encontrei a tempo de salvá-lo. Contudo o que seu amigo fez foi muito ruim, e certamente sofrerá as devidas consequências.”

Disse: “Todo ser humano busca a felicidade, essa é a verdadeira razão de viver; é uma pena que o homem ainda não compreendeu que só é possível alcançar a própria felicidade quando se faz o outro feliz; todos somos um só

em busca de um único bem: ser feliz. E a felicidade, para ser plena, tem de ser comum.

Os homens ainda estão muito presos aos prazeres individuais, que são efêmeros, e se esquecem do prazer compartilhado, que é eterno. Mas eu ainda acredito no ser humano”

Martim argumentou que o sábio assim pensava porque não conhecia os homens como ele os conhecia.

Siriará respondeu-lhe que talvez fosse verdade, contudo o sargento não conhecia o Equilíbrio como ele, não tinha ideia de como as circunstâncias presentes influenciavam o porvir, além do mais o sinal mais forte de que o ser humano ainda tinha futuro é que ele ainda existia.

O português lamentou não ser um iniciado na ciência da Filosofia e se perguntou onde um silvícola como aquele aprendera tais retóricas.

Achava-o sábio, porém o considerava primitivo por possuir sentimentos tão nobres, vivendo numa época em que o metal precioso regia todas as atitudes e éticas de uma sociedade. Quis perguntar ao sábio se ele lera Aristóteles, achou inútil tal demanda.

O sargento observou que o sábio ainda usava o anel que lhe havia presenteado. Indagou o militar ao amigo se poderiam encontrar metal como aquele nessas terras do Siará Grande. Concluiu ainda que havia ouvido boatos de espanhóis que juravam haver prata nessas terras. O sábio, dessa vez, balançou a cabeça em negativa.

Aprendeu, com o tempo, que a comunicação dos homens se processa em forma de teias e que um detalhe morfossemântico pode custar uma interpretação totalmente incorreta; descobriu que, entre os homens, o mais correto é falar pouco e escutar muito.

Martim questionou se nenhum homem branco havia proposto ao sábio negócios com o anel. O sábio disse-lhe que o anel havia sido um presente e que só iria se desfazer dele se fosse por um motivo nobre.

No momento em que estavam todos já reunidos, após o regalo do banquete, no centro do forte, chegou um jovem mensageiro da grande tribo

Pitiguara dizendo que irmãos “corriam perigo”. Naquele exato momento, estavam sendo atacados por piratas franceses, os quais exigiam de qualquer maneira que eles dissessem onde se encontravam as minas de prata que diziam existir por aqui.

Jacaúna perguntou-lhe onde estavam os guerreiros pitiguaras. O jovem disse-lhe que estavam em contenda com os Tabajaras na serra de “Buapaba”. Poti perguntou-lhe quantos franceses havia no local, a resposta foi cerca de 200. Logo todos se armaram e um grupo de 50 homens se dirigiu para uma aldeia próxima, nação tremembé, inimigos conhecidos dos que chegavam a uma faixa litorânea, compreendida entre a baía de São José no Maranhão e as margens do Rio Curu, no Ceará. Algumas horas andando por entre a densa floresta conseguem recrutar cerca de 100 homens em troca de cerca de 100 facões que Martim havia trazido para uma ocasião especial. Sabia ele que aquele tipo de material era bastante valioso para um povo que não praticava a metalurgia. No entanto, acabou pagando um preço muito alto para o serviço, quando chegaram pela manhã à aldeia, encontraram quase todos os piratas bêbados e exaustos por uma noite movida a mocororó e estupros, não tiveram trabalho em prendê-los, quase todos. Alguns ainda se esgueiravam mata adentro vestindo as calças os que foram presos, por ordem do sargento que era o mais graduado, foram degolados e enterrados com direito a missa em latim para a remissão de seus pecados. Eram dois enormes Galeões franceses, porém só um partiu, não mais de que com 25 homens, para nunca mais voltar a essas terras, o outro foi tomado de assalto pelo próprio sargento acompanhado de mais alguns guerreiros.

Siriará assistiu a tudo calado. Nenhum sinal de aprovação ou desaprovação.

Voltaram ao pequeno forte e se reuniram em uma das tabas, um jovem guerreiro, oriundo do Rio Grande do Norte, não querendo acreditar que aquele que estava ali era a famigerada lenda que ouvia quando criança e ainda vibrando com os hormônios do tempo, ergueu a voz em direção do sábio e o desafiou na corrida de troncos.

O piguara levantou-se calmamente e lhe perguntou:

“Quer você que eu saia correndo de um ponto a outro com um enorme tronco às costas, para lembrar-me da época em que os seus

antepassados eram escravizados ou comprados por objetos fúteis e nocivos ao Equilíbrio só para encher de madeira os porões de inúmeras naus?”

O sargento arregalou os olhos diante do Elemental, contudo fechou a boca e calou-se até em seus pensamentos.

O sábio continuou: “Ou quer simplesmente lembrar o quase extermínio de uma das gentes mais antigas deste lado do oceano: a ibirapitanga ou pau-brasil como gostam de chamar atualmente?”

Não aceito tal desafio por julgar que seria uma contradição participar daquilo o qual não concordo.

Tal tradição não tem valor na honra, mas na ignorância. Contudo, não costumo desapontar a juventude, pois é ela a certeza do futuro. Darei à tua uma prova digna.

Proponho que entremos os dois no sagrado círculo da eternidade. Desenharei no chão o símbolo da cobra engolindo o rabo, representando tudo o que existe e o que não existe; tudo o que é, e o que nunca será. Então estaremos os dois frente a frente, armados somente com nossos corpos. Perderá aquele que primeiro sair dos limites do círculo ou aquele que pôr as costas no chão sagrado do eterno, pois quem dá as costas ao eterno, sequer possui presente.”

Ninguém tem ideia do que passou pela mente daquele jovem guerreiro.

Às vezes, os parvos pensam tão rápido que a onisciência fica difícil até para Ngoamã. Mas é compreensível que como guerreiro mais bem sucedido de sua tribo, e tendo como ponto de partida para sua decisão a aparência, talvez avaliando a idade do oponente (que para concepção do rapaz deveria ter no mínimo uns 50 anos), aceitou a contenda.

A imagem de Siriará não aparentava mais que um homem acobreado de cinquenta anos, cabelos totalmente brancos e nos ombros, dentes perfeitos de marfim, olhos castanhos claros, alto o bastante para um homem europeu levantar a cabeça para olhá-lo. Corpo não muito musculoso, não muito franzino. Um homem de forte aparência que apesar de todas as histórias ouvidas a seu respeito, não amedrontou, aparentemente, o caizara.

O círculo foi desenhado pelo próprio Piguara.

Os oponentes se puseram frente a frente, um olhava o olho do outro. De repente, o jovem partiu na direção do piguara, de cabeça baixa e tentando segurá-lo pela cintura. Porém só conseguiu pegar o vento, imediatamente o sábio abaixou-se e com uma das mãos segurou um dos braços de seu oponente enquanto que o outro braço deslizou por entre as pernas do jovem e virando-se, lançou o rapaz a quase 3 metros de distância. Este, tentando a melhor maneira de cair, tentou apoiar seu próprio peso no braço. Não deu outra, quando tentou levantar-se, percebeu que algo não estava bem, sua clavícula estava fora de lugar, desesperou-se. O sábio, imediatamente, o pôs sentado e com a ajuda do joelho apoiando as costas dele e de uma manobra rápida, colocou a clavícula no lugar.

O rapaz olhou nos olhos do piguara e pediu-lhe, cheio de dor, perdão pela insolência e perguntou-lhe como faria para ser um guerreiro tão valoroso quanto ele.

O sábio respondeu-lhe que só o tempo e a maturidade nos transformam de verdade.

“Então como vencer o tempo?”

“Viva o seu tempo, o tempo presente, o hoje. Encontre a alma universal que habita no homem. Preserve sua mente, ela é contaminada a cada momento pelo mundo que nos rodeia. Mas uma mente controlada é a melhor serva que um homem pode ter.

A vida não é uma insubordinação, nem tampouco uma subordinação; a vida é harmonia. Nós vivemos mal porque vivemos em competição quando o certo seria vivermos em cooperação.”

Daquele dia em diante não só aquele jovem nativo compreendeu tudo o que estava acontecendo em seu mundo, mas muitos outros também.

Era o momento de partir mais uma vez.

No final, Martim fitou o sábio e este a ele. Não foi visto nem alegria, nem reprovação nesta troca de olhares, apenas um olhar de adeus, foi a última vez que se viram.

O sargento viveu feliz durante quase dois anos. Em 1613, viu chegarem três caravelas, trazendo no comando Jerônimo d'Albuquerque e uma guarnição inteira de portugueses. Estavam findas suas férias, os gados ficariam dispersos ao sabor de quem primeiro os visse; a criação, sem pastor, só as iúaras à espreita. Além desses contratemplos, o comandante trouxe a ordem d'El-Rei para que o militar o seguisse até o Maranhão. No intuito de expulsar franceses que lá se instalaram ali trava diversas batalhas; ganha umas, perde outras, por fim volta à Europa, mas não esquece as terras da barra do Ceará. Conta-se que em uma dessas batalhas teve uma mão mutilada e amargou muito tempo, preso em celas francesas, condenado à morte pelas mortes que causou. Escapou devido à influência do embaixador espanhol, Duque de Montelion.

No dia 26 de maio de 1619, ele, agora Capitão-mor, o primeiro dessas terras, recebeu a nomeação para dirigir a Capitania do Ceará, era a recompensa pelos serviços prestados à coroa. Porém só conseguiu chegar na manhã de 1621, com um grupo de 35 soldados. Naquele ano, por um decreto de Espanha, que era quem estava dominando Portugal e todas suas terras em virtude do desaparecimento do Rei D.Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, na África, o Ceará fora anexado ao estado do Maranhão. O que fez com que o capitão tivesse grandes dificuldades em gerir esta bela terra. Dificuldade e esquecimento foram o nome desse lugar durante muito tempo ainda.

Naquela mesma noite, Jacaúna e um grupo de seus melhores guerreiros chegaram ao forte São Sebastião. Era um clima quente, porém extremamente ventilado. Martim os recebeu com muita alegria. Jacaúna estava preocupado com o bem estar do amigo, ouvira correr boatos de que o grupo de Diabo-Grande e Irapuã planejava um ataque ao forte.

Tal informação era verdadeira, mas Irapuã sabia que o forte tinha a proteção dos Pitiguaras, senhores das terras ora ocupadas por eles. Pensou melhor e achou que não valeria a pena o ataque, seria muito problema para pouco ganho.

O capitão, que não sabia disso, mandou reforçar a guarda e carregar os mosquetes.

Eram tempos de guerras e armistícios, de conquistas e derrotas. Os holandeses já espreitavam terras tupiniquins e desenhavam seus sonhos metálicos, arquitetavam seus projetos coloniais e esperavam o momento mais propício.

Com efeito, no ano de 1631, Martim foi enviado ao Pernambuco para expulsar os holandeses. Deixou em seu lugar, como Capitão-mor, Domingos de Veiga Cabral, seu sobrinho. Ele não mais voltaria a estas plagas.

Em 1637, saiu do Recife uma expedição holandesa, sob o comando do major Jorge Garstmann, com o auxílio do capitão Hendrick Van Huss com o intuito de assaltar aquele forte, que, segundo indígenas afeitos aos holandeses, encontrava-se sob petição de miséria e destituído de seu Capitão-mor, falecido recentemente. Não encontraram grande resistência.

Os holandeses não souberam administrar a amizade com os índios. Depois de contratarem seus serviços, não fizeram a paga. Motivo que os levou a invadir o forte batavo e trucidar todos que encontraram pela frente.

Em 1649, o comandante batavo Matias Beck desembarcou na enseada do Mucuripe. Contudo se estabeleceu à margem esquerda do riacho Marajaitiba (Pajeú), do tupi marajá (palmeira) e Tiba ou tuba (abundância), a palmeira ali existente era o catolé ou coco-babão. Ergueu um forte que denominou de Schoonenborch em homenagem ao governador holandês, em Pernambuco.

Em 1654, dando graças à Deus, pois já tinham se indisposto novamente com os nativos. E cumprindo o tratado de paz entre Portugal e Holanda, entregaram a praça ao Capitão-mor português Álvares de Azevedo Barreto, que fez alguns reparos e ergueu uma ermida, a qual dedicou à Nossa Senhora da Assunção.

Nascia a aldeia da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

Eis a recompensa daquele que sempre acreditou que estas terras poderiam render bons frutos, Martim Soares Moreno foi um dos homens que, nesta terra, não procurou somente a prata em seu estado metálico. Mas a reconheceu no reflexo do sol na gota de suor no rosto do cearense.

Em 1816, transformou-se finalmente em uma fortaleza de alvenaria com tijolo e cal, projetada pelo engenheiro Silva Paulet, na administração do governador Manuel Inácio de Sampaio.

Tomo II

O Encontro



Praça do Ferreira – Ceará – Brasil – 1914

“O ano de 1800 deveria ter sido bissexto, isto é, com 366 dias, mas, não sabemos o porquê, não o foi, ficando o calendário atrasado em um dia até 1817, quando foi colocado um dia para compensar.”

“No ano de 1857 ficava concluído o edifício do Hospital de caridade (Santa Casa), foi posto em funcionamento com alguns índios enfermos, mas por falta de condições foi fechado pelo presidente que assumira o governo, Dr. João Silveira de Sousa.

Foi o primeiro hospital de Fortaleza.¹⁴”

“Ter direitos políticos, poder votar e nomear magistrados, ser arconte; a isto se chamou liberdade, mas o homem, no fundo, mais não foi sempre que escravo do Estado. Os antigos, sobretudo os gregos, exageravam muito sobre a importância e os direitos da sociedade, e isto, sem dúvida alguma, devido ao carácter sagrado e religioso que a sociedade originariamente revestiu.¹⁵”

14. Cronologia Ilustrada de Fortaleza, Roteiro para um Turismo Histórico e Cultural. Vol.1/ 2001. Miguel Ângelo de Azevedo “Nirez” p.22, 23 e p.35, respectivamente.

15. A cidade antiga – Fustel de Coulanges; 9ª edição vol.1 Livraria Clássica Editora; Praça dos Restauradores – Lisboa; p.354.

O eleitor de misérias

Percebam só dessa gente a miséria
A qual como um estigma a persegue
Trazendo ferrado um eterno verme
Fazendo da revolta sua féria,

Ó povo! Arraia miúda moderna,
Vê sugados por abjetos teus grãos!
Naufraga, às manadas, em nau eterna
Construída por tuas próprias mãos.

Elide teu desejo mais sonhado
Acorda, às manhãs, exasperado!
Elegerás misérias por sufrágio,

Então fenecerás nesse eterno pleito
Marcando sempre tua prole no peito
Com a negra marca esse eterno presságio.



(Fortaleza – Ceará)

“Ó mago, ó Simão¹⁶ e seus míseros imitadores, pelos quais as graças divinas inseparáveis da bondade são adulteradas e trocadas por ouro e prata! Por ti e pelos teus soa a trompa suplicante; eis que estais enterrados na terceira cova!”¹⁷

16. Simão, famoso mago da Samaria, propôs aos apóstolos vender o dom de invocar o Espírito Santo. De seu nome vem Simonia – negociar com as coisas sagradas.

17. DANTE, A DIVINA COMÉDIA; Inferno - Canto XIX. Pág.80/NOVA CULTURAL. 2003.

I - O Elemental se encontra no meio do caminho

*No meio do caminho
“No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.”¹⁸”*

Às vezes, pensamos que se abandonarmos tudo o que não está momentaneamente, dando certo para partirmos em novos rumos, iremos fracassar. Então, seguimos em frente com a mesmice e voltamos ao mesmo ponto de partida, sendo obrigados pela vida a fazer o caminho tantas vezes negado por nós. Assim aconteceu com o sábio.

Se o piguara, desde aquele momento em que viu a gente homem se retirar da cidade antiga, tivesse a seguido, não teria passado tanto tempo buscando seu destino em vão.

Todo ciclo tem um fim, buscava o seu, mas já sabia que, mesmo contra sua vontade, deveria evoluir para o homem.

Seria o homem, realmente, o ser mais perfeito criado por Deus? Por que a Grande Árvore não lhe disse que ele teria que tornar-se um homem para encontrar-se com Ngoamã?

A Grande Árvore falou ao futuro homem que havia perguntas que jamais seriam respondidas e outras que só são respondidas com a devida demanda. Contudo havia algo que Ela poderia lhe dizer: “Às vezes, para renascermos, temos de morrer.” Dito isso, calou-se. Não havia aquilo, o qual ser dito.

O sábio sabia que na Natureza para se ganhar, muitas vezes, é preciso perder. A Lei do Retorno é implacável, é Ela a mola propulsora do Equilíbrio. Tudo veio do Uno e ao Uno retornará. O Nada se apartou formando o Tudo para novamente ao Nada retornar.

18. Carlos Drummond de Andrade. Em Reunião. 10ª Ed. Rio de Janeiro, J.Olympio,1980,p.12

A consciência do ser humano é muito reprimida pela ilusão do mundo material para compreender a grandeza dele próprio, o projeto mais perfeito de Deus.

O piguara não era homem, ainda não havia evoluído para tal, mas estava sendo humano demais e agindo erroneamente, lutava contra o bem comum, pensava somente em si. Sabia há muito tempo que seu destino estava com a gente homem. Começava a aceitar a ideia de que não deveria ter retrocedido no momento, em que os homens caminhavam para o inevitável erro, pois um só pode dar exemplo, mas, dificilmente, faz revolução. E quando se esmurra ponta de faca, costuma-se furar os dedos.

Se somos luzes fracas diante da escuridão generalizada, às vezes, é melhor viver no escuro também; dói menos; o peso é rebanhamente compartilhado.

Errou, porém errou com todas as forças de seu coração, acreditando no que era certo. Começar é difícil, recomeçar mais ainda. No entanto nada representa mais o fracasso que desistir, qualquer forma de desistência denota um tipo de fraqueza.

Disse à Grande Árvore: “O segredo é seguir sempre em frente, não importam os obstáculos que ainda teremos. Ter obstáculos é sinal de vida. No dia em que alguém não possuir mais obstáculos a serem transpostos, das duas uma: ou já morreu e ainda não sabe; ou só sobrevive, não vive. Por isso, vou em mais uma fase de minha existência em busca do Equilíbrio, que é bem maior que eu, mas que é impossível sem mim, ou sem você.”

Se o sábio procurava Tântos era, entre os homens, que ele O encontraria, foi a resposta da Grande Árvore.

Disse o sábio que estaria interessado em passar pelos seis estágios que percorrem o caminho que leva aos frutos da Grande Árvore do Universo, os mesmos frutos de que se serviram Adão e Eva.

Disse-lhe a Árvore: “Dar-te-ei a chance de seguirem o teu caminho, mostrar-te-ei as seis etapas que te levarão ao conhecimento. No entanto ainda restará uma e esta deverá vir de ti, do teu íntimo brotará a sétima etapa e só de ti dependerá.

Uma nova perspectiva da existência significa um novo influxo de confiança, que é válido, mesmo que seja utópico e denote apenas uma esperança. Terás de percorrer seis estágios porque seis são o total de ramos a serem percorridos. Quatro são altos o bastante para que todos, que de mim queiram se servir, tenham alguma dificuldade e esforço e, abaixo desses ramos, mais dois cujos frutos são mais ásperos e caquéticos.

As flores, que brotam dos ramos de cima, são azuis e vermelhas; as dos outros, brancas e negras. Três ramos são filhos do Sol; os outros três, filhos da Lua.

Mas nunca esqueças: um dos grandes segredos de se conviver com a humanidade é ignorar os idiotas e, sempre que possível, concordar com eles.”

O futuro homem sabia que era hora de mudar radicalmente sua vida, seu comportamento. Teria de mudar seus conceitos, seus paradigmas, teria de se reciclar. Sentia medo, contudo tinha consciência de que o medo é necessário aos seres, pois que, sem esse sentimento, podemos nos tornar muito perigosos a nós mesmos. Talvez por isso, o primeiro gesto humano foi o de apalpar, desde o longo caminho que o homem percorreu do mar até a terra, desde o dia em que a ele foi dado o direito de pisar a terra seca até pôr-se de pé. A primeira necessidade do bicho homem foi a de apalpar. Sentir as coisas com as mãos gera nessa gente uma troca de energia e um conhecimento físico e espiritual, interior e exterior, que suporta o medo, esse é um eterno paradoxo cósmico, do medo nasce a coragem.

As mãos são simbólicas na mente individual e isso reflete no coletivo. Até hoje as mãos denotam poder e força. Tal conceito está presente em todas as ações humanas: sociais, sexuais, políticas, econômicas e religiosas.

Assim que optou pela posição ereta, por perceber que tal ação o favorecia, o primeiro indivíduo, além de revolucionar seu tempo, logo se viu apalpando e cheirando todas as coisas para poder percebê-las melhor e assim vencer o medo, que, embora seja necessário, na verdade é uma pedra no caminho da evolução. Foi nessa labuta que ele também percebeu que podia emitir sons, pois nem todas as gentes gostam de ser apalpadadas.

O discernimento é um dom divino, só a gente homem o possui. Embora muitos ceguem seus olhos diante dele por assim considerarem viver melhor. Pois é exatamente esse dom o causador de muita tristeza humana. É

ele que faz tomar conta de todo sofrimento encontrado no decorrer do caminho vital de cada um.

A vida é um sonho. E, se soubermos ligar a santa trindade que existe em todos nós, teremos um sonho bom, pois são os sonhos frutos de respostas do Espírito às mensagens, mesmo que involuntárias, do corpo. Torná-los realidade só depende de cada um.

Enfim, encontraria uma das faces de Tânatos: a vida humana, as dificuldades e os sofrimentos, gerados por nossos próprios irmãos de espírito que, cegos não enxergam o quanto de mal causam a si próprios por tabela. Todo mal gerado, um dia retornará à sua origem. Da mesma forma, um bem. A Lei do Retorno pode demorar, mas não falta.

Conviver com a humanidade seria uma das pontas da Morte, que nos faz cruzar o portal tão logo alcançamos o outro ponto do fio, o qual nós mesmos tecemos ao longo de nossa existência material.

Estava feliz, agora sabia que seu encontro com Ngoamã não tardaria.

O sábio vegetal se pronunciou mais uma vez:

“Agora que percorreste o caminho da vida, irás percorrer o caminho da morte: a jornada de Tânatos. É necessário que tu vivas entre os homens para que O encontres, o ser da morte, o ser que tudo devora, o ser que tudo transforma. Irás, contudo, perder tua condição de piguara, tua condição de Elemental. Serás muito mais que isso: serás Homem, o ser mais perfeito da obra de Deus. Esquecerás, paulatinamente, todos os teus conhecimentos de senhor dos caminhos”.

Siriará quis saber se esqueceria tudo. A resposta foi que dependeria da maneira como ele decidisse seguir seu novo caminho. O mundo tentaria seduzi-lo de todas as formas para que ficasse cada vez mais preso à sua nova condição material. O afastamento do contato direto com a natureza iria facilitar o trabalho mundano.

“Tu agirás, agora, por ti só. Irás ter uma vida racional e cada vez que tiveres que superar um obstáculo, não agirás de acordo com o Hálito de Deus, mas por ti somente.”

O futuro homem quis saber se já não possuía o Bafo Divino, ao que a Árvore respondeu que sim. Mas que naquele momento Ele permanecia um pouco mais distante da matéria e da alma e que se chamava Espírito.

“A função do homem na terra é exatamente esta: harmonizar o espírito, que é divino e está diretamente ligado ao Uno, com sua alma e consequentemente com sua matéria, pois é dessa trilogia que é formado o ser mais perfeito da obra de Deus. Porém nunca esqueças: não é porque o homem é o ser mais perfeito da obra Dele que será o mais amado e o único detentor de Seu amor. A matéria é a única preocupação da maioria dos homens. Neles não é a alma que comanda o corpo, mas este que comanda aquela.

A cada momento que o homem busca desesperadamente a matéria. Mais se afasta do Espírito, lamentável e inconsequente ato, pois que Ele representa o Uno, representa Deus e Ele está em Tudo.

Tal pensamento nos faz crer que, ao fazermos o bem ao próximo, estaremos, indiretamente, nos fazendo um bem. Da mesma forma acontecerá em relação ao mal. A conhecida máxima sobre a Lei do Retorno não é lenda, é constatação empírica.”

Assim se pronunciou o sábio vegetal e se calou por um tempo, como que se estivesse confabulando com o Hálito Divino.

O vento veio. A água veio dos céus. E só depois se pronunciou novamente dizendo: “Meu querido Siriará, é pena que tenhas de ir. Contudo é teu dever seguir o Equilíbrio e eu não posso segurá-lo aqui. Agora não esqueça, lembra bem isso o que eu vou dizer: o pior vício da humanidade é o que eles chamam de dinheiro. Tu não vives sem ele, mas a obsessão em amealhá-lo, que a própria sociedade, impõe é profundamente danosa ao teu fim que é harmonizar a trilogia de que é feito o homem. Serena tua alma em relação à matéria, lembra que o dinheiro deve ser tua posse e não tu dele. Os maus de coração, os que amealham riquezas em busca de ilusão, é somente isso que terão. Pois o que é ilusão, é efêmero; o que fica é a realidade e a realidade sempre, de alguma forma, representará o bem comum. Seja rico ou seja pobre, busca sempre o bem comum.”

Ao se despedirem, o homem quis saber se nunca mais a veria. A árvore respondeu que todos os dias, pois suas raízes estão ligadas a todo

vegetal do planeta. Mas que não se preocupasse caso não pudessem mais manter um diálogo, pois um dia todos seríamos um só novamente. O dia em que tudo se juntasse exatamente pelo lado contrário do qual se apartou. Depois desse dia, só haveria uma consciência, porque o espírito seria Uno mais uma vez e todas as gentes possuiriam um único pensamento: o bem comum, já que todo mundo seria o mundo todo. Para então, quem sabe a vontade de Deus?, começar tudo de novo.

“Não esqueças: a gente a teu redor é parte de ti.

II - O Elemental se encontra no meio do caminho

“ Toda carne que nasceu da terra será destruída e à terra terá de volver, voltando então a ser terra tal como terra antes tinha sido. Então, mediante o hálito da vida celestial, o sal terreno provocará um novo nascimento. E onde quer que a terra não tenha estado no princípio não poderá haver renascimento segundo a nossa obra. Pois a terra é o bálsamo da Natureza e o sal daqueles que buscam o conhecimento de todas as coisas.”¹⁹

Σατορνο²⁰

Os Símbolos são a representação concreta de nossas mais abstratas imaginações; embora perigosos, já que ora trazem epifanias; ora, distanciamento da realidade, são necessários à transmissão do conhecimento. Para os antigos, a matéria seria algo como um símbolo de Deus. Na antiga civilização, tal conceito era bastante evidente, já que o homem, nesse momento, acha-se ligado à vida, principalmente, através dos sentidos. E a matéria do homem é simbolizada pela Terra; elemento que, representando a origem passiva de todas as coisas visíveis, se contrapõe ao Céu, sua força criadora e de natureza ativa. Enquanto a Terra dá forma e corpo ao volátil Céu, este representa as leis celestiais.

Disso, podemos concluir que a visão de mundo do povo antigo era ao mesmo tempo material e espiritual. Nesse ponto de vista, toda matéria, orgânica ou não é uma manifestação divina. O homem moderno coisificou tudo. Só a partir dele a matéria se torna, simplesmente, um objeto qualquer, destituído de espiritualidade. E, nesse processo até o homem está se tornando um objeto. Ela, a matéria, já não representa o reflexo puramente passivo do espírito universal, mas adquire consistência própria e limitada, que não admite abstração, e, por isso, não se deixa penetrar pelo espírito, tornando-se apenas um fato e nada mais.

19. Basílio Valentino – Von dem grossen Stein der uhralten Weisen, Estrasburgo, 1645.

20. Saturno – Primeiro estágio

O que temos, na verdade, é um retrocesso; não há fogo no vácuo. A Terra está para a Água, assim como o Ar está para o Fogo. Os primeiros agem horizontalmente; os últimos, verticalmente.

O processo de humanização do Elemental consiste em, tal qual a Grande Obra, separar para depois unir. No caso do nosso querido piguara, não haveria muito trabalho a fazer, já que ele tinha uma vida em total concordância com os preceitos divinos.

Cada ser possui uma trindade que se divide em corpo, alma e espírito, este é santo e único, provém do bafo de Deus, saiu de sua glote, que a tudo pertence e que a tudo se inclui. O grande segredo está em percebê-lo. Nem todos conseguem tal feito nesta vida material. Por isso, ao fazer a passagem de plano, têm tanta dificuldade para se livrar do peso que a matéria lhes impõe. Se, em vida, tivessem percebido o Espírito que tudo contém e que em tudo está contido, sua passagem seria agradável como o sono dos justos.

Desde que tudo começou a separar-se, a alma se tornou mais distante do espírito e mais atraída pelo corpo. A obra a ser manifesta é exatamente conciliar tal trindade que, naturalmente, existe em nós.

Para tanto, devemos começar por purificar o corpo, que é o forno das paixões e templo da alma e do espírito. A purificação corporal começa pela mente, livrando o corpo de todos os vícios, a que somos submetidos por estarmos do lado de baixo do Equilíbrio é que, só então, conseguiremos reunir alma e espírito. Quando esse dia chegar, todo mal de nós se apartará e só as bênçãos nos visitarão, porque nosso coração terá se livrado de tudo que é vão e efêmero e terá abraçado aquilo que nunca morrerá, a única coisa que é eterna: o Amor Divino.

O espírito, por sua vez, é como vapor gasoso de influxo divino que desce hodiernamente do céu a terra, é como o vento Aracati que entra sertão adentro, impregnando o corpo poroso dos homens, da fauna e da flora; o que devemos fazer é espiritualizar o corpo para depois corporalizar o espírito. Sê bom e conseguirás completar tua obra interior, mas não antes de observares o exterior; pois, certamente e sem dúvida, o de fora é igual ao de dentro.

O corpo, ao ficar limpo de todas futilidades, serve de elo entre o microcosmo humano, local onde mora a alma; e o macrocosmo, local de

morada do que tudo contém e do que em tudo está contido, o Espírito Santo; pois, certamente e sem dúvida, o de baixo é igual ao de cima.

Para que uma grande árvore possa nascer, é necessário que se pegue uma semente e a enterre no seio da terra, para que com sua morte simbólica possa renascer forte e em condições de frutificar. Só depois de se transformar em cinza é que a fênix renasce.

Então, da costela do dia, Ngoamã fez a noite e tudo anoiteceu naqueles dias, sobretudo a vida de Siriará. O deserto daquele lugar chorou um choro seco e árido, somente banhado pelo sangue daquela gente. Homens, então, se chamaram índios, negros, brancos, mamelucos, cafuzos, cabras, caboclos e tantos outros que um dia se cansaram de tanta nomenclatura e denominaram-se apenas homens.



(Fortaleza - Ce)

III - O homem

*“Épico dos cangaceiros
Cavalgando os sóis,
Xaxados amados
No corpo em chamas
De Angicos embalsamado,
Nos punhais de Lampião.”²¹*

Júpiter – O segundo estágio

“ Aquele que saiba limpar e branquear a alma, levando-a depois a elevar-se, terá assim liberto o seu corpo de trevas, negruras e maus odores... Pois este poderá depois fazer com que a alma regresse ao corpo e, na altura de uma tal reunião, grandes milagres virão a manifestar-se...”²²

A colonização do Ceará teve três pontos principais: o rio Jaguaribe, o Coreaú e o Acaraú. Esses três rios serviram de estrada por onde escoavam mercadorias várias, entre elas a carne-de-sol, o couro e o algodão; trinômio base da economia cearense durante muito. O algodão, produto nativo das Américas, já era conhecido e utilizado pelos nossos indígenas antes da chegada do europeu a estas plagas.

Em 1701, uma Carta Régia proibiu a criação de gado na região litorânea até a distância de 10 léguas. Razão pela qual a pecuária atingiu o sertão semiárido numa rapidez espantosa.

A Capitania do Siará Grande já comercializava gado com Pernambuco e a Bahia. Contudo, a marcha que o rebanho empreendia desvalorizava sobremaneira cada cabeça que emagrecia com a longa jornada. Foi, então, que alguém teve a ideia de aperfeiçoar uma técnica empregada pelos nativos dessa região: fabricar uma carne seca, não prensada, menos salgada e desidratada ao vento a carne-de-sol.

21. In Breve Perfil, Arsênio Flexa, arquivo do autor

22. Morieno; in Titus Burckhardt “Alquimia” publicações Dom Quixote; Lisboa, 1991, p.193

As fábricas de beneficiamento de carne, chamadas de Feitorias ou Charqueadas, instaladas nos estuários dos rios já citados, criaram as condições necessárias para que povoados, como Jaguaribe, Aracati, Granja, Camocim e Acaraú se desenvolvessem e se tornassem o pulmão da economia colonial dessa capitania.

As charqueadas tornaram-se muito prósperas no Aracati, talvez por seu porto mais bem estruturado e relativamente próximo de Recife e de Salvador. Ali se desenvolveu um comércio não só de carne-de-sol, como de couro salgado de boi e de cabra muito valiosos pelo seu alto preço no mercado internacional. Isso levou um número considerável de pessoas não só da própria capitania, como de outras vizinhas àquelas regiões.

Joaquim Siriará Grande nascera em Fortaleza na primeira lua cheia do ano de 1800, filho de uma índia tabeba e sem pai definido, pois que sua mãe, ainda adolescente, fora vendida pela própria família a uma mulher destituída de escrúpulos, por uma rapadura e dois quilos de farinha.

A família da moça não sabia, mas estava entregando a filha nas mãos de uma grande agenciadora de garotas da cidade de Aracati. A pérfida jurou de pés juntos e mãos atadas, dizendo que seu maior sonho era ter uma filha, que lhe daria educação e vida digna. Foi enfim levada àquele local, onde muitos iam gastar seu dinheiro salgado com pensamentos doces de taras e maldades. Sua virgindade, primeiro, foi vendida para um espanhol que pagou em ouro e adiantado. Depois sua virgindade foi vendida mais algumas vezes por bastante dinheiro e para bastante gringos.

Um coronel português sexagenário, que pelo menos a tratou bem, conseguiu arrematá-la e, depois de algumas semanas, levou-a para Fortaleza. Contudo, a sina da jovem por nome Floriana ainda não havia se findado. Ao chegar à casa do coronel, teve que trabalhar como escrava e suportar a visita sexual constante do português e de seus dois filhos, além do mau humor da esposa mal-amada.

Floriana era uma jovem de boa índole, apesar de toda miséria em que nasceu. Ela e os onze irmãos tiveram afeto de pai e mãe. Sempre lembrava aquilo que o pai, diante do choro desesperado da mãe, disse-lhe antes de entregá-la à alcoviteira: “Minha filha, chega um momento na vida de um ser que ou ele segue em frente e morre tentando, ou morre parado.” Dito isso,

deixou-a, virou-se e, sem olhar para trás, seguiu com o resto da família seu caminho, retirante que era. Depois daquele episódio, ela jamais tornaria a ver nenhum deles.

A formação social desse estado sempre foi baseada em uma ideologia religiosa. O Vaticano disputou com os grupos dirigentes a hegemonia administrativa de Portugal e de suas colônias. A influência desses religiosos aqui no Brasil inicia, principalmente, com os jesuítas e seus aldeamentos.

Expressando sua mensagem teocêntrica como instrumento de subordinação e conformismo da classe subalterna os de origem indígena, africana e os sem cargos públicos. Os religiosos ajudaram a instituir um neoteocentrismo medieval nesse lugar, onde uma falsa percepção de igualdade é difundida: “Branco, negro, rico, pobre, todos são iguais.”; “Os humilhados serão exaltados.”; “a pobreza Deus amou.”...

Falsa percepção que iria legitimar o domínio e a exploração dos coronéis em relação aos pobres miseráveis descendentes dos verdadeiros donos dessas terras, fazendo com que passivamente aceitassem a condição de dominados. Eram tempos de dominadores e dominados.

É a partir desse contexto que surge a figura do coronel, elemento humano, político e ditador que será o delegado e juiz dessa leva de sertanejos esfomeados de alimento e saber. No dia em que a esposa do coronel soube que Floriana estava grávida a colocou na rua, acusando-a de se oferecer para os ‘machos’ da casa. A jovem amargou nas ruas cobertas de areia da futura capital do estado.

No ano de 1799, um Alvará Régio, assinado por Sua Majestade D. Maria I^a a louca, torna a Capitania do Ceará independente, permitindo o seu comércio direto com Portugal. Fato que só irá favorecer esse lugar. Contudo, as coisas sempre podem melhorar. Em 1808, com a abertura dos portos às nações amigas pelo próprio imperador, a cidade de Fortaleza vai realmente conhecer uma certa prosperidade, principalmente pelo comércio com os ingleses, que se interessam pelo nosso algodão em virtude da guerra da secessão em sua antiga colônia.

Quando os holandeses aqui voltaram, em 1649, perceberam que a Barra do Ceará não era um bom lugar para ficar. Escolheram então um local

estratégico: um monte chamado Marajaitiba. Ali construíram, com as telhas e os canhões trazidos da antiga fortificação erguida por Martim Soares Moreno, um forte, que denominaram Schoonenborch. A seus pés, iniciou-se uma aldeota que herdou o nome de Siará Grande, tal qual chamavam os índios da antiga vila da barra do siriará grande.

Era a cidade, no início do século XIX, uma colina de areia com quatro ruas, três igrejas, o Palácio do Governador, a Casa da Câmara e uma prisão, Alfândega e Tesouraria, além de algumas dezenas de palhoças. De moradores, pouco mais que mil. A Fortaleza então denominada Nossa Senhora D'Assunção, não passava de uma paliçada fincada na areia, somente reformada com alvenaria em 1816. Os soldados da guarnição do forte, na maioria pernambucanos, andavam descalços e seminus, pois o pagamento era feito com muitos atrasos e em gêneros, nunca em dinheiro. Foi um desses soldados que ao passar pela rua, viu a figura esquelética e grávida de Floriana. Era um homem maduro, sem família e de pouco mais de quarenta anos, embora sua pele curtida de sol e fome indicasse mais idade. Contudo, foi esse o redentor da jovem índia e seu filho, na verdade sentiu mais dó da mulher que desejo. E foi ali, ao pé do forte, que nasceu e cresceu o jovem Siriará, merendendo cocobabão, manga e siriguela, banhando-se no riacho pajeú e jantando caldo de cabeça de cangulo.

IV - O Homem e a vida

*“Já não ando em planícies vazias.
Afastei de mim todos os anátemas.
O ludíbrio já não escarnece dos meus ideais.
Agora caminho pelas nascentes regozijado,
ando entre flores nos quintais do encanto.”²³”*

*A cinza deixa de ser cinza, a semente agora cresce e se eleva da Terra, de
escura fica clara, liberta o corpo das trevas e alcança a luz.
Cada minuto que passa é uma nova chance que temos de mudar nossa vida.*

Era o ano 1857, Joaquim Siriará Grande olhou a sua volta. Tudo muito estranho. A sala muito iluminada atrapalhava sua visão, que pelos sintomas sentidos pelo ex-comerciante, há algum tempo não era utilizada. Percebeu que a única coisa que podia mover eram os olhos. E assim o fez.

Alguns equipamentos ao seu redor, parafernálias, não entendeu muito bem o que acontecia, não lembrava nada. Respirou com dificuldade. De repente, aparece uma enfermeira fazendo gestos com a boca, gritava, mas ele não escutava nada. A enfermeira fazia gestos com a mão para que alguém, algures, adentrasse a sala onde estavam. Um homem vestido de branco entrou esbaforido com cara de quem via fantasma e só pôde ler nos seus lábios: “É um milagre!”

Estava no primeiro hospital de Fortaleza, o Hospital de caridade futura Santa Casa. Ao seu redor, uma meia dúzia de índios enfermos. O mais idoso deles agilmente pulou da cama, foi a frente de sua cama e lhe disse: "Desejo que o Sol ilumine teus olhos e que a cobra venenosa não alcance teus pés, muito menos te fira a seta inimiga. Que tuas castanhas sejam incontáveis e que tua sabedoria ilumine todas as gentes por inúmeros ciclos lunares." Todos os que ali estavam, com exceção do médico e da enfermeira, escutaram a saudação. E, por isso, o médico mandou que a enfermeira aplicasse mais morfina no idoso, pois aquele era um paciente em estado terminal de tuberculose. Não podia entender como aquele homem conseguira levantar-se em tal estado de saúde.

23. VERBO IMAGINÁRIO, "Harmonia" Márcio Catunda. Roumena Publishers – Sofia. P.11

O que o médico e a enfermeira presenciaram naquele dia foi algo bastante inusitado. Primeiro um homem que, havia sido dado como morto há cinco minutos, em virtude de uma parada cardíaca, voltava à vida. Depois um paciente terminal levantava-se de sua cama e ficava em um estado de excitação anormal para sua situação.

Siriará chegara até aquele local trazido por populares, depois de ser encontrado na rua agonizando, com uma faca enterrada na barriga.

O médico de plantão tratou e costurou o ferimento, mas o homem ficou inconsciente durante seis dias. No sétimo, depois de algumas convulsões, seu coração parou. O cura já estava preparando o atestado de óbito, quando ouviu os gritos da enfermeira.

Ao chegar ao hospital, o reconheceram de imediato. Siriará era um comerciante conhecido na capital. Possuía uma empresa que exportava algodão para a Inglaterra, mas nem sempre fora assim, já passara muita necessidade. As lembranças começavam a fervilhar em sua mente, mesmo que meio confusas. Na verdade, ainda não discernia se eram mesmo lembranças que possuía naquele momento, ou se eram sonhos, devaneios de uma mente à beira da morte. Aqueles minutos ou quem sabe segundos, com o coração parado, o haviam dado novamente a consciência do Equilíbrio, uma consciência vagando entre o surrealismo teocêntrico oriental e a realidade ocidental da teologia vigente. Contudo aprendera naquele dia:

“Há um fio muito tênue entre a vida e a morte”.

V - A vida

*“ Viver a vida rara.
Viver a vida branda.
Viver a vida fosca.
A vida quase nuvem.
A vida quase nada
a escorrer secreta
no meu sangue.”²⁴*

Lua – o terceiro estágio

“ Tudo fica branco como o manto da mãe divina, aqui o ser consegue neutralizar o antagonismo de todas as coisas, cristalizando o vário no único, confluindo num estado de pureza absoluta.”

A Ordem Régia de 1699 deu à cidade de Fortaleza a condição de vila. Dizia Sua Majestade, em coerentes termos, “Fui servido resolver que se crie em vila o Ceará”. Assim era conhecido o povoado de Marajaitiba, trazido o topônimo, como as telhas e os canhões, da barra do rio onde esteve o forte de Martins Soares Moreno²⁵.

Infelizmente, nada seria tão fácil para a futura cidade da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. Os principais administradores da então vila, por motivos econômicos, acharam por bem instalar a cabeça da vila no arraial do Iguape, local, segundo eles, no qual existiam muitas terras para lavra, águas de boa pescaria, além de porto fácil para entrada e saída de embarcações, ao contrário das praias da fortaleza, com seus mares bravios.

A verdade é que a história da então Câmara não convenceu o governador de Pernambuco que, ao tomar conhecimento do fato ocorrido em janeiro de 1700, de imediato enviou resolução ao Capitão-mor do Ceará, o também pernambucano Francisco Gil Ribeiro, no sentido de que a cabeça fosse instalada “em que atualmente assiste essa pequena povoação (Ceará). No dia 25 de maio do ano citado, fez-se a fundação “junto da fortaleza, debaixo das armas dela”, com juramento e posse dos oficiais da Câmara²⁶.

24. Dimas Macedo in: Vozes do silêncio. Imprensa Universitária, Fortaleza-2003, p.36

25. Fonte: Raimundo Girão in Geografia Estética de Fortaleza. BNB 1979 2ª edição. P.49 e 65.

26. Fonte: Idem 25

Em 1702, o Capitão-mor e o vigário usam de sua influência diante da Câmara, que se decide pela mudança da vila para a barra do rio Ceará, local da primeira construção erguida em terras alencarinhas, o fortim de S. Sebastião.

Em 1706 marca a volta do pelourinho²⁷ para a Fortaleza de N.S. D'Assunção e o embargo à essa deliberação da nova Câmara usando o argumento de que a antiga havia sido influenciada pelo Capitão-mor. Diziam que a região da Fortaleza era um lugar de desplanuras sem igual. Cheia de altos e baixos, circundada por areia frouxa e de péssimas águas. Ao tempo que havia um lugar com boa planície, água permanente e ótima qualidade, peixe abundante e com um porto tranquilo à pouca distância da barra do Iguape chamada Aquiraz. Ficaria por muito tempo ainda a futura cidade, filha da Fortaleza, livre de especulação, mares bravios e solitários, apenas frequentados por locais.

Quem eram os locais que frequentavam as ruas e praias semivirgens da antiga cidade?

O Ceará é o microcosmo do aspecto macro que se dará por todo o País, no que diz respeito à formação étnica desse povo imenso e, por isso, intenso.

Desde os primórdios, começaram a povoar nosso espaço, além dos ibéricos, baianos, pernambucanos e até os bandeirantes paulistas em busca de sítios e vida amenos, passando por alguns holandeses e até franceses, antigos remanescentes dos holandeses e dos piratas que durante algum tempo namoraram terras nordestinas, que se integraram na vida local e preferiram constituir um lar; assim nascem as grandes nações.

Lógico que não podemos esquecer o elemento natural, sobretudo a nativa que, quer por força bruta, quer por mera sobrevivência, facilmente se miscigenou com toda variedade masculina que por aqui aportou. Inclusive o negro que, mesmo em pouca quantidade nessas plagas, em virtude do alto preço que um cativo valia, sempre foi figura constante na formação do estado e do país; assim nascem os heróis.

Mas a verdade é que o domínio econômico e social sempre foi exercido por algumas poucas famílias de origem nobre. Inicialmente mandaram vaqueiros tomar de conta das fazendas, pagavam-lhes uma rês por

27. símbolo da ordem e da justiça, não era o pelourinho somente local de castigo contra gente cativa, mas poste de expiação pública onde se expunham os criminosos de toda natureza desde bêbados arruaceiros até mulheres de vida airada, lá cortavam os cabelos delas e as expulsavam do povoado ao som de tambores, porém nunca servia para execução mortal. (Nota do autor)

cada quatro que nascessem, conforme acontece até hoje. Depois, seus descendentes vieram pessoalmente, ou por medo de perder o patrimônio, ou por puro espírito de aventura.

Ficou clara, desde o início de nossa vida comercial nossa ligação tanto com Pernambuco, quanto com a Bahia. Conquanto, por questão territorial e política, a relação tenha sido predominante com o primeiro Estado. Já que o decreto real de 1699 criava uma vila, mas uma vila totalmente dependente de Pernambuco. Todo nosso comércio passava inicialmente por tal localidade para depois seguir rumo a Europa. E claro que a mercadoria, principalmente gado, couro, carne e algodão, ia encarecendo em virtude dos atravessadores.

contudo poucos aqui reclamavam, já que o lucro maior iria invariavelmente para parentes próximos e a renda deles estava garantida com um gasto mínimo e uma mão de obra baratíssima e abundante. Daí entendermos porque era tão interessante para a minoria abastada do Estado que a cabeça da comarca fosse em Aquiraz, porto entre o sertão e o litoral, mais perto das grandes fazendas e dos olhos feudais dos coronéis de então. Sem falar que, segundo alguns, a cidade era bem mais apresentável que a feia Fortaleza, feita de paus fincados num monte de areia.

Muitos homens de negócio, principalmente pernambucanos, investiram em terras e gado no sertão cearense. Famílias baianas também aportaram em terras cariris. Com o advento do algodão, vieram os ingleses e estava completo o caldeirão humano que formaria essa legião de cearenses.

Em 1711, nova Ordem Real transfere oficialmente a vila para Aquiraz. Rumores e ameaças de um lado e de outro, dos que queriam a mudança e dos que não queriam. Apesar das reclamações de alguns, instala-se naquele lugar a Vila de S. José de Ribamar do Ceará Grande. Mandou-se levantar o Pelourinho para a aclamação dos camaristas. Essa mesma Câmara acordou pagar aos índios, que fizeram o transporte do arquivo de Fortaleza até aquela localidade, uma vaca e dois alqueires de farinha.

Mal se seguiram trinta dias do trabalho concluído e como não houvesse a paga pelo serviço, os nativos anacés, jaguaribaras, paiacus e outros assaltaram a recente vila. Roubaram, mataram e afugentaram quem atravessou seu caminho. Contam os historiadores que houve mais de 200 mortes e que os sobreviventes refugiaram-se na fortaleza, a convite do então Capitão-mor.

Agora, eram os moradores de Aquiraz que pediam para que Fortaleza voltasse a ser a cabeça da comarca. Fato que só ocorrerá com a Resolução Real de 1725. Inaugurou-se definitivamente a vila nesta Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção do Ceará Grande, em 13 de abril de 1726.

Esquecida pela metrópole e desdenhada pela capitania a que pertencia, ficou sempre a miserável vila entregue à própria sorte. Sorte que só iria mudar com seu definitivo desmembramento de Pernambuco em 1799, quando o Ceará poderá estabelecer comércio diretamente com a Europa, principalmente Inglaterra.

O primeiro governador da vila do Ceará foi Bernardo Manuel de Vasconcelos que embora em curta administração, não poupou esforços para que a nova vila tomasse impulso econômico e social, abrindo estradas ligando o litoral ao interior, proibindo energicamente a devastação das matas etc.

O segundo, João Carlos Augusto de Oeynhausien, o futuro Marquês de Aracati, chegou a Fortaleza em novembro de 1803. Incentivou sobretudo o comércio marítimo e deixou o governo em junho de 1808, quando o fidalgo da Casa Real, Luís Barba Alardo de Meneses, assume e impulsiona de vez o comércio cearense, sobretudo o de algodão.

Contudo, é no governo do quarto administrador da vila do Ceará Manuel Inácio de Sampaio, que esse lugar definitivamente começa a ter ares de cidade. Segundo alguns historiadores, foi o mais inteligente e enérgico governador do Ceará no Brasil colônia. Embora, considerado déspota por muitos; enfrentou com energia os potentados rurais e os revolucionários de 1817. Reconstruiu a Fortaleza em alvenaria, instalou a alfândega e planejou nosso primeiro sistema de correio terrestre ligando Fortaleza a todo o interior e, posteriormente, às Capitâneas vizinhas. Mandou construir chafarizes em pontos diversos e construiu o Mercado Público.

Possuía esse homem público um conhecimento cultural e científico muito intenso. A ele é imputado o início da literatura cearense, com a criação, em 1813, de tertúlias literárias que denominou de Outeiros.

Muito amigo de Manuel Sampaio e assíduo frequentador das ditas sessões era o rico português de nome Antônio Silva. Há mais de duas décadas radicado na cidade, e era propulsor e financiador do plantio de algodão, exportador de navios abarrotados da valiosa malvacea com destino a Londres.

Era o ano de 1813 e o traçado urbano de Fortaleza continuava arcaico, apesar do governador Sampaio e do engenheiro Silva Paulet já pensarem novos rumos em relação a isso. A baliza que serviu de referência para as primeiras ruas da cidade foi a trilogia que a caracterizava: fortaleza, matriz e praça com o pelourinho centralizando-os.

Da Praça da Matriz, Praça do Conselho e depois Praça da Carolina²⁸, saía a rua principal em direção ao sertão, com denominações várias no decorrer da história como Rua Direita, Rua de Baixo, Rua da Matriz, Rua dos Mercadores²⁹.

Partindo sempre de norte a sul e do mar para o sertão, primeiro, temos três ruas que originarão uma só, quando o alinhamento da cidade em ângulos retos proposto por Paulet acontecer. Rua da Boa Vista, atual Floriano Peixoto. São elas: Rua das Belas compreendido entre a dita Fortaleza e a atual Rua São Paulo. Rua da Pitombeira, da Rua São Paulo até o lado sul da Praça do Ferreira e Rua da Alegria, do lado sul da Praça até a atual Rua Pedro I. Onde se acabavam as construções urbanas da época.

Paralelamente a essas arcaicas ruas, rumo sul, encontramos Rua da Palma, Major Facundo e Formosa Barão do Rio Branco. As outras ainda não se definiram, sem falar nas travessas que ainda engatinham na formação de suas choupanas nesse dito ano.

Antônio Silva acabara de sair do Palácio do Governador, depois de uma sessão dos Outeiros e subia já pela Rua da Pitombeira no caminho da Rua da Alegria, onde no final havia erigido linda chácara de dez lotes de terra e catavento bombeando água do poço direto para o encanamento da casa, uma tecnologia moderna acessível a muito poucos. Acendera seu cachimbo repleto com fumo aromático inglês e caminhava, e sonhava branco ao contar tufos de algodão, e pisava gostoso a areia de praia que cobria aquele chão com cheiro de futuro e Libras, e escutava bem próximo o barulho dos verdes mares.

Normalmente, o comerciante circulava pela pequena vila a bordo de sua charrete puxada por seu cavalo puro-sangue inglês, o mais belo da capitania, muitos populares circulavam o animal para admirá-lo.

28. Assim batizada desde 1817, em homenagem à Arquiduquesa Maria Carolina Leopoldina, por ocasião de seu casamento com D. Pedro I (D. Pedro IV, em Portugal). Raimundo Girão, obra citada, p.77

29. Hoje Rua Conde D'Eu.

A caminhada fazia parte de conselhos médicos. Era um homem beirando os setenta anos de idade e o irmão, médico luso, pediu-lhe para que não se acomodasse tanto em passeios de carro. Alguns versos ainda reverberavam em sua mente “ Vai ó Fama, por toda redondeza/ Publicando por tuas bocas cento,/ Do Ceará que foi pobre o muito aumento,/ A grande exportação, suma riqueza.³⁰”

De repente, dois homens cruzaram seu caminho. O intuito era roubá-lo; um ainda menino, não tinha mais que quatorze anos, o outro pouco mais de vinte. O toque de recolher já havia sido dado há alguns minutos. Isso significava ser pouco mais de nove horas. Deram-lhe voz de parada, o português virou-se, o mais velho desferiu-lhe um chute no avantajado abdômen de forma que lhe obrigou a cair de joelhos, enquanto o menor rastreava seus bolsos e o livrava do peso de sua bolsa contendo algumas poucas notas e outras tantas moedas, dinheiro insignificante para ele, mas que daria para dois vagabundos comerem folgado durante uma semana.

Às vezes, os caminhos nos levam a aparentes descaminhos que na realidade, se mostram verdadeiras pontes. Antônio Silva, por sua maturidade, já tinha conhecimento disso; Siriará ainda não.

Aos treze anos ia o jovem caboclo todos os dias, a pé, até o matadouro, caminhada de hora e meia, fazer serviços gerais de limpeza. Trazia vísceras de animais, um verdadeiro regalo que sua mãe preparava de várias formas desde cozidas até fritas na banha de porco. Só lhe restava depois conseguir um punhado de farinha com D. Margarida, quando fosse limpar seu camburão³¹. Já possuía porte adulto, um metro e setenta e cinco pelo menos, uns setenta quilos aproximadamente, viu a cena e gritou para que os ladrões deixassem o homem em paz.

Os jovens infratores esqueléticos olharam ao mesmo tempo para o rapaz que os encarava. O mais velho possuía a metade do tamanho de Siriará, que tinha um porte europeu, conquanto as feições eram indígenas. Portava o mais velho uma faca tipo peixeira toda enferrujada, o mais jovem um porrete de madeira e como, por esse motivo, não se acabrunhassem, investiu de primeiro o que estava com a faca. Tentou esfaqueá-lo de frente e de cima para baixo, quando abaixou a mão, já estava no chão. Siriará o jogara por cima do ombro. O jovem ladrão caiu e seu oponente, utilizando-se de uma chave de braço, quebrou-lhe esse membro em duas partes. O mais jovem, ao ouvir o

30. Primeiro quarteto do soneto de Pacheco Espinosa intitulado “Ao aumento da Vila de Fortaleza”.

31. Barricas cônicas de madeira que, nas casas ricas, eram conservadas em lugar discreto e nelas depositados os excrementos da semana. Quando cheios eram levados à praia por miseráveis, escravos de ganho e desocupados para terem seu conteúdo jogado no mar em troca de algumas poucas moedas.

som dos ossos do braço do comparsa serem quebrados, seguidos por seus gritos de dor, só teve coragem de correr o mais que suas pernas conseguiram. No que foi seguido pelo outro logo que pôde se pôr de pé.

Antônio que, a tudo assistia, buscava ar para alimentar os pulmões só conseguiu balançar a cabeça afirmativamente, enquanto o seu salvador o segurava pelos braços e o ajudava a levantar-se. Buscou a bolsa de dinheiro para recompensá-lo, não a encontrou. Os infames haviam conseguido seu intento. O jovem herói catava pelo chão as vísceras que com a contenda, haviam caído do papel ordinário em que estavam embrulhadas e se espalhado pela areia da rua.

O português, ao perceber aquela cena, pediu-lhe que o acompanhasse até sua casa, pois que lá o recompensaria pelo feito heroico. O rapaz deu de ombros, não tinha nada a perder, terminou o serviço que havia começado e o seguiu. De fato, foi bem recompensado, como percebeu o comerciante a melhor paga seria comida, deu-lhe meio quilo de carne-seca, um de farinha e um de arroz, gênero muito raro e caro aos mais pobres. O jovem arregalou os olhos, como se estivesse olhando ouro, já havia ouvido falar naquele cereal, mas nunca o tinha visto.

Antônio sabia como recompensar um bom serviço e era isso que aquele rapaz havia feito: “um bom serviço”. Quis saber onde aprendera a lutar daquele jeito. Respondeu-lhe que com o pai, militar que era, com ele desde cedo aprendera técnicas de autodefesa. Perguntou-lhe quem era seu pai, respondeu que o verdadeiro não conheceu, nem sua mãe jamais falara sobre ele. Mas o único que conheceu lhe valeu por demais. Infelizmente há dois anos era falecido, vítima de mal repentino. Comera pirão escaldado e saíra ao relento, ‘foi batata!’ Morte imediata, era jovem, mal havia completado 55 anos, não fosse sua teimosia...

Quis continuar a conversa, mas o garoto só pensava no repasto nunca dantes imaginado com o qual estava prestes a se regalar e, rapidamente despediu-se. O homem perguntou se tinha serviço certo. Ele disse que não, então foi convidado a retornar no dia seguinte, poderia arranjar-lhe algo.

Foi para casa com as mãos e a mente cheias.

Sua mãe não acreditava no que via, queria ter certeza de que aqueles gêneros não eram fruto de algo ilegal. O filho contou-lhe toda a história. A senhora exultou e comeu orgulhosa o repasto de coronéis do algodão.

Sonharam ambos com a mesma imagem: uma árvore. Ainda que sonhos diferentes. A mãe conversava com ela e lembraram tempos felizes e saudaram dias vindouros. A árvore alertava-lhe que nem a bênção das mães impede o desenrolar do Equilíbrio. O filho sonhou colhendo frutos de prata, em troca deixava sua inocência aos prantos ao pé do vegetal.

Acordaram felizes e vendo o sorriso um do outro. O filho jurou que, a partir daquele dia iria ver sua mãe acordar com aquele sorriso para sempre. A mãe agradeceu o dia lindo que se formava e pediu a Nossa Senhora D'Assunção, que sempre mantivesse seu filho no caminho certo, que o cobrisse com seu manto divino.

Mas nem mesmo a bênção das mães é capaz de deter o desenrolar do Equilíbrio.

VI - O homem e a descoberta da malícia

*“Amar!
Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: aqui... além....
Mais este e aquele, o outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!”³²*

Vênus – o quarto estágio

O feminino domina o masculino e o menino se torna homem. O corpo atinge o máximo de sua plenitude e agora espera o Equilíbrio agir, unindo aquilo que separou de um lado, com seu contrário.

Eram sete horas de uma terça-feira chuvosa, quando o jovem Siriará bateu à porta do coronel do algodão. Demorou a ser atendido, pois todos os serviços estavam ocupados, servindo aos senhores que estavam reunidos em um café-da-manhã de negócios. Antônio reunia-se com ingleses e capatazes de suas duas fazendas de algodão, negociavam preços e prazos. O rapaz foi levado à cozinha e embora já houvesse feito o desjejum em casa, não viu nada de mais em comer novamente.

Bill Water era um dos principais sócios do português, estava radicado na cidade havia um ano e ainda falava um “portuglês” muito evidente. Era sexagenário e casado com Mrs. Water, quinze anos mais nova; sem filhos o casal possuía uma propriedade próxima à do sócio amigo. Estavam os amigos, logo após à reunião, conversando no alpendre do sítio, brindavam com uísque das altas terras inglesas e já esperavam o almoço. Convidado que foi, o inglês mandou que o seu carro fosse a sua casa e trouxesse sua esposa. Nesse ínterim, o jovem Siriará foi levado à presença deles, no que foi muito bem recebido, ainda acanhado. Mas mantendo sua postura ereta, transmitia um ar de autonomia dos gestos e isso impressionava, sobremaneira, os dois ricos comerciantes, acostumados com os gestos desordenados e submissos dos subalternos.

32. Florbela Espanca, in A mensageira das violetas; Amar! Ed. L&PM Pocket; p.54

Suas atitudes revelavam um certo ar superior, contudo suas vestes o impediriam de adentrar qualquer ambiente honesto: uma calça em farrapos do joelho para baixo e um colete velho por cima de uma camisa feita provavelmente de estopa vagabunda de cânhamo, com a qual se faziam as velas das naus e suas cordas.

O rapaz permaneceu de pé diante dos dois sentados, ambos fumando cachimbo. Foi apresentado ao inglês que o olhou com bons olhos, percebeu seus músculos colados a uma roupa que denunciava “ser o defunto bem menor”. Siriamá percebeu e sentiu-se estranho, cruzou as mãos a sua frente e, com um chapéu de palha que segurava entre elas, cobria a parte do corpo que, sem nenhum constrangimento por parte do inglês, era foco exclusivo. Certamente, o futuro homem não usava cuecas, talvez nem soubesse o que era isso. Seus longos cabelos negros às vezes lhe cobriam os olhos.

Antônio pergunta ao rapaz o que ele sabe fazer. Obtém como resposta que tem noções de defesa pessoal que aprendeu com o pai, cabo do comando que protege o forte, hoje falecido. “E o quê mais?”

“Também leio e escrevo um pouco da língua portuguesa, além de possuir noções de aritmética”. Os dois arregalaram os olhos com espanto, de início duvidaram. Depois o inglês perguntou se ele faria um teste, recebeu uma resposta afirmativa. Pediram pena, tinta e papel. Eles fizeram contas básicas que envolveram as quatro operações, pediram para que escrevesse um recado de três linhas e comprovaram a veracidade das informações.

Quiseram saber como tanto conhecimento para alguém tão jovem.

Aprendera as primeiras letras com sua mãe. Desde cedo, ela o iniciou na língua falada por seus ancestrais, ou pelo menos no que restou dela, trazida com carinho e respeito por todos os de sua família. Tempos depois foi seu pai, que tinha estudo, pois sua família era de gente rica da corte, haviam sido dizimados por questões de terra e ele o único sobrevivente, desde então passou-se a chamar por novo nome. Minha mãe o chamava Salvador. Foi ele quem me ensinou retórica e aritmética, segundo ele aprendidos com um primo seu, padre, falecido na mesma contenda. Infelizmente, seu pai afundou no vício da bebida e só alcançou um posto de cabo da guarnição que protege o forte da cidade.

Perguntou-lhe o português, depois de o inglês cochichar em seu ouvido, se lhe interessaria trabalhar com Mr. Water. Pois esse estava precisando de um guarda-livros e ele, com tais atributos e com um pouco de trato, poderia assumir o posto. Disse-lhe ainda que a função a qual ele havia pensado era a de jardineiro, trabalho de tosco trato, ao contrário do que o comerciante anglo lhe oferecia.

De princípio, o jovem mentalmente optou pela jardinagem, já que trabalho tosco era sua principal atividade até então. Aquele estrangeiro tinha o péssimo hábito de passar a língua entre os lábios toda vez que lhe dirigia a palavra. Mas quando percebeu a indecisão no rapaz, Mr. Bill Water disse-lhe o quanto seria sua paga, em dinheiro.

Siriará nunca tinha passado por uma situação daquela, pensou na promessa que fizera ao acordar, pensou no sonho que tivera, ficou meio abobalhado, ébrio, não acreditara, disse que era muito dinheiro por ano. Recebeu a notícia de que o valor equivalia a um mês de serviço, na verdade, o que estava sendo oferecido era metade do que normalmente se pagaria a um guarda livros da época. Contudo, para o rapaz era uma fortuna impensada.

Foi, como o tacape que derruba o moribundo que acabou de cantar, em vão, seus feitos de guerra. O jovem derrubou por terra todos os seus pejos, todas as suas dúvidas e disse o fatídico sim.

Mrs. Water chega, uma linda mulher de quarenta e cinco anos, muito bem conservada. O rosto mostrando que àquela época, as mulheres que tinham posse já se preocupavam com a maturidade.

O rapaz recebeu de imediato um adiantamento e um bilhete o indicando ao único alfaiate da cidade de então. Seguiu rumo à Travessa da Assembleia³³. Lá Seu Mário possuía a única alfaiataria da cidade, homem de humor irônico e pai de dez filhos. Orgulhava-se de sua masculinidade e criticava veemente todas as incoerências que considerasse. Logo saberia o rapaz que ninguém passava incólume a uma ascensão social em uma cidade, em que a diversão era falar da vida alheia e sempre que possível rejubilar-se com a sua desventura. Era a oficina têxtil um encontro de intelectuais e políticos da época, inclusive do próprio Governador.

33. Hoje rua São Paulo.

Seu Mário já o conhecia, algumas vezes ele fora ali deixar encomendas de carne. Pequena oficina de duas máquinas alemãs, um balcão de madeira de 1,8 x 1,0m e quatro funcionários. Dois especialistas em calças e dois em camisas, treinados pelo mestre Mário que, por sua vez, aprendeu a arte de um inglês, pirata aposentado que recebeu a técnica do pai. Mas preferiu singrar mares nunca dantes navegados, vindo aportar definitivamente em terras dos cariris.

Ao adentrar o recinto, o maduro alfaiate o olhou de cima a baixo e como fosse bom fisionomista, de imediato o reconheceu: “Índio? Tu num és o filho do cabo Tião? Estás fazendo o quê aqui? Eu num pedi carne.”

Deu-lhe o bilhete que trazia.

“Trabalharás para o inglês?” E, como obtivesse um balançar de cabeça com sinal afirmativo, disse-lhe que conheceu seu pai e que, certamente, ele não aprovaria tal atitude. Perguntou-lhe se sabia que o inglês tinha a alcunha de “bitola”, balançou a cabeça em negativa.

Bitola ou Baitola, na pronúncia inglesa, quer dizer medida entre dois pontos. O mestre inglês que ensinou a profissão ao alfaiate era afeminado ao extremo, ensinou a vários jovens da classe menos favorecida a arte, enquanto se utilizava de uma mão de obra gratuita. Se alguém quisesse ver o velho alfaiate exaltado era fazer algum comentário sobre alguma investida do inglês ao então jovem aprendiz Mário. Ele arregalava os olhos como se fosse engolir o inimigo com o olhar. Esbravejava aos quatro cantos que não precisou desses artifícios, pois o mestre tinha sua opção, um negro escravo que comprara de uma família em ruínas por causa da seca. Inclusive moravam juntos lá para os lados de Arronches. Além disso, havia trabalhado dois anos de graça para o mestre, suas aulas foram bem pagas, mas com trabalho honesto e não com baitolagem.

Quando estava alterado com algum dos aprendizes, o inglês gritava em alto e bom som: “Mantenha a bitola! Mantenha a bitola! A bitolaaa! A bitolaaaaaa! Tá com os ouvidos sujos é?”

Dessa forma, a palavra começou a ser considerada sinônimo de afeminado, os que, segundo os termos da época, praticavam a “posse inversa”. Tempos depois foi disseminada pelos cearenses que trabalharam na construção de nossa rede ferroviária junto aos ingleses.

O jovem disse-lhe que não sabia dessas conversas e contou como chegou até ele e o que iria fazer. Mário sabia que o menino falava a verdade. O cabo, seu pai, era amigo de um dos filhos do alfaiate, também alcoólatra. E, vez ou outra chegava lá com ele quando ia o filho levar o de comer de todos na alfaiataria, pois era o mestre que dava o almoço diário a todos os operários da oficina. Ele sabia do grande conhecimento que o cabo Tião possuía, já conversara alguns dedos de prosa com ele e percebera o conhecimento do homem, através de seu discurso. Além de ser conhecido por ser bom de briga, todos os que se bateram de frente com ele, terminaram no chão, muitas vezes com fraturas expostas. Era conhecido por ser um leão contra os inimigos e um cordeiro para com os afetos.

Também ficou sabendo de um vagabundo conhecido que apareceu com o braço quebrado, o “rapa-coco”, pobre miserável que vivia de pequenos delitos e descuidos, porém perigoso e autor de homicídios e agressões.

Mário deu de ombros, era uma boa encomenda de um terno completo em linho inglês. Disse-lhe que, fedendo daquele jeito não tiraria suas medidas. Era conhecido por dizer o que pensava, fosse para casa, tomasse um banho. Prosseguiu dizendo que aquelas vestes que, lhe cobriam as vergonhas, há muito não lhe cabiam. Perguntou se tinha algum dinheiro, pois possuía roupas usadas as quais lhe cairiam bem melhor. Vendeu uma calça de brim seminova e uma camisa de algodãozinho já surrada. Porém o jovem jamais vestira algo mais novo.

Foi à casa. Antes passou pela Rua dos Mercadores e comprou um cinto de couro de bode, uma linda alpercata de couro cru que namorava há anos, alguns quitutes como pés e orelhas de porco e um quilo de feijão de corda. Além de um de farinha, os comerciantes o olhavam com espanto. Eram compras caras para ele. Contudo, nada lhe deu mais prazer que comprar meia medida de sabão de coco: um luxo para poucos.

Chegou a casa radiante, nem o sol brilhava mais. Morava numa vila ao pé da fortaleza, uma vila destinada somente a famílias dos defensores do forte, a maioria vindos a contragosto de Pernambuco e, aqui, obrigatoriamente, lotados, eram choupanas de pau-a-pique, revestidas de barro, cobertas por madeira e palha de carnaúba e coqueiro. De sua casa, escutava o barulho forte das ondas batendo nas praias solitárias dessa terra.

Mas nada bateu mais forte que o coração de sua mãe quando o abraçou já percebendo tudo que acontecia com o filho. Chorou copiosamente como faziam seus antepassados. O pranto não significava tristeza, mas ao contrário, alegria. Siriará sabia disso e a levou no colo para dentro de casa, dizia-lhe que dali em diante suas vidas mudariam, sua mãe sabia que era verdade e temia por tal mudança. Disse ao filho que o dinheiro é demônio que conquista facilmente. O rapaz respondeu-lhe que tudo estava sob controle e que uma vida melhor não faria mal a ninguém. A mãe lembrou-lhe que o fim é sempre o mesmo. Já os meios variam por demais, a ponto de muitas vezes fugirem ao nosso controle, e é por eles que pagamos na eterna Lei do Retorno. O filho, na sua imaturidade deu de ombros, quando jovens, achamos que os conselhos maternos são meras preocupações ao exagero. Calaram-se, formou-se daquele dia em diante, um acordo tácito entre mãe e filho, ele cuidaria dela e ela não interferiria no que tinha que acontecer.

VII - A Malícia

“ Não disse acaso Deus: - aí tens o mundo?
‘vivei, gozai – aí tens o Paraíso?’
Tudo lhe deu e a própria semelhança,
Não lhe deu a mulher – a flor do riso?...
Não lhe disse acaso Deus: - aí tens o mundo?...”

É cedo ainda, oh pálidos coveiros!
Ainda quero beber ventura, enganoso...
Quero cantar a minha doce aurora
Que me sorri aos meus VINTE E DOIS ANOS!
É cedo ainda, oh pálidos coveiros!³⁴”

Marte – O quinto estágio

O espírito mergulha nas camadas mais inferiores da consciência humana, o homem vê tudo mais claramente e seu coração é bom e solidário. O espírito se corporiza.

Voltemos ao ano de 1857, Sirlará está a ponto de receber alta, encontra-se sozinho na enfermaria. Todos ou já morreram, ou foram mandados embora. Um médico amigo do ex-comerciante já havia se inteirado da situação e preparava sua transferência. Ele ainda não sabia, mas o hospital fecharia as portas por falta de verbas. O médico do hospital o encontrou olhando o teto, perguntou-lhe se achava ruim ficar sozinho.

“Um homem nunca está só, se possui sua mente sã. Seus pensamentos são seus companheiros. Muitas vezes agimos errado por não percebermos os próprios pensamentos, ficamos inebriados com as inúmeras informações que vêm do universo exterior, que chegamos a esquecer que possuímos um universo interior em formação constante.” Foi sua resposta.

Morava em um rico sobrado na Rua Formosa, um dos poucos da rua, e para lá foi levado por funcionários do hospital, depois de agradecer a todos que o ajudaram naquela instituição de saúde. Sua casa seguia o estilo clássico,

34. Barbosa de Freitas in Literatura Cearense, Sânzio de Azevedo, edições ACL, p.66; AOS MEUS VINTE E DOIS ANOS.

dez metros de frente, por trinta de fundo, o quarto principal era bastante amplo e possuía duas sacadas de ferro com janelas que davam para a rua.

Dia seguinte, a primeira visita que recebeu foi a do chefe de polícia. Perguntou-lhe se lembrava algo do episódio, respondera-lhe que não. Embora, o golpe tenha sido na barriga, recebera-o por trás, quando viu, a faca já estava enterrada em seu estômago. Tudo escurecera e só lembrava o momento em que viu a enfermeira quando acordou.

O chefe de polícia disse-lhe que ouvira boatos de que o autor do atentado teria sido um antigo vagabundo conhecido como “rapa-coco”. Há muito vivia de contrabando e não entendia o motivo do ataque, perguntou se havia algo que precisava saber. Respondeu que nunca tinha ouvido falar em tal homem e que não tinha a menor ideia do que tinha motivado o meliante. O homem da lei despediu-se, dizendo que o suspeito estava foragido, mas que já estava tomando as medidas cabíveis.

Sentado em uma das sacadas de seu quarto, o adulto Siriará via a rua com seus transeuntes costumeiros, passava das nove da manhã, pois o magarefe já transitava em cima de seu burro velho, batendo os caixotes de madeira ao lado da sela e gritando: “Fígado, bucho e tripa fresca de criação!” Lá na parte, onde o horizonte esconde o sertão, já começam a aparecer carroças, trazendo pessoas e mercadorias. Senhoras passam cobertas dos pés à cabeça, com filhos à mão e guarda-sol na outra. Rapazes atravessam as ruas, observando as sacadas com a esperança de um colírio para os olhos tão acostumados a figuras masculinas. As moças eram bem escondidas dentro de casas e vestidos.

O homem agora lembrara o jovem tão diferente que adentrou o sítio dos ingleses. Talvez fosse o som que vinha do Teatro Taliense, três casas depois, era o aracatiense, Joaquim José dos Prazeres Macaco, que mais tarde se assinará Joaquim Manuel Borges, mestre da primeira banda de música do Batalhão Policial. Foi participante dessa banda, Vítor Nepomuceno, pai do maestro Alberto Nepomuceno.

Joaquim Manuel Borges dava aulas de piano naquele estabelecimento, tocavam uma música, não sabia o nome, mas lembrou que Mrs. Water também executava a mesma melodia quando entrou na sala da casa de seu novo patrão. Estava um homem então, alpercatas de couro, calças e camisa

humildes, mas decentes, só o cabelo preferiu manter, passando, a conselho da mãe, a utilizar um rabo-de-cavalo. Havia comprado um chapéu novo também.

A mulher não o reconhecera. Perguntou a seu marido que estava sentado em uma poltrona de quem se tratava, o marido respondeu que era o novo empregado, que havia contratado. Pediu-lhe que não parasse e continuasse tocando, só se comunicavam em língua inglesa. Convidou o recém-chegado ao escritório e lá mostrou e ensinou pacientemente todo trabalho que deveria ser feito, e não era pouco, levantamento de custos, entradas, saídas, salários a pagar, tributos, insumos, taxas...

No primeiro dia de trabalho, Siriará quase fica tonto com tanta informação nova ao mesmo tempo. Contudo era uma mente privilegiada e em uma semana já dominava com desenvoltura parte do afazer.

Na segunda ao final do expediente, praticou a “posse inversa” com o patrão. Foi sua primeira experiência sexual, com um mês já havia se tornado o braço direito dele.

Lembrou-se do dia em que foi à alfaiataria provar seu primeiro terno: o mestre alfaiate, com uma alfineteira-pulseira amarrada por um belo cordão de prata, alfinetes vários na boca, a apertar aqui e ali, a perguntar se aqui estava bom, se estava acolá. Tudo perfeito.

Alfaiataria lotada, fim de tarde, várias pessoas estavam lá, o apostador de corrida de cavalos, o cabeça-de-cangulo, os funcionários todos: Sitônio (o galã), Jurandir “o cu de touro”, Zé bunitim (O briteiro) e Seu Abraão, sexagenário que comprava meio pão e duzentos gramas de pimenta malagueta, fazia o sanduíche e comia.

Seu Mário, com o sarcasmo que lhe era peculiar, perguntou ao homem como estava sua nova função, parecia estar reagindo com serenidade à mudança tão drástica de nível social. Qualquer outro já estaria esbanjando e pernoitando nos grosseiros salões e cabarés que cercavam o prado.

Respondia que estava juntando dinheiro, pois tinha pensamento voltado para o futuro. Quis dizer que não queria ser funcionário de ninguém para o resto da vida, mas pensou melhor e completou dizendo que estava juntando dinheiro para comprar uma casa para sua mãe.

Seu Mário perguntou se ele estava dando muito “duro” no serviço. Risada geral.

O rapaz respondeu inocentemente que o trabalho era difícil. Contudo não era pesado.

O terno lhe caiu muito bem. O patrão deu-lhe uma gravata inglesa e um lindo sapato de cromo alemão, seminovo, que ele ainda possuía até aqueles dias. Estava completo o traje.

As lembranças vinham com o vento forte que soprava do sertão e invadia as ruas cobertas de areia da jovem cidade a caminho do outro continente.

Viu, mentalmente, o sorriso no rosto de Mrs. Water quando ela anunciou, em uma bela manhã de novembro, que o marido teve de fazer uma viagem urgente à Inglaterra, problemas de família. Portanto, não estranhou quando a mulher do patrão adentrou o escritório no final do expediente só de roupas de baixo. Os outros funcionários da casa também não estranharam. Já conheciam o comportamento dos patrões. O homem, frequentemente, levava jovens adolescentes para casa, possuía até um quarto nos fundos da propriedade para esse fim. A mulher, vez ou outra, se interessava por algum serviço. Até o marido, que não se sabe se por ciúmes dela ou dele, demiti-lo indignadamente.

Depois daquele dia, o rapaz tornou-se amante dos patrões. Os preconceitos, um dia todos aprendemos, são dragões que se assustam facilmente, principalmente se há dinheiro ou interesses pessoais envolvidos. Com bastante cautela, conseguiram viver em paz durante quatro anos e meio.

Até que um dia, Siriará lembrava claramente, bem na hora do chá das cinco. O marido desconfiado da constante ausência da esposa e cansado de inúmeras desculpas, apesar da companhia do amigo, pastor protestante, Daniel Kidder, surpreendeu-a em pleno decúbito ventral, com o rapaz, que puxava seus cabelos como se a cavalgasse com todo o ímpeto de um cavaleiro errante.

Os dois assustaram-se, o momento do chá era sagrado para o inglês, nada o afastava da mesa àquela hora.

O rapaz tentou vestir-se, mas logo começou a receber as bengaladas do duplamente traído. Protegeu-se como pode. Contudo, chegou um momento em que as dores começaram a tornar-se insuportáveis e a reação que teve foi a de levantar-se rapidamente a qualquer custo. Foi o que fez, só que ao levantar-se, o que foi feito com bastante ímpeto, empurrou o homem que o agredia de tal forma que ele bateu a cabeça com força na cômoda de madeira de lei que ficava em frente à cama. Felizmente, o senhor não morreu, mas teve um derrame e perdeu o movimento de um dos lados do corpo. Com isso, sua esposa, muito feliz por sinal, voltou à Inglaterra depois de vender todos os bens a um baixo preço para uns dos filhos do Dr. Antônio, Dr. Temístocles, que naquele ano, assumia os negócios do pai em virtude de sua deficiente saúde.

Siriará não era bobo. Havia guardado algum dinheiro e possuía todos os contatos que antes eram do inglês. Não tardou a agir. Sabia que a firma teria que entregar um lote de algodão dentro de duas semanas. Contatou com alguns fornecedores na capital e comprou um lote de algodão, de baixa qualidade. Contudo, os ingleses não precisavam saber desse detalhe. Negociou ainda em nome da firma do europeu e com dois dias de antecedência do fim do prazo, entregou a mercadoria e gozou um lucro que nunca imaginara. Vendera mercadoria de terceira por preço de primeira, sentiu-se orgulhoso. Quando Dr. Temístocles chegou para entregar a mercadoria em nome da firma recém-adquirida, tomou um susto ao saber que o algodão já estava embarcado e que o pagamento já havia sido feito a um empregado, que se apresentou como representante da firma e de fato tinha toda documentação, mostrou os recibos referentes à negociação.

O jovem comerciante filho do português só precisou pensar um pouco para descobrir tudo, aquilo não ficaria barato. Mandou que dois homens seus de confiança dessem uma lição no rapaz. Os dois eram homens perigosos, acostumados a matar, e essa era a ordem. O jovem comerciante achou aquele atrevimento de um perigo iminente e disse que deveriam cortar o mal pela raiz.

Quando chegaram a casa em que Siriará morava, receberam a notícia de que eles já não moravam mais ali havia uns seis meses. Segundo averiguaram. Mãe e filho haviam se mudado para um pequeno terreno comprado lá pros lados da Lagoa do Garrote³⁵. Não sabiam exatamente onde. A mãe falara que o filho tinha prometido uma surpresa.

35. Futuro Parque das Crianças.

Depois de alguns dias circundando a região, os homens fizeram todo levantamento da localização e rotina de Siriará. O jovem havia adquirido uma pequena propriedade cercada de árvores frutíferas e com uma pequena choupana ao centro, bem simples, mas bem aconchegante e com uma varanda muito agradável.

Dia sim, dia não o rapaz ia até o centro da cidade, comprava alimentos e estocava algodão em um galpão que alugara na Rua da Alfândega, esperando bons negócios, já havia feito muitos amigos e pagava boas comissões a colaboradores.

Estava deitado em sua rede na varanda, descansava o almoço. Eram duas horas da tarde. Como de costume dormiria até o fim da tarde, acordaria com o vento Aracati a soprar em seus ouvidos outras vidas, outros mundos. Dormia já com a melodia do som das copas das árvores que o circundavam. Já passava das três, quando os dois carniceiros pisaram sua terra para espreitá-lo, estranhamente. Uma enorme jaca caiu a alguns metros dele fazendo um estrondoso barulho, ele ouviu, abriu os olhos e lembrou que não era época de jaca, levantou-se e sem olhar para trás adentrou sua casa.

Os homens assistiram a tudo, estavam decididos, o serviço seria executado inexoravelmente naquele dia, mesmo que a mãe também tivesse que acompanhar o filho. Aproximaram-se silenciosos e resolutos. Floriana estava deitada em seu quarto, podiam ver pelas frestas da janela, nenhum sinal do jovem. Contornaram a casa com cuidado e com armas de fogo em punho entraram pelos fundos, quando o segundo homem entrou dentro da casa, foi surpreendido por uma facada certa entre a omoplata e o pescoço; antes que caísse em silêncio e sem vida, viu quando seu companheiro também recebeu um golpe de faca quase que, ao mesmo tempo, que ele. Só que agora era no pescoço que o rapaz acertava o outro invasor. Armado de duas facas amoladas em cada uma das mãos, escondera-se em um recanto da cozinha e esperara, pegara o primeiro de costas e o outro quando virou-se. Os experientes assassinos subestimaram o rapaz e pagaram com a vida. Terminaram tombados e ciscando qual galinha de pescoço quebrado esperando a água ferver para ir à panela. Havia matado pela primeira vez e como dizia sua mãe: “Quem faz um cesto, faz um cento”.

Floriana ao perceber o movimento foi ter com o filho na cozinha e se deparou com os dois corpos estendidos no chão enquanto o filho examinava

as armas. Dois novos revólveres de seis tiros e fabricação inglesa, simplesmente dois belos exemplares do que havia de mais moderno em matéria de revólver na época. Sua mãe assustada pergunta o que está acontecendo. Ele responde que acha que tentativa de assalto, um jovem bem vestido por aquelas bandas chamaria atenção, e já deviam saber que ele comerciava algodão. Deveriam estar atrás de algum dinheiro, pois deviam ter informações sobre os novos moradores. Deveriam cercar o terreno e arranjar dois bons cachorros dali pra frente.

No entanto, Siriará lera o nome do dono das armas, pois estava gravado no cabo de madeira: Temístocles. Entendera tudo. Naquela mesma noite, depois de enterrar os corpos em cova rasa, faria uma visita ao filho do homem cuja vida um dia salvara.

Era noite alta de lua cheia, noite clara, não muito indicada para uma invasão de domicílio. Contudo, o jovem não poderia deixar o ódio esfriar, senão fraquejaria e sua mãe poderia pagar por sua covardia. Conhecia muito bem a propriedade, pois trabalhara mais de quatro anos ali. Agora, era a residência de Dr. Temístocles, desde que havia se formado em Leis, no Recife e se casado com uma pernambucana de boa família. Conhecia os cachorros da casa, vez ou outra os alimentava, sempre gostara mais de animais que de gente. Entrara pelos fundos por uma passagem, onde os serviçais separavam o lixo para ser depois levado por um carroceiro, que costumava fazer o serviço de limpeza.

Não foi difícil seu acesso ao quarto do casal, possuía uma cópia da chave que abria a porta da cozinha, um vez dada pela esposa do inglês, já que dormia em quarto separado do marido. Adentrou o quarto principal e encontrou o casal dormindo tranquilamente, portava uma das armas que tomara dos invasores de sua casa. Friamente Siriará disparou dois tiros em cada um. Primeiro na jovem mulher, que não tinha nada a ver com a história, mas que não poderia ficar de testemunha. Depois, quando o homem se acordou com o barulho dos disparos desferidos contra sua esposa, o rapaz olhou bem em seus olhos e disse ao moribundo que ele havia procurado aquela situação. Fugiu em seguida por uma árvore que ficava próxima à janela do quarto do casal, quando os serviçais entraram no quarto ele já descia pelos galhos da árvore e corria em direção à saída dos fundos.

Da sacada de sua casa, Siriamá divagava em seus pensamentos e lembranças, quando viu o bom sapateiro seu Esperidião passar em direção a sua casa. Já eram onze horas, hora do almoço, seu estômago também percebia o horário, recolheu-se e pediu à governanta que servisse seu almoço.

Naquela noite, o homem sonhou com sua mãe, ela estava ao pé da Grande Árvore do Universo, quando o convidou a sentar-se a seu lado. Aos seus pés, uma grande panela de barro contendo grandes siris alvos cozidos ao leite de coco, que ela degustava com imenso prazer. Ele tentou falar. Não conseguiu. Só ouviu-a dizer: “Meu filho, as más ações praticadas hoje são as punições de amanhã. Contudo, não há Mal que o Tempo não cure, nem Bem que para sempre perdure!”

VIII - A Redenção

*“ O Ódio é como o tonel das Danaides tão frias³⁶;
A Vingança, perdida, o braço rubro e forte,
Por mais que jogue em suas trevas vazias
Balde cheios de sangue e do pranto da morte,*

*O Diabo no tonel faz furos ignorados,
Por onde fogem mil anos de suor e zelos,
Embora ela reanime seus condenados,
Fazendo-os reviver, mas só para espreme-los.³⁷”*

Sol – o sexto estágio

O Infinito agora é visível, há a conscientização de Sua obra para que aconteça primeiro a corporização do espírito e depois a espiritualização do corpo. O homem é levado deste vale de lágrimas, ou seja, das atribuições da pobreza e da enfermidade, sendo levantado pelas asas da sabedoria acima das águas pútridas do Egito – que são os vulgares pensamentos dos mortais – a fim de que ele passe a desprezar a vida terrena, com todas as suas riquezas, medite noite e dia em Deus e nos seus santos, suspire pelo empírico e anseie matar a sua sede nas doces fontes da eterna esperança³⁸.

O Infinito agora é visível, há a conscientização de Sua obra para que aconteça primeiro a corporização do espírito e depois a espiritualização do corpo. O homem é levado deste vale de lágrimas, ou seja, das atribuições da pobreza e da enfermidade, sendo levantado pelas asas da sabedoria acima das águas pútridas do Egito – que são os vulgares pensamentos dos mortais – a fim de que ele passe a desprezar a vida terrena, com todas as suas riquezas, medite noite e dia em Deus e nos seus santos, suspire pelo empírico e anseie matar a sua sede nas doces fontes da eterna esperança.

36. Na mitologia grega, as Danaides eram as cinquenta filhas de Dânao que, atendendo aos pais, mataram os esposos na noite de núpcias. No inferno são representadas enchendo eternamente vasos furados.

37. Charles Baudelaire in As flores do mal(O tonel do ódio), p.85, Ed. Martin Claret, 2001

38. in Titus Burckhardt; Alquimia; Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991.

O universo se move a favor do Equilíbrio e toda obra semeada, inevitavelmente, será colhida, mesmo que a colheita, por virtude do mal semear, seja a não-colheita.

Tanto se colhe frutos quanto espinhos, tudo depende do quê, e de como se planta.

O jovem Siriará conseguiu sobreviver com os contatos e a mercadoria na qual havia investido, constituiu firma e como aprendera a falar inglês razoavelmente, conseguiu novos clientes ingleses e com eles se dera muito bem. A sua vida mudara radicalmente desde então. Só uma coisa povoava seus pensamentos: capital, bens, rendas, tudo o que representasse cifras. Quando sentia falta de uma mulher, pagava. Até sua mãe sentiu a ausência do filho.

Contudo, aos vinte e quatro anos Siriará se tornara o comerciante mais bem sucedido da cidade, possuindo negócios o mais variados possível, em pouco tempo o algodão já não representava sua maior renda. Envolveu-se na política local, o que era de se esperar para alguém que amealhava riquezas a olhos vistos. Primeiro, o procuraram os que estavam a favor dos ingleses, ele deu-lhes dinheiros e assassinos. Depois, todos os que estavam a favor dos seus próprios interesses. Ele lhes deu dinheiros e assassinos.

A formação do Ceará em pequenos feudos, dominados por meia dúzia de famílias, deu-se pelo simples fato de que essa capitania sempre foi vista como subalterna, o que de fato se comprova com uma pequena vista pela rica história daqui. Até meados da primeira metade do século XIX, esse lugar fora subordinado, primeiro comercialmente, depois judicialmente ou à Bahia, ou à Pernambuco. Razão pela qual os negócios da Justiça eram, não raramente, resolvidos no próprio local.

À essa prática deve-se a formação de muito coronel em juiz prático e casamenteiro, médico, psicólogo e padrinho.

As câmaras das vilas, que iam se formando eram compostas por dois ou três vereadores e dos juizes ordinários. Todos, eleitos, é óbvio, pelas famílias dominantes da região. Esse estado, infelizmente para a maioria, durante muito tempo ainda será administrado por e para poucas famílias. Os cargos públicos, focos de poder e prestígio até hoje, eram, teoricamente, reservados aos “homens bons”. Assim, os “neo-feudalistas” confirmavam seu

poder e sua fortuna, concentrando em torno de si, etnias inteiras que se formavam ao redor da figura mítica do Coronel, a quem aprendiam. Tal qual antigamente faziam em relação ao pajé, respeitar e ouvir como a voz da verdade e da sabedoria.

Essa é a razão pela qual em vários dos nossos movimentos de insurreição, alguns líderes políticos eram capazes de arregimentar verdadeiros exércitos populares com o intuito de enfrentar o poder público.

Depois da seca de 1777, as charqueadas haviam perdido força nessa região e, atravessando o limite norte-sul, chegaram aos pampas levadas por cearenses, onde ainda hoje fazem sucesso. Nesse momento, o algodão ganha força e os ingleses também.

Em virtude da educação local ter tido, historicamente, raros patrocínios, inclusive governamentais, na primeira metade do século XIX. Os filhos dos grandes nomes dessa capitania invariavelmente iam estudar em Recife. E por lá, tomavam conhecimento da Europa, das Revoluções Francesa e Industrial, da independência das colônias da América do Norte, dos pensamentos cientificistas e das ideias republicanas. Voltavam homens e capitalistas. Vociferavam pensamentos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, pregavam a insubmissão a todo governo despótico.

Na efervescência de sua imaturidade, não percebiam os nobres jovens que Liberdade, Igualdade e Fraternidade nunca existiram nem mesmo na França, quanto mais em um país essencialmente agrário e escravagista. Não percebiam que todo governo é despótico, desde que não seja regido pelos nossos interesses.

Aos vinte e quatro anos de idade, Siriará era um dos solteiros mais observados pelas famílias da elite fortalezense. Contudo, por mais que suas qualidades como rico comerciante, poliglota e morador de um sobrado recém-construído por suas expensas em plena Rua Formosa, ponto nobre da cidade fossem levadas em consideração, o fato de ser mestiço sempre o retirava do páreo.

Era fim de tarde do mês de janeiro naquela Rua cheia ainda de terrenos baldios. Um senhor de mais ou menos uns setenta anos de idade, por nome Araquém, conhecido alcoólatra, removedor de “camburões de merda”,

em troca de alguns centavos para gastar com pinga, acostumado a dormir pelas ruas arenosas de Fortaleza, havia acordado “morto” de ressaca, em um desses terrenos inabitados e cobertos por touceiras de murici e rugosos cajueiros, todos formadores de sombras agradáveis e tranquilas. Acordara com uma tremenda dor de barriga, talvez tenha sido a carne de tejo que comera de tira-gosto junto com o Tição e o Bigurrilho. Levantou-se cambaleando e dirigiu-se ao “cagadouro” de costume, já saiu arreando as mulambosas calças e soltando sonoros peidos, que atraíram a atenção de um grupo de garotos que brincava no meio da rua.

Todo mundo sabe que menino tem o juízo na cabeça do dedão do pé, pois vejam o caso: assim que Araquém acorrou-se na moita, a meninada reuniu uma verdadeira convenção de crianças, que gritavam em alto e bom som: “Olha o leva-merda fazendo merda!” “Olha o leva-merda fazendo merda!” “Olha o leva-merda fazendo merda!”

Nesse momento e já tendo se aliviado do pior, o velho saiu ainda levantando as calças. E, para seu azar, seu pênis ficou balançando do lado de fora delas, mesmo na hora em que duas damas da alta sociedade, uma delas, acompanhada da filha de treze anos, passavam pelo local e viram o momento, em que o homem gritava nomes feios e botava uma multidão de crianças para correr.

Não deu outra, em menos de meia hora do acontecido, Araquém estava preso sob acusação de atentado violento ao pudor. As mulheres juravam que um homem estava mostrando as partes íntimas para um grupo de crianças. O alcoólatra começou apanhando logo no primeiro contato. O cabo da guarda, acompanhado de outros três soldados, adentrou o terreno e o encontrou deitado, pediu para que levantasse. Assim que o homem lhe obedeceu, caiu novamente no chão atingido por uma bofetada em seu rosto. A partir daí só parou de apanhar quando chegou à cadeia e caiu na cela desacordado.

Neste ínterim, Bigurrilho junto com Tição, que conhecia Siriará, pois este era cliente de seu pai, o alfaiate, tentou falar com ele e dirigiu-se a sua casa, lá chegando encontrou a mãe do rapaz, contou-lhe a história em detalhes, convenceu-a da inocência do homem que também limpava seu camburão, D. Floriana prometeu ajudar, assim que o filho chegasse do trabalho. Como de fato o fez, lembrou-lhe o fato de que Tição também tinha sido amigo de seu pai e que ele lhe tinha grande estima.

Momentos antes do anoitecer, Tição chegou com a notícia de que o amigo estava muito mal na cadeia, já havia reunido pessoas para atestar a boa conduta do preso. Siriará disse-lhe que não precisava ocupar ninguém, que esperasse o término do jantar e eles iriam até a cadeia. Convidou-o para o jantar, pediu que a mãe colocasse mais um prato na mesa, o conviva aceitaria desde que tivesse uma dose de pinga como entrada, sinal positivo bastou para se convencer de que o amigo poderia esperar mais um pouco, afinal já estava desacordado mesmo, alguns minutos a mais ou a menos não fariam diferença alguma.

Depois de jantarem e de Tição ter repetido umas vinte vezes que o havia segurado nos braços, partiram rumo à cadeia na Rua do Forte. Lá chegando, o jovem comerciante explicou todo o caso ao chefe de polícia que sem muitas delongas liberou o detido.

Contrataram o frete de um carro de bois para levar o velho, desacordado e respirando com certa dificuldade, para casa próxima ao matadouro. Tição conhecia o lugar. Ao chegarem, Siriará, que os havia acompanhado em um bom cavalo alugado, teve uma surpresa Iracema, filha do moribundo, os atendeu aos prantos, estava muito preocupada, pois que seu pai estava fora havia dois dias.

A jovem pediu para que o acomodassem em sua casa, lugar simples, mas asseado, piso de chão batido, telhado de palha de coqueiro, paredes de barro batido, que lembravam a velha casa em que o comerciante morara grande parte de sua vida. Deitaram-no em sua cama de varas e colchão de palha, a moça correu ao quintal e pegou de várias ervas com que fez amargo chá. Chegou-se à cama e sussurrou no ouvido do homem que, a muito custo, abriu os olhos e tomou da bebida preparada por ternas mãos.

Iracema servia café às visitas quando ouviu o pai chamá-la. O homem havia recobrado a consciência, mas era como se estivesse em transe. Olhava alhures, não conseguia fixar os olhos nos da filha, pediu para que chamasse o jovem que estava na sala. Siriará adentrou a sala e de pronto o homem olhou nos olhos do rapaz e disse: "Desejo que o Sol ilumine teus olhos e que a cobra venenosa não alcance teus pés, muito menos te fira a seta inimiga, que tuas castanhas sejam incontáveis e que tua sabedoria ilumine todas as gentes por inúmeros ciclos lunares."

Siriará ao ouvir aquilo nada entendeu. O prostrado seguiu dizendo-lhe: “Destrói tua vontade de viver, o corpo é muito egoísta, pois está preso ao mundo dos sentidos. Os homens ainda não estão preparados para o conhecimento do Equilíbrio. A ética, sublime qualidade do espírito reto, há muito se perdeu entre os teus. Percebe que tudo que vem do Ser, encarnado em algum momentos se perde; mas o que vem do Ser eterno é indestrutível, não mata nem morre, nem vence nem perde.”

E dito isso, voltou a dormir profundamente e a respirar com dificuldade, Siriará quis mandar vir um médico amigo seu, mas a moça disse que não precisava, caso o chá que ela preparara não o curasse, nada nem ninguém mais conseguiria. O rapaz se despediu, tinha que ir para casa, sua mãe o esperava. Tição e Bigurriho ficariam fazendo companhia ao convalescente, pois Iracema cedo saía de casa, trabalhava de doméstica na casa de um boticário, na Rua da Palma³⁹, ganhava mal e andava coberta por um vestido de chita o qual já dava para perceber que estava ficando pequeno para a mulher que se formara dentro dele.

Siriará perguntou à moça se não havia nenhum problema os dois amigos de Araquém dormir lá. Ela disse-lhe que não, que os tinha como tios, cresceu vendo os dois em casa e que não era a primeira vez que dormiam lá. Perguntou-lhe se ele reconhecia o significado das palavras que seu pai lhe dirigira, disse-lhe que não. Perguntou se ela sabia, ela disse que, algumas vezes, no auge da embriaguez, ouvia seu pai falar sobre um grande homem, um dos seus, índio, que simbolizava o orgulho nativo e era saudado daquela forma como ele fora.

O rapaz achou que talvez o pai dela, em delírio, o tenha confundido com algum “salvador da pátria”. A jovem retrucou que não havia sido confusão, afinal ele realmente teria agido como tal.

Siriará voltava para casa, o pensamento voava. Certa vez, ao perguntar sobre a origem de seu nome à sua mãe, obtivera como resposta que Joaquim, o primeiro nome, era de seu avô, e que Siriará era nome de uma lenda indígena. Contava a história que um cavaleiro, nem branco, nem índio, um Marabá, a mando de Ngoamân, entraria sertão adentro montado em um alazão mestiço e sairia ceifando a vida de todos pecadores, não importando se eram pobres, ricos, brancos ou amarelos, se juízes ou réus da falta de respeito à humanidade. Só os bons, na essência, teriam o prêmio e o perdão dados por Deus.

39. Atual Major Facundo

Era uma história muito antiga, de um povo que nem existia mais ou de um povo miscigenado, que há muito perdeu suas origens e, na tentativa frustrada de resgatar algo, funde suas reminiscências com a única cultura que lhe foi dada conhecer.

Seu pensamento agora voltava-se para uma reunião de que havia participado logo cedo.

Dois homens o haviam procurado, segundo eles vinham em nome do Presidente Costa Barros. Diziam que precisavam do apoio dos ilustres homens da cidade, pois forças ocultas e insubmissas ao soberano Imperador Dom Pedro I organizavam um levante separatista e caso tal fato acontecesse, o caos se instalaria nessas terras. O comerciante doou-lhes, em nome da ordem e do bom costume, dinheiros e assassinos.

Siriará lembrou 1817, inocente, puro e besta o garoto ainda viu naquele ano duas visitas acontecerem à casa de seu patrão inglês. Primeiro vieram os partidários da revolução. Depois vieram os partidários do governo. Mr. Water havia doado dinheiros e assassinos para ambos os lados e lhe dito: É sempre importante estarmos do lado que vai ganhar!

D. Pedro I dissolvera a Assembleia Constituinte em novembro de 1823 e decretara, com a outorga da Constituição Imperial em março de 1824, novas regras de comércio que só favoreceram portugueses e ingleses, ficando os comerciantes de Pernambuco com graves prejuízos. Em consequência, o comércio cearense que, em grande parte, ainda dependia comercialmente daquela comunidade, também.

O ex-padre e senador do império José Martiniano de Alencar ao voltar da corte, depois de ser dispensado da dita Assembleia, passou por Pernambuco e lá se encontrou com o Presidente Manuel de Carvalho Paes de Andrade. Eram dois homens, em cujos ouvidos, os ideais pregados desde a revolução de 1817 ainda reverberavam. Eram republicanos e conversaram longamente a respeito da independência das colônias inglesas na América do Norte. O padre possuía uma cópia da Constituição Americana, uma raridade que só alguém de sua importância teria em mãos.

Exultaram com a Carta e sonharam sonhos republicanos e tupiniquins, imaginaram um Estado independente, organizaram o Discurso,

preveniram-se de que estavam do lado da verdade e proclamaram, tais quais os irmãos americanos, insubmissão a todo governo absolutista e despótico. Alencar ficou responsável por divulgar as ideias revolucionárias em terras dos Cariris e Icós.

Ao chegar o dia seguinte, o comerciante recebeu novas visitas. Agora em nome da república que se formava, em nome do senador Alencar, de seu irmão Tristão e dos ideais, que não se deixam aprisionar por governos absolutistas e despóticos.

Deu-lhes, em nome de causa tão justa, dinheiros e assassinos. Assassinos eram como mercadoria que se encontra em qualquer feira ou esquina. Não era difícil arregimentar alguém que matasse a própria mãe em troca de um tijolo de rapadura. Como diria seu ex-patrão: “Devemos sempre estar do lado que vai ganhar”.

A abertura dos portos não trouxe melhorias para o Nordeste. Os portugueses e os ingleses eram quem ditavam as regras e engordavam suas panças e contas. Contudo abriu um intenso tráfego de informações com a Europa. Em virtude do estreitamento de laços comerciais entre cearenses e ingleses, os intelectuais de Fortaleza, muitas vezes, obtinham informações e novidades primeiro que a corte.

Muitos deles, na segunda metade do século XIX, já consumiam, em terras cearenses, livros, revistas e produtos importados de todos os pontos do oceano. Conheciam Verlaine, Mallarmé, Voltaire, Baudelaire, Antônio Nobre, Eugênio de Castro...

O problema do Ceará, perdura até nossos tempos, é que a grande massa dos cearenses, a maioria formada de descendentes, sobretudo, de indígenas, aprendeu a ser “catequizada”, a viver sob a proteção de “aldeamentos”, seguindo um guia espiritual virtuoso. Talvez para continuarem a ter a certeza de que seus filhos cresceriam imaculados pela maldade do mundo, ledo engano.

O cearense ainda não estava preparado para ser um povo moderno. Os ideais republicano-burgueses dos revolucionários não se fizeram compreender pela massa. Uma revolução, sem fortunas em jogo, só é possível com apoio maciço do povo, não só o apoio imposto pela força, pelo laço

econômico ou familiar, mas o apoio ideológico. Ter a certeza de que vale a pena morrer por um ideal é essencial, para que o demônio da covardia não se apodere do revolucionário. Como poderia a Bastilha cair, sem que o povo tivesse uma forte noção do que estava para acontecer, sem que tivesse uma razoável noção dos ideais revolucionários. É lógico que o povo francês jamais pensou que seria esmagado pela mesma ideologia pela qual havia lutado tão fervorosamente, e, muitas vezes, até covardemente.

Sofreriam a ira da Lei do Retorno.

Já os cearenses, a essa época, não tínhamos a maturidade para a democracia, para a independência, para a república ou para qualquer outro sistema, que nos fizesse pensar por nós mesmos, um bando de pagãos aculturados, desesperados à procura de senhores feudais. Achamos.

A revolução morreu com seus líderes, uma parte dela morreu, outra fugiu. Contudo só os mortos têm o direito de ser heróis.

Dias depois Siriará se depara com Araquém na porta de seu sobrado. O homem o procurava para agradecer tudo o que o rapaz havia feito por ele. Disse-lhe que: O Senhor havia salvado sua vida, que agora era evangélico protestante e o convidava para um culto que haveria logo mais à noite.

Siriará lembrou-se das palestras a que assistiu de um dos pioneiros do protestantismo no Brasil, Daniel Kidder, em casa de Mr. Water. Sabia que o norte-americano havia iniciado, aqui, em Fortaleza, uma igreja alternativa à católica. Batizou, congregou e iniciou dois irmãos gêmeos, Cosme e Damião, como os seus primeiros pastores. Desde garotos foram abandonados pela mãe, pai incerto, foram deixados em um mosteiro e criados por monges beneditinos. Cresceram educados na fé cristã, estudaram e quase foram ordenados padres. Contudo, perderam a crença na religião quando molestados sexualmente por religiosos sem vocação. Depois de anos de estudo na fé católica, foram surpreendidos pela eloquência do pastor norte-americano, pelos argumentos contra a igreja romana: as indulgências, as politicagens...

Eram bem diferentes os irmãos univitelinos, diferentes na essência, idênticos visualmente. Não havia nada, nem mesmo um sinal ou alguma diferença entre os irmãos. Cosme era de bom coração, um indivíduo ético,

buscava sempre seguir reto o caminho do Equilíbrio. Já Damião era o oposto, perdeu totalmente a crença no ser humano, seu único objetivo era ter uma vida confortável, pouco importando como conseguiria tal feito. Eram loiros, galegos de olhos azuis. Mas, no mais, eram o estereótipo da raça indígena dos cariris: olhos e rostos bem arredondados, baixa estatura, nariz grosso. Tudo levava a crer que eram fruto indesejado de algum amor passageiro entre europeu e índia cearense.

Siriará resolveu ir ao culto, sua mãe iria junto. Lá encontraria Iracema e várias pessoas da sociedade, entre elas Antônio Filho, irmão de Temístocles e filho do português que lhe mudara a vida ao retribuir uma boa ação. O rapaz o cumprimentou. Lembrava-se dele de uma vez que esteve em casa em virtude das férias de fim de ano. Herdara todo o patrimônio da família, depois da morte do irmão e da cunhada.

Siriará quis saber se seu pai ainda vivia, resposta negativa, e que nem seu irmão. Eram ele e sua mãe os únicos vivos. Perguntou, só por certificação, como aconteceu a morte de Temístocles. Disse-lhe que foi uma execução e que nunca identificaram o algoz de seu irmão, que não poderia entender porque alguém faria uma maldade daquela: matar o irmão e a cunhada, ainda mais grávida de três meses.

Siriará ficou visivelmente incomodado com aquela notícia. Arregalou os olhos, engasgou, sentiu-se estranhamente mal, como nunca havia se sentido antes. Não nutria nenhum remorso em ter tirado a vida do homem que tentara tirar a sua. A mulher também não poderia ficar viva, certamente o denunciaria. Mas não contava com presença de um terceiro ser, que não tinha nenhuma culpa em nada do que estava acontecendo, que não tinha escolha, que não tinha sorte. Damião foi o pregador da noite, falou de riquezas, de que Deus não queria ninguém pobre, que se éramos pobres, isso era culpa do demônio que nos arrasta para os vícios. Tínhamos que nos redimir e fechar os olhos ao mundo. Tínhamos que nos tornar dizimistas e arregimentar mais pessoas para o caminho do paraíso. Disse que o caminho contrário da igreja é o inferno. Muitas aleluias e glória ao Pai.

No final da pregação, Damião o procurou e disse-lhe que estava muito feliz em tê-lo como membro de sua igreja. Siriará respondeu-lhe que não era ainda um membro, mas um simpatizante. O pastor alertou-lhe que o caminho do inferno era muito atraente. O comerciante disse-lhe que mais importante

que frequentar uma igreja era o comportamento e as atitudes de um homem. Iracema também foi ter com Siriará. O rapaz a atendeu com bastante bom gosto. Ela quis saber como estava o homem que havia salvado a vida de seu pai. Siriará disse que estava muito bem, mas que não era nenhum salvador. D. Floriana se deu muito bem com a jovem cabocla que a convidou para um café em sua casa simples, mas muito acolhedora.

IX - Tânatos

*“Já que a Natureza
me trouxe chorando,
deixai, ó morte!
que eu morra rindo de ti!”⁴⁰*

*“Sábios, não vos lamenteis nem pelos vivos nem pelos mortos. Nunca
deixei de existir, nem vós, nem estes soberanos dos homens; nem
qualquer um de nós, no futuro, cessará de existir.”⁴¹*

Quando Siriará acordou no dia seguinte daquela manhã de dezembro de 1857, vozes remanescentes da madrugada ainda ecoavam em sua cabeça: “Teu espírito é leve e branco, como os tufos de algodão de que te vestes, contudo estás vestido com um sobretudo de lama e dor; despe-te dele e caminha rumo à Luz.”

A governanta veio deixar seu desjejum. Enquanto tomava um café preto com tapioca e leite de coco, lembrou-se do dia em que se casou com Iracema.

Parece até que estava vendo: Araquém entrando de braços dados com a filha; ela, linda, espetacularmente branca, seus cabelos negros como a asa da graúna soltos, uma sua exigência, adentrando a porta da Matriz. O padre, os convidados, todos simples na sua maioria, uma linda e rica festa, lua-de-mel na corte, navio de luxo, que agradável viagem!

“Caminha rumo à luz...” Agora lembrava, sonhara mais uma vez com a Grande Árvore. Não conseguia lembrar muita coisa. Contudo aquelas frases reverberavam como música chata, que você detesta, mas que por causa disso, não sai da cabeça. Meditou em seus significados.

40. Mário Gomes; in Lamentos do ego; Epitáfio; Gráfica Editorial Cearense, 1981; p.12

41. Bhagavad- Gita II, 27, versos 11-12

Após o café, Siriará sentou-se à varanda costumeira. Olhou para a rua, os transeuntes de sempre. Dali a pouco o magarefe passaria com sua voz rouca a gritar e bater o balaio de madeira, que seu burro carregava.

Estava de costas para o quarto e de frente para a rua. De repente, sentiu um calafrio percorrer-lhe a coluna, teve a impressão de estar sendo observado. Olhou abruptamente para trás, ninguém. Só viu a cama de casal arrumada. Há muito não era usada, dormia de rede desde que ficara viúvo.

Lembrou o dia em que, estando a cama naquela mesma posição, e chegando de uma viagem, encontrara sua esposa morta, um punhal enterrado no peito, os olhos arregalados, o mar de sangue em volta. Sentiu, rapidamente, o mesmo cheiro de sangue que inundava o quarto no dia do sinistro. Veio à sua mente a imagem da vizinha dias depois e naquele mesmo quarto, na mesma varanda, dando-lhe a informação de que era uma pena Iracema ter morrido, logo agora que teria bebê. Só então, soube que Iracema estava grávida.

Ela tentara lhe dizer, mas ele aperriado e apressado, com uma viagem de negócios repentina, que teria de fazer para a corte, tratou-a com rispidez quando ela entrou no quarto, enquanto ele fazia as malas, dizendo que queria lhe falar. Iracema, com a calma de sempre, dissera-lhe que tinha uma coisa muito importante para contar quando voltasse de viagem. Siriará, simplesmente, deu-lhe um beijo na testa e disse que conversariam com mais calma na volta. Não houve tempo.

“O tempo é um ser malvado: quando o temos à vontade, não temos maturidade para aproveitá-lo; quando temos maturidade, já não o temos à vontade.” Pensou alto.

Nunca descobriu o autor do triplo homicídio; sim, pois o indivíduo que assassinou sua esposa e filho, também havia matado sua mãe. Floriana foi morta também a faca. Nenhum sinal de resistência, tendo sido mãe jovem, ainda não havia completado cinquenta anos, fora encontrada na cozinha, ao pé do fogão a lenha. A casa toda revirada denunciava o objetivo da invasão: roubo.

Levaram todas as joias da casa, todo dinheiro encontrado. Deixaram a tristeza, o sentimento de tudo que poderia ter sido e que jamais seria um dia. Deixaram um homem só, a perguntar a Deus por que havia acontecido tal

coisa. Um farrapo de homem, sem família, sem filhos, sem mãe, sem nada. Deixaram-lhe as lágrimas de filho, de esposo, de pai.

Depois daquele dia, Siriará jamais se importou com dinheiro novamente. Percebeu que, embora ninguém viva sem ele, a necessidade em amealhá-lo, faz-nos perder a noção do que realmente importa em nossa vida. Tornou-se um contumaz frequentador dos cafés e dos bares do beco do cotovelo, um alcoólatra inveterado como seu padrasto. Em poucos anos, bebeu e perdeu grande parte de toda sua riqueza.

Viveu uma vida desregrada até os quarenta anos, quando sem nenhum dinheiro, só possuidor de sua casa, da qual jamais se desfez, embora tenha recebido várias propostas, caiu prostrado e convalescendo; gostava de chegar a casa embriagado e visitar os lugares onde encontrou os corpos de sua mulher e de sua mãe. Via, vez ou outra, uma criança passar correndo pelo corredor que separava um quarto do outro, descer a escada gritando, enquanto ele falava para si mesmo: “Deixa de gritaria cabra danado!” Bebia todo dia e o dia todo. Acordava para beber e bebia para dormir. Dormia e já não sonhava, bêbado não dorme, desmaia. Não sonha, vive em sonhos.

Foi encontrado à beira da morte, pelos amigos de bar que ao perceberem a ausência do companheiro e, conseqüentemente, de seu dinheiro. Depois de chamarem muito e alto por ele, arrombaram a fechadura da porta da frente e o encontraram agonizando, em uma poça de vômito, fezes e urina. O cheiro insuportável que vinha de dentro da casa de Siriará, foi o argumento ideal para chamarem a polícia e com ajuda de um profissional adentrarem ao fétido recinto e, por pouco, salvar o habitante dos domínios de Baco da morte.

Toda Fortaleza já sabia das condições de Siriará e se compadecia de sua situação. Dr. Antônio Filho, que era médico, foi quem tratou do comerciante, física e psicologicamente. Levou-o à igreja, deu-lhe conselhos de irmão. Disse-lhe que a morte não seria um fim, mas o começo, uma nova fase da vida, que seus entes queridos deveriam estar muito tristes com aquela sua condição.

Siriará muitas vezes dava de ombros, a vida já não o atraía. Segundo sua concepção, o caminho que sempre seguiu foi em vão, para que tanto trabalhar, tanto juntar e juntar e juntar... se a essência é o que realmente vale. Lembrara do que dissera sua mãe certa feita: “o dinheiro é demônio que

conquista facilmente, o fim é sempre o mesmo, já os meios variam por demais, a ponto de muitas vezes fugirem ao nosso controle, e é por eles que pagamos na eterna Lei do Retorno”.

* * *

No dia 28 de fevereiro de 1840, é executado no Largo do Paiol da Pólvora⁴² o escravo José, posse de Luiz Ferreira, por ter matado o senhor com um tiro⁴³. Siriará acompanhava, com vários outros cidadãos, inclusive senhoras e crianças, o preparatório funesto.

O acusado seria executado por enforcamento, já que em virtude de o Ceará estar em plena campanha de ajuda às tropas reais contra a Balaiada, movimento revoltoso gerado nas terras de Maranhão e Piauí, as autoridades acharam não valer a pena gastar uma bala, que fosse com um escravo.

Quando o negro subiu o cadafalso, houve aplausos. Enquanto o escravo batia pernas e estrebuchava pendurado pelo pescoço, um senhor a seu lado fez o seguinte comentário: “Era um bom homem quando sóbrio, mas se bebia, tinha sonhos de liberdade.”.

Respondeu: “O vício nos engana por aí, ele nos faz sonhar. Contudo, nos tira a força que transforma nossos sonhos em realidade. De qualquer forma, a liberdade não está na violência, mas na consciência que ultrapassa os limites do corpo. Se era liberdade que ele queria, agora a tem.”

O senhor quis saber se ele, como tantos outros ali, não se compadecia com aquela situação homicida. Respondeu-lhe que todos são responsáveis pelos seus atos. Portanto, aprendera não julgar ninguém, não tecia argumentos favoráveis nem desfavoráveis, mas o escravo também havia tirado uma vida. O outro argumentou que nada justifica a morte do homem pelo homem e que levaria toda sua jornada de vida a lutar contra situação tão infame. Era candidato a uma vaga na recente Assembleia Legislativa do Ceará e conhecia o negro em virtude de ele fazer alguns trabalhos domésticos, era um escravo de ganho, em seu sítio na Lagoa do Garrote.

Siriará disse-lhe que o poder, como todos os vícios, tanto aprisiona como liberta, fora a política responsável por aquele ato a que acabaram de assistir. Os políticos, que pela manhã baixam respeitosamente a cabeça para a

42. Antigo Campo da Pólvora, atual Passeio Público.

43. In “Datas e factos para a história do Ceará, tomo II, p.115, Barão de Studart.”

monarquia são os mesmos que à noite ovacionarão a república. Ninguém, por mais que tenha boa vontade, entra na política sem se macular com a ferrugem que dela se desprende. Ninguém muda mais de opinião que um político, o que ele escreve de manhã, à noite pode não valer mais nada. Que o perdoasse, mas não poderia ser partidário de algo tão inconstante, se fizesse uma analogia, o cadafalso era a política, a força era o voto, o carrasco era o político e a vítima, o cidadão.

O homem quis saber então se deveriam todos viver sem administração, “ao Deus dará”. Sirirará disse-lhe que não, mas que o poder não deveria ser dado tanto tempo a um indivíduo. Mandatos não se deveriam repetir em nenhuma instância que fosse, muito menos ser vitalício, quem passasse por um mandato político, jamais poderia assumir outro. Isso faria com que o poder obrigatoriamente circulasse, mesmo que os donos do patrimônio público elegessem seus parentes mais próximos, pelo menos tal atitude deixaria essa prática degradante mais onerosa. Também deveríamos diminuir em mais da metade a quantidade de vagas nessa Assembleia; para que tanto gafanhoto para tão pouco milharal?

O cidadão o olhava cada vez mais indignado e não tendo mais argumentos, apelou, como tantos idiotas fazem, para a ignorância, disse-lhe: “Eu o estou reconhecendo, você é aquele comerciante que virou alcoólatra em virtude da perda da família. Por isso, tem o coração tão amargurado, as pessoas sentem pena de você. Achei que estava querendo se reerguer na vida, fiquei sabendo que você está frequentando uma igreja. Essa atitude poderia o ajudar, caso resolvesse seguir o caminho da política, mas com esta amargura interior jamais poderia representar com amor os belos ideais de meu partido”.

Respondeu-lhe que tinha sim o coração amargurado, mas que não era só pela perda de sua família. Mas por perceber que os homens, projeto mais perfeito de Deus, não conseguiam entender que nenhuma felicidade é possível se não for coletiva, que do nada viemos e ao nada retornaremos, que a memória do homem é muito curta para a história da humanidade, para a história do planeta, que seus sonhos de poder e seu orgulho são insignificantes, em relação à história e que quando este mundo tiver que seguir seu caminho pelas veredas do Equilíbrio, essa raça só se salvará se pelo menos uma parcela de seu povo entender tal pensamento. Dito isso se retirou.

O senhor deu de ombros, certamente o antigo comerciante teria enlouquecido, devia ser a falta de dinheiro, ficara sabendo que ele havia perdido tudo que tinha. Inclusive sua casa, que teria trocado por algumas pipas de aguardente, e morava de favor.

Passou pela Rua dos Mercadores, havia dois meses que não bebia, pensou em tomar uma dose de pinga, procurou nos bolsos algumas moedas, nada. Não pediria cachaça a ninguém, era muita degradação, costumava ver como determinados bêbados se rebaixavam para tomar uma ‘cana’. Certa feita, presenciara algo terrível, Nêgo da Fulô, costumeiro alcoólatra da região, acordara todo se tremendo, doído por uma dose, a primeira do dia tinham que pôr em sua boca, já que o forte delirium tremens não o deixava servir-se sozinho.

Um dos mercadores, para fazer galhofa, disse que lhe pagaria uma dose, mas só um copo cheio que chamavam de terça, caso a tomasse de uma só vez. Nêgo da Fulô pediu para tomar devagarinho que sua barriga não estava boa, que não estava se sentindo bem. O mercador respondeu-lhe que só pagaria se fosse para tomar de uma vezada, que caso não fosse assim, quem deveria pagar a dose era ele mesmo.

O bêbado, não tendo outra alternativa, aceitou. Entornou um copo de 300ml cheio com a ajuda de colegas de vício e, ao término da bebida, olhou ao seu redor com olhos eclipsados, virou o corpo e caiu com toda a força no chão de areia fina e morto. Todos correram para acudi-lo, o mercador foi o primeiro, em vão.

No dia seguinte, todos foram ao enterro do escravo beber o defunto, fora seu dono quem pagara a despesa do féretro e do sepultamento no cemitério do Oitão, próximo à praia dos pescadores. Sua mãe, Fulô, chorara a passagem do filho. Siriará ficou feliz pelo escravo, estava enfim liberto dos vícios do mundo.

Apagou todos os pensamentos e fora para casa, ao chegar se depara com Dr. Antônio, um casal de senhores e seus dois filhos: uma moça de mais ou menos 15 anos e um rapaz de 16.

“Já estávamos indo embora, que bom que o encontramos, seria péssimo ter dado essa viagem em vão.” Disse Dr. Antônio.

Apresentou-lhe o casal, disseram-lhe que viajariam à América do Norte em poucos meses e que precisavam aprender a língua inglesa. O médico havia lhes dito que ele conhecia bem o idioma e que poderia auxiliá-los nessa empreitada. Siriará respondeu-lhes afirmativamente.

Seria assim como professor de Inglês que passaria a ganhar seu sustento novamente. Era bom negócio, havia poucos conhecedores do idioma empenhados à didática. Ficou conhecido em pouco tempo e não lhe faltaram alunos para conhecer o idioma comercial da cidade, já que o social era ainda o Francês.

Uma senhora da alta sociedade, esposa de um deputado, também começara a ter aulas com ele, exigiu um horário reservado. No fim da tarde, Siriará não possuía alunos havia deixado aquele horário para suas caminhadas diárias, gostava de andar pelas ruas da cidade, ir à rua da Feira Nova, no antigo Largo das Trincheiras. Naqueles tempos, praça Pedro II⁴², passava pela afamada Livraria do Oliveira⁴³, comércio de Joaquim José de Oliveira, ponto de palestras e encontro de intelectuais da época. Depois, dava uma passada na Botica do Ferreira, onde jogava gamão e conversa fora. Resolveu reservar esse horário para a jovem senhora, uma linda mulher, loira, olhos claros, rosto afilado, belos lábios, colo alvíssimo e totalmente negligenciada pelo marido, que só estava interessado na contenda política entre chimangos e caranguejos. Era frequentador também da Livraria do Oliveira, mas não frequentava a Botica do Ferreira, era seu inimigo político, fazia parte do grupo liderado por Major Facundo.

Siriará dedicou então tal horário à jovem senhora e deixou seus passeios um tanto de lado. O professor ensinou-lhe inglês e sexo, conforme ela mesma pediu-lhe. E como era de se esperar, as conversas de calçada alta e esquinas começaram a circular. São os olhos da maledicência a lente de aumento da sociedade e o abre-alas dos escândalos.

Em meados de abril, o presidente da província manda um batalhão de seis companhias, sob o comando do tenente-coronel Francisco Xavier Torres, para a fronteira com o Piauí. Por lá, os rebeldes Balaíos sob comando de Pedro Celestino ameaçavam uma invasão, fugindo que estavam da perseguição impetrada em sua respectiva província. Os revoltosos se entrincheiraram na povoação de Frecheiras, imediações de Granja e lá no dia 5 de maio, perderam

44. Futura Praça do Ferreira.

45. Hoje tomada pelo prédio do Centro Cultural São Luís.

mais de 200 homens em batalha sangrenta. Os cearenses, a maioria com chapéus de vaqueiro, motivo pelo qual ficaram conhecidos como cabeças-chatas pelos piauienses, os puseram em debandada.

No momento, em que recebia tal informação, na Botica do Ferreira, também fica sabendo que determinado político cearense havia matado a esposa grávida com seis tiros, quem lhe deu a notícia não conseguiu segurar e, com um sorriso de canto de boca perguntou-lhe se ele não estava com medo. O professor fez que não havia entendido. Calado que estava, ficou. Mais tarde, ficaria sabendo que o motivo do uxoricídio teria sido realmente adultério e, segundo populares, o feto era fruto desse ignominioso relacionamento e que o marido traído dissera, que o amante também sofreria represálias. Siriará deu de ombros.

Os anos se passaram sem que o professor sofresse qualquer atentado. Até que no início de 1857, passados 17 anos do acontecido, Siriará conversava com Francisco de Paula Tavares Coutinho, mestre de obras, com conhecimento que deixava arquitetos e engenheiros embasbacados. Fora ele o construtor da casa de Siriará, quando todos pensavam que em terrenos arenosos, prédios de mais de um andar não resistiriam em pé. Não tinha estudos superiores. Contudo nunca ninguém lamentou qualquer obra confiada a ele. Contribuiu diretamente para a renovação da arquitetura urbana dessa cidade.

Conversavam sobre o calçamento que se começava a pôr nas ruas de Fortaleza, protegendo os pés fortalezenses da areia quente do trópico. Tavares Coutinho, homem simples, questionava o trabalho tosco feito por operários sem habilidade específica e a qualidade da pedra, a grês ferruginosa, muito abundante no Mucuripe. Estavam na porta da casa de Siriará, quando passa vagaroso e os observando, cuidadosamente, o vagabundo conhecido por “rapa-coco”.

Tavares Coutinho disse que já o vira conversando várias vezes com o político que havia matado a esposa anos atrás. Eram amigos próximos o mestre-de-obras e o professor, com frequência jogavam gamão e tomavam vinho de ananás na Botica do Ferreira.

Tavares disse ao professor que abrisse os olhos. Um homem esquece que traiu. Nunca, que foi traído. Siriará deu de ombros e perguntou-lhe se o

político havia voltado para Fortaleza, pois ficara sabendo que o partido havia conseguido uma função para ele na corte, logo depois do homicídio. Tavares contou-lhe que ficara sabendo por terceiros que amigos, para tirá-lo do sofrimento de que padecia, organizaram sua campanha para deputado na corte. Mas que havia alguns meses estava o “corno” de volta a essas plagas.

Duas semanas depois quando Siriará voltava do diário jogo de gamão em casa de um amigo, passando pela escura travessa da Alegria,⁴⁶ recebeu uma facada por trás e caiu agonizando no chão com a faca enterrada em seu estômago. Passou parte da noite ali e sangrando. Só Deus sabe por que o professor não fora encomendado naquele dia aos domínios de Tânatos. Pela madrugada, duas almas caridosas o encontraram e conseguiram um carro puxado, por um cansado pangaré, para levá-lo à Santa Casa de Misericórdia, que abrisa suas portas naquele ano, mas não por muito tempo.

Depois daquele dia, Siriará voltara a sonhar, era um sonho recorrente: uma grande árvore de copa frondosa com frutos macios e saborosos, suas raízes alcançavam o centro do planeta, seu tronco possuía quatro ramos, altos o bastante, para que todos que dela quisessem se servir tivessem alguma dificuldade e esforço e, abaixo desses ramos, mais dois, cujos frutos são mais ásperos e murchos. As flores que brotavam dos ramos de cima eram azuis e vermelhas; as dos outros, brancas e negras.

Sua mãe sempre descansava à sombra de sua copa, agora acompanhada de Iracema que de longe sorria para ele, enquanto pajeava um casal de crianças a brincar nos jardins que circulavam o vegetal.

Sua mãe lhe dizia: “Vê, meu filho, eis a Grande Árvore do Universo, mas pode chamá-la Sabedoria. Muitos homens não passam de seus primeiros ramos e já se acham melhores, que todos os outros, pobres diabos. Aqueles que conseguem alcançar os ramos mais altos desse vegetal percebem que não há felicidade que não seja coletiva, que não há uma gente melhor que a outra e que toda maldade produzida, um dia volta à origem, assim como também acontece com o bem.”

46. Atual Pedro I.

Epílogo

*“Na minha terra,
As estradas são tortuosas e tristes
Como o destino do seu povo errante.
Viajor,
se ardes em sede,
se acaso a noite te alcançou,
bate sem susto no primeiro pouso:
- terás água fresca para tua sede,
- rede cheirosa e branca para teu
sono.
Na minha terra,*

*o cangaceiro é leal e valente:
jura que vai matar e mata.
Jura que morre por alguém – e morre.
(Brasil, onde mais energia:
na água, que tem um só destino,
do teu Salto das Sete Quedas
ou na vida, que tem mil destinos,
do teu jagunço aventureiro e
nômade?”⁴⁵*

“As árvores deixam que caíam suas folhas porque assim fecundam o solo novamente trazendo uma nova fase, assim devem agir os homens: deixem-se as mágoas a terra e aos ventos para que uma nova fase possa surgir em seu caminho trazendo aquilo que nunca acaba, porque não começa; que nunca perde, porque nunca ganha, mas que é um prêmio para quem alcança.”

Era o dia 8 de dezembro de 1841, eram mais ou menos 8 horas da noite, Siriará já tomava o chá de cidreira costumeiro, quando escutou dois disparos, ouviu a correria do lado de fora. Desceu à rua, loucura total. Todos na rua, pessoas corriam em direção à Rua da Palma. Outros de lá já voltavam gritando em alto e bom som: “Mataram o Major Facundo! Mataram o Major!”. Outros diziam que inclusive sua mulher fora atingida, “Mataram-no dentro de casa, assassinaram barbaramente Major Facundo, na maior covardia, estando a esposa ao lado!” Felizmente, ela sobreviveu, o Major não teve a mesma sorte, seus restos repousam na Igreja do Rosário, corredor à esquerda.

Depois daquele fatídico episódio, o professor deixou de andar tanto na Livraria do Oliveira, quanto na Botica do Ferreira. Ambos lugares de fortes

45. In Jader de Carvalho por Ângela Barros Leal, Edições Demócrito Rocha, 2000; “Terra Bárbara”

contendas políticas, sendo o próprio Ferreira um dos expoentes políticos de sua época. Siriará não se sentia à vontade, tendo que concordar, sempre, com a mesma verdade absoluta.

Siriará preparou um projeto para a educação de crianças pobres, mas como conseguir capital para levar o projeto em frente, se criara verdadeira aversão à política? Fez o que pôde, visitou comunidades, tentou recrutar alguns jovens que quisessem aprender gratuitamente as línguas pátria e inglesa. Contudo, encontrou resistência principalmente dos pais; os das meninas já o olhavam com desconfiança, os dos meninos diziam, principalmente, que menino homem tinha que aprender era a trabalhar para ganhar dinheiro.

Esse negócio de saber falar e escrever é coisa de filho de doutor e baitola. Só então compreendeu que seu mundo não estava preparado para o mundo, os filhos dos pobres eram direcionados a repetir a mesma sina paterna, mão de obra barata, gado de um coronel patriarca escolhido por cegos ancestrais, que lhe rendiam loas e sangue, reverências e suor, seu corpo e sua prole.

Os donos do poder se perpetuavam até o acordar da consciência coletiva e nada poderia mudar o destino daqueles que, tal qual calango ao sol escaldante, balançam a cabeça para a mensagem que recebem quando imploram por melhoria de vida: “Deem-me tudo de vocês, que lhe daremos a subsistência de troco”.

Sofrem desde a triste diáspora ou o triste acultramento enfiado goela abaixo e sem direito a dividir as riquezas do seu próprio bem. Contudo, não conseguem se desvencilhar dos falsos profetas da benfeitoria coletiva. Agora, a terra ironicamente ri suas lágrimas sem água para aquele povo em irreversível processo de evolução e todos nós já sabemos: muitas vezes para se ganhar é preciso perder. Aquele povo foi castigado por sua inocência aborígine, antes se matavam por terras melhores, por intrigas pessoais e éticas, várias tribos que viviam em constante contenda e que inocentemente, foram atraídos por novidades oriundas de um outro mundo. Na verdade, é muito fácil realimentar o fogo quando a brasa ainda queima. Pagam o preço. E cada um, a seu modo um dia acordará para então perceber que a união é o único futuro possível para o Equilíbrio.

Em fins da década de 1860, duas vezes por mês zarpavam do porto de Fortaleza, o “Ipojuca” e o “Pirapam” da Cia. De Vapores Pernambuco para Recife, Natal, Macau, Mossoró, Aracati, Acaraú e Granja e para São Luís, Parnaíba, Granja, Acaraú, Mundaú, Aracati e Mossoró partiam os vapores “Gurupy”, “Alcântara”, “Maranhão” e “Odorico Mendes” da Cia. de Vapores do Maranhão. No início da década de 70, vários estudantes vinham a Fortaleza para os cursos secundários, já iniciados por aqui.

Para o exterior, a “Liverpool and Northern Brazil”, empresa à qual Siriará constantemente prestava serviços de tradução e até contabilidade, partia duas vezes ao mês para Liverpool, com escalas em São Luís, Belém e Lisboa. Cruzavam o Atlântico os vapores “Agustine”, “Jerone”, “Ambroise” e “Bernard”. Finalmente a “Red Cross Line”, empresa que sem a colaboração de Siriará não teria tanto êxito aqui, fazia o mesmo trajeto que a concorrente, se deu tão bem que batizou um dos seus vapores com o nome de “Cearense”.

Somente em meados de 1840, o Ceará passou a oferecer uma formação escolar secundária a sua elite com a criação do Liceu do Ceará. Antes dele os jovens cearenses tinha de ir a Recife, Salvador ou a Corte prestar os cursos secundário e preparatório para as respectivas academias ali existentes.

Em meados de 1880, Fortaleza era uma cidade possuidora de uma elite letrada e de uma massa de analfabetos, o porto da cidade negociou 463 mil toneladas de mercadoria oriunda de 1.177 navios de longo percurso e, de cabotagem, 4.211 navios transportaram 1.812.500 toneladas.

Todo esse comércio incrementou a vida da cidade, sacas de algodão, o maior produto de exportação à época eram embarcados, recebíamos fardos de tecido inglês e francês, ferragens, caixas com garrafas e tonéis de vinho, cervejas, louças e cristais, calçados franceses, instrumentos musicais, farinha de trigo, manteiga, queijos do Reino, brinquedos, perfumes e tantas outras bujigangas.

Era uma “desbalança” comercial cruel.

Siriará a todos esses tempos sobreviveu, trancado em si mesmo, fechado em sua própria casa, meia dúzia de amigos, só saindo para um trabalho eventual ou para uma aula particular, um Casmurro, quase

machadiano, não fosse a crença que ainda tinha na humanidade. Cria que um dia seu povo acordaria do jugo cruel da ignorância. Cria que, um dia, determinado gado sairia da formação de rebanho a caminho do matadouro e os outros ao vê-lo, entenderiam que isso é possível, embora outros continuassem a gritar: “É por aqui o caminho, você está indo pelo lado errado, esse é o único caminho permitido a nós!” e, então, seriam conduzidos ao raciocínio lógico: nenhuma felicidade é verdadeira, se não for coletiva.

A dor de todo herói é a incompreensão da massa em relação a sua luta, muitas vezes, solitária em busca do bem comum.

Em 1902, o Cel. Guilherme Rocha, intendente à época, deu nova feição à antiga Praça Pedro II, então Praça do Ferreira. Arborizou-a e construiu um jardim a que deu o nome de 7 de setembro, em cada ponto angular da praça havia quatro quiosques: “Café do Comércio”, “Café Iracema”, “Café Elegante” e “Café Java”. Esse o mais antigo, datava de 1886, chegando a ser ponto de encontro da fina flor da cidade, de intelectuais e políticos, inclusive a famigerada trupe de escritores, pintores, músicos e intelectuais da Padaria Espiritual.

Siriará frequentava o “Café Iracema”, bebia duas cervejas, fumava um cigarrete, ficava tonto, ia a casa. Percebia como o mundo dava voltas, aqueles jovens, cheios de pensamentos e ideais, lutariam até a morte pela sobrevivência da humanidade. Até ficarem adultos e perceberem que o homem tornou-se o algoz do homem; que os sonhos de riqueza e poder que eles têm, só é possível com o suor de alguns, o sangue de outros e a miséria de muitos. Pobres moços, não têm proteção contra si próprios. As moças esperavam ser descobertas por algum príncipe encantado e perfeito, que só a elas renderiam tributos e loas, dar-lhe-iam filhos pródigos e brancos, família abastada e extensa. Tudo como acontece até hoje.

Em 1914, na gestão do prefeito Rdo. de Alencar Araripe, a praça foi inteiramente reformada, recebendo iluminação moderníssima, com cabos condutores subterrâneos. Siriará estava sentado num banco da Praça do Ferreira, eram 5 horas da tarde, o vento Aracati começara a soprar. Ele sentiu um forte e quente sopro. Estranhou, já que o Aracati deveria trazer brisa fria como era de seu costume. Levantou-se com dificuldade e a ajuda de sua bengala, olhou em direção ao mar. Ouviu as ondas batendo na prainha, o horizonte estava escurecendo.

Contudo, ele via uma luz, era uma luz diferente, parecia comunicar-se com ele, ouviu uma voz, estava longe mais a conhecia. Largou a bengala, não mais precisaria dela. Seguiu em frente ao caminho do mar. Era na prainha que estava quem o chamava. Caminhava com bastante dificuldade, arrastando seus 114 anos de aprendizado. Contudo sabia que ainda faltava alguma coisa, sempre falta. Mas já era hora de alguém vir chamá-lo. Há muito não sonhava, não via mais a Grande Árvore, não ouvia mais os conselhos de sua mãe. O tempo passava e com ele arrastava toda sua dor de haver tão poucos interessados no verdadeiro Equilíbrio. Contudo, carregava consigo a consciência limpa de ter feito sua parte. Siriará segue seu rumo em direção aos verdes mares bravios de sua terra natal, embora contemple o universo, vez ou outra olha para trás, como que para confirmar que aquela serra, a qual azula no horizonte vermelho do sangue do dia, lá ainda permanece.

Os parceiros

*Sonhar é acordar para dentro:
de súbito me vejo em pleno sonho
e no jogo em que todo me concentro
mais uma carta sobre a mesa ponho.*

*Mais outra! É o jogo atroz do Tudo ou Nada!
E quase que escurece a chama triste...
E, a cada parada uma pancada,
o coração, exausto, ainda insiste.*

*Insiste em quê? Ganhar o quê? De quem?
O meu parceiro... eu vejo que ele tem
um riso silencioso a desenhar-se*

*numa velha caveira carcomida.
Mas eu bem sei que a morte é seu disfarce...
Como também disfarce é a minha vida! ⁴⁶*

Mário Quintana

